casa
laboratório
ateliê

casa
laboratório
ateliê

processos e desenhos em tempos inacreditáveis

Organização e imagem da capa:
Glayson Arcanjo de Sampaio

Esta publicação foi desenvolvida na disciplina Poéticas do Desenho,
do curso de Artes Visuais Bacharelado / FAV-UFG ERE – 2020/2021

FAV
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

C334 Casa laboratório ateliê / Organizador, Glayson Arcanjo de Sampaio. – Goiânia: [S.n.], 2020.
227 p. : il.

Material desenvolvido na disciplina Poéticas do Desenho, turma 3º período de 2020 do curso Artes Visuais Bacharelado – Faculdade de Artes Visuais / Universidade Federal de Goiás.
ISBN: 978-65-00-15582-2

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Desenho – Estudo e ensino. 3. Educação. I. Sampaio, Glayson Arcanjo de.

CDU:

Bibliotecária responsável: Amanda Cavalcante Perillo / CRB1: 2870

SUMÁRIO

p.06 . **APRESENTAÇÃO**
p.06 . Glayson Arcanjo de Sampaio

ARTISTAS:
p.10 . Ana Carolina Irani de Souza Lobo Barreto
p.13 . Andrea Rodrigues Cavalcanti
p.20. Arthur Leal Monteiro Machado
p.25 . Badu (Emmanuel Felipe de A. Amaral)
p.29 . Carlos Henrique Pedro Camilo
p.35 . Cecilia Teodoro dos Santos
p.49 . Crizú (Ana Maria Silva da Cruz)
p.57 . Daniel Oliveira de Abreu
p.63 . Debora Letticya Gomes Dias
p.73 . Deborah Ester dos Santos Vasconcelos
p.81 . Felipe Santos de Souza
p.87 . Giulianna Vitoria Augusta Ramos
p.97 . Gustavo Gabriel de Oliveira
p.103 . Iassue
p.111 . Kei Jardini da Silva
p.117 . Letícia Nascente Gomes
p.121 . Lilian Oliveira Nunes Manso
p.131 . Luiz Gustavo Cândido de Andrade
p.138 . Manoel Oliveira de Figueiredo
p.143 . Maria Clara Curti
p.149 . Maria Raquel Gomes da Silva
p.157 . Na Bastos (Nathália B. Bastos)
p.160 . Nícolas Alves Montefusco
p.167 . Pedro Lucas Silva Menezes
p.171 . Sam Colodeto
p.183 . Thaysa Alarcão
p.191 . Wallison Diniz
p.197 . Wesley Gonçalves Cordeiro Rodrigues dos Santos

p.206 . **RELATOS, DESABAFOS POÉTICOS E OUTROS PENSAMENTOS**

Lançar-nos às virtualidades

Em setembro, quando iniciei a primeira aula no ensino remoto, estávamos em meio à pandemia e busquei novas maneiras de ofertar a disciplina *Poéticas do Desenho* para a turma do 3º período do curso Artes Visuais Bacharelado. De forma simbólica nomeei os *encontros* como *Casa/Laboratório/Ateliê*. Os 16 encontros foram divididos em dois módulos intitulados "Casa como Lugar de Ensino-Aprendizagem" e "Desenho em tempos inacreditáveis".

No encontro inaugural, sensibilidade à flor da pele. Ansiedade dos começos, compartilhamentos de telas, testagem dos microfones e câmeras de vídeo. Vivendo distanciados e em quarentena, encontrarmo-nos, mesmo que virtualmente, preencheu-nos de algum ânimo e esperança.

Comecei nossos encontros com a leitura de uma consigna para a turma, e que era igualmente uma provocação feita a mim mesmo. Como um *projétil*, lancei-me junto com aquelas palavras e o som da voz preencheu os espaços invisíveis. A voz alterou a materialidade das palavras escritas com caneta bic pouco antes daquela leitura. "Nada é por acaso", consigna que dá título ao texto manuscrito que se inicia assim: "Nada é por acaso. Estar aqui agora. O dia de hoje. Esta manhã. Ter dormido tarde. O ensino remoto. A alegria do reencontro. Estar nesse longe perto. Ver vocês em janelinhas".

Este pequeno texto era um convite para desenhar e escrever a partir da consigna que abriu caminho para o que a disciplina foi se tornando.

Propus, então, algo para eles: viver e olhar para a casa ateliê.

Casa/Laboratório/Ateliê

Durante os encontros, propus outros modos de nos relacionarmos e transitarmos no interior do ambiente virtual, inserindo na esfera artística preocupações atuais como a situação da pandemia, o contexto do distanciamento social e as relações de ensino remoto.

A Casa me conduziu, como artista e docente, a elaborar estratégias e me aventurar nas possibilidades do ensino-aprendizagem das artes visuais em ambiente virtual. Mas a Casa foi, concomitantemente, espaço ampliado que inaugurou processos de criação entre os estudantes, apontando para a importância da dimensão afetiva do encontro como fator imprescindível do sentido, visto e vivido por cada um de nós, fazendo diminuir a importância dada ao estritamente estético ou ao virtual, para dar atenção a aspectos mais humanos neste momento de pandemia.

Os diálogos foram constantes ao longo dos encontros ocorridos no segundo semestre de 2020. Neles, o principal foi considerar não somente a ideia de obra como sendo o resultado da coisa pronta e finalizada como um produto, mas destacar algo que se amplia no que é processual e perpassa diversos entendimentos e noções do desenho e o ato de desenhar. Cabe lembrar que há, na criação em arte, um caráter experimental que repercutirá diretamente na elaboração e constituição daquilo que está se gestando - verbo no gerúndio que ressalta o estado de algo que está em constante movimento e que permite abrir brechas para o agitamento de ideias, matérias, superfícies e corpos.

Desenhar (coletivamente) a publicação

Fruto do envolvimento de estudantes-artistas em formação, a publicação *Casa/Laboratório/Ateliê* foi criada como exercício de construção coletiva e elaboração de outros modos de exposição diante da impossibilidade da realização de uma mostra dos processos no formato presencial.

Entrar nessa Casa/Laboratório/Ateliê é como adentrar os labirintos do pensamento, percorrer as múltiplas instâncias do desenho, revisitar estratégias individuais e ações instauradoras de processos.

Em tempos incertos e inacreditáveis de quarentena e distanciamento, e impossibilitados do convívio social, podemos enveredar pelas páginas engendradas por muitos e agora habitadas não somente por desenhos e palavras, mas por algo do que fomos, em nossas vontades e desejos, ideias e sonhos, dúvidas e inquietações, acompanhados do sentimento de estarmos vivendo em errância, ora acreditando termos acertado em alguns momentos, ora fracassando em tantos outros.

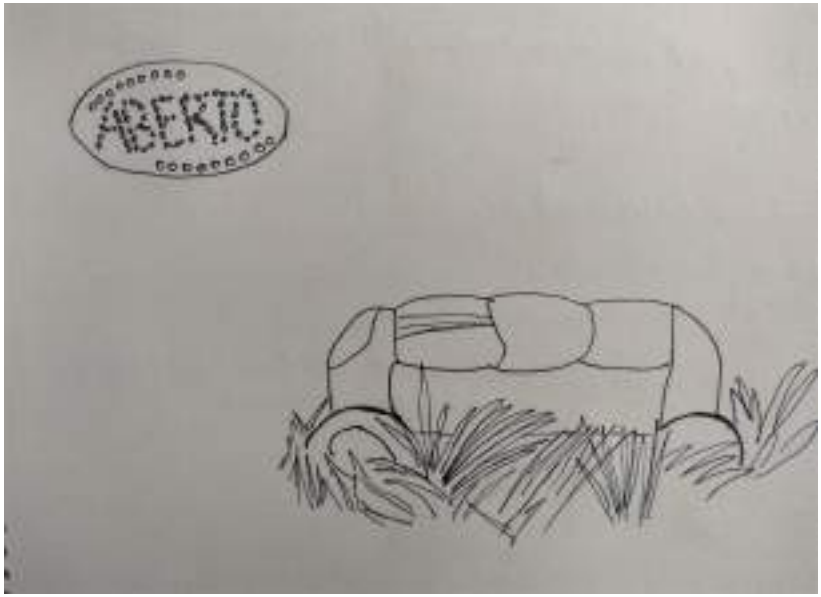
Esta publicação é um convite para você seguir pelas próximas páginas como quem atravessa portas e janelas, para habitar conosco essas casas e lugares vivenciados por cada um de nós durante a quarentena.

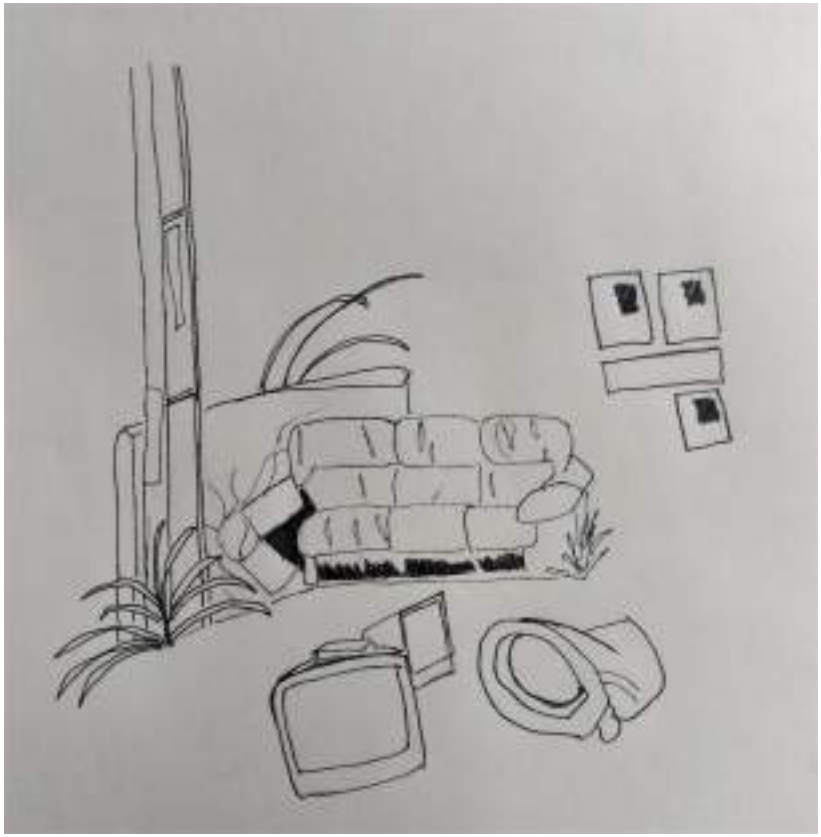
Glayson Arcanjo de Sampaio

Dezembro, 2020

Mesmo sem pedir nós nascemos, mesmo sem querer nós estamos e as coisas não acontecem assim por acaso, ou acontecem, talvez seja um pouco pretensioso acreditar que todos os acontecimentos tenham utilidade. Observo o mundo a minha volta e consequentemente a mim, fazendo o trabalho inverso todo o tempo, indo e voltando como quem nunca se satisfaz com as descobertas, pelo contrário, se instiga a procura de mais. Meu corpo, as pessoas, os costumes, a cultura, os objetos, tudo coexistindo no mesmo espaço-tempo. Percebi que o mundo a minha volta e os sentimentos se interligam e estão mais fora do meu controle do que eu imaginava, no exato momento em que estive longe e senti falta de um lugar que me gera desconforto, mas que me conforta mais do que o desconhecido. Tudo existe sem que eu faça muito esforço e mesmo que eu não preste atenção, tudo me influencia e compõe quem sou.

Me mantive em movimento pelas ruas, assim como estou em movimento dentro de mim mesma todo o tempo. Movimento sem fim e sem pretensão de respostas definitivas, aceito o processo como parte do que sou e dos rizomas que me formam, a conclusão é só um breve momento que faz parte de uma rede de mil outros processos. Mas ainda me instiga: o que vem depois do fim das coisas? Enquanto isso, o descarte forma cômodos nas ruas, cômodos mortos que ninguém vai habitar, e que não ficarão ali para sempre, mas até que alguém o desfaça, ou até se degradarem com a chuva e o tempo leve, dando aos móveis outras funções para além do que os foram designados, nem o descarte me parece ser fim, tudo é processo em algum nível.


ABERTO



A casa como laboratório

Tudo estava indo bem, na normalidade do dia a dia. Mas de repente a vida de todos mudou radicalmente com um surto de uma pandemia do Covid19 que começou na China alastrando-se pelo mundo. Assim, tivemos que enfrentar uma nova realidade, permanecer em casa no isolamento, usar máscara, redobrar os cuidados com a higiene para evitar contrair esse vírus.

Para mim não foi ruim ter que ficar em casa, pois sempre fui caseira. Em casa me sinto bem, onde faço vários experimentos, adoro criar, estou sempre fazendo algo novo, mudando cada cômodo.

Foi um desafio ter que sair da casa dos meus pais onde nasci e cresci, eu amava minha casa, criei muitas coisas, era meu atelier e meu laboratório. Mudei recentemente, aqui me sinto igual ao poema de Vinícius de Moraes: “Era uma casa muito engraçada… Não tinha nada”.

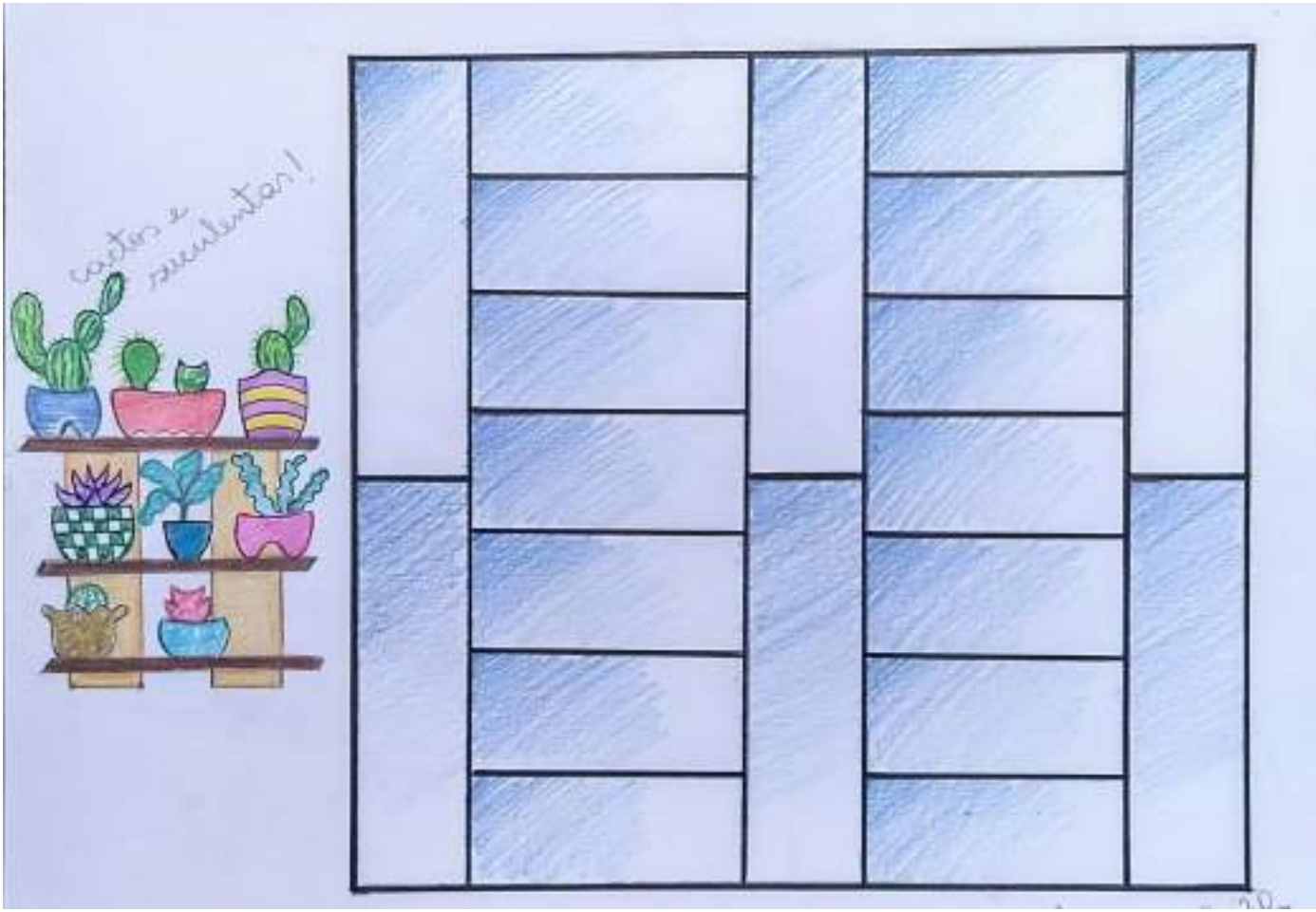
E com minha criatividade comecei mudar e modificar cada cantinho para se tornar acolhedor, colocar um olhar mais atento, onde muitas coisas em casa passam despercebidos, dando continuidade ao atelier de criações e experiências, pois amo o que faço.

O quarto da minha filha era muito sem graça, pequeno, que por algum tempo utilizei como despensa, até conseguir modificar, hoje está uma gracinha com mais vida, acolhedor, apesar de estar faltando alguns detalhes.
Me serve como laboratório para as experimentações. Já pintei as paredes de várias cores. Foi rosa, azul, verde água, de triângulos, de listras. Hoje, elas são só brancas. Com certeza ele ainda mudará muito. Mas a cada mudança, seja grande ou pequena ele sempre está em sintonia com o gosto, personalidade e preferências da minha filha.

Cada canto tem uma criatividade, no meu quarto também tem muitos desenhos, adoro desenhar e pintar,qualquer superfície serve. Amo cores, seja nas mobílias, quadros ou paredes, tudo se transforma. Minha casa é o lugar em que posso encontrar o máximo. Como se estivessem abertos diante de mim, todos os caminhos do mundo.
Vou encher minha casa de flores, eu escolho a tinta. O colorido da vida pintado na parede é o reflexo expressado em riscos, formas e cores.

No dia a dia em casa não percebemos ou então nem reparamos as coisas ao nosso redor. Aquele chinelo que se tornou seu principal acessório nesse tempo de pandemia e não importa a cor, largados na beirada da cama ou num canto qualquer, quietos repousam, são companheiros que na sua banalidade nos trazem pequenas praticidades.

Com a pandemia do Covid, aproveitei o máximo meu tempo, como minha casa é um grande laboratório, fiz um suporte de madeira e vasinhos de cimento de vários modelos e bem coloridos, para as plantinhas de suculentas e cactos, minhas preferidas, que ganhei e sou apaixonada. Depois de prontos coloquei para enfeitar minha janela, que clareia minha cozinha com luz do dia.



No quintal à sombra de uma árvore do cerrado um formigueiro, onde várias formigas trabalham incansavelmente, é bastante curioso observá-las, pelo esforço de equipe, muitas carregam coisas bem maiores que elas, notei isso enquanto elas cortavam meu pézinho de limão.
Imaginando o quanto organizadas elas são.

No tempo, nada é por acaso. A dor e a perda são partes da vida. Não saberemos porque tais coisas acontecem. São tempos difíceis. Todo mundo fala, triste, indignado, mas não se entregue, lute. Dias melhores virão, continuo acreditando que os melhores dias são construídos pela paz que transmitimos aos outros, a forma que lidamos com as pessoas e nossos atos e o sorriso que a gente leva mesmo quando a alma chora. A vida tem muito disso, certas coisas se vão para outras chegarem e nunca deixar de acreditar que tempos melhores virão.

entender a vida em sua dimensão processual e a criação como essa atividade inevitável. deixar vazar a palavra, o rabisco, o pensamento. insistir no incerto, devagar e sempre. não prender o fluxo, senti-lo no corpo, na barriga, no peito. não temer o erro, adorar o tédio. lembrar da morte. ser generoso no amor. não se habituar ao mais fácil. e uma força misteriosa nos move e esse momento de agora tem um ar de eternidade. ser submisso a realidade, ser escravo dessa mestra toda-poderosa, não resistir. ouvir o orgulho falar. sentir o pensamento vir do fundo da cabeça à testa, ouvir as ideias que o corpo fabrica. organizar as impressões em palavras, expressá-las. estar no caminho, a mudança gradual, de grão a grão, tijolo por tijolo, passos de tartaruga. conhecer a natureza do corpo. ser essa coisa que se é. lembrar de comprar aveia amanhã no supermercado.

BADU

Viagens insólitas

Enquanto o mundo se acaba aos poucos por de fora da minha casa, um outro se destrói por dentro do meu próprio ser. Recluso, vedado e isolado, não muito pude fazer para traçar caminhos em rotas desconhecidas.

Quando a Terra parou, eu não parei por mim. Fui parado fisicamente, mas por dentro ainda existia um universo paralelo que não cessou nenhum pouco.

Viagem Insólita (1987) é um filme que mostra a saga de uma personagem por dentro do corpo humano e creio que sempre me fascinou essa ideia de viajar por dentro do ''eu'' para compreender mais camadas a se descobrir.

Quando o mundo parou, só restou se virar para o meu eu e contemplar aquilo que está ali. As forças que coordenam minha caminhada estão ali dentro e ninguém pode negar, estão aqui dentro e eu não posso negar.

Os trabalhos desenvolvidos versam sobre isso, sobre as possibilidades do meu interior nas suas viagens e sua incrível capacidade de ser para além das barreiras da matéria... para além da matéria e enfim a Arte.

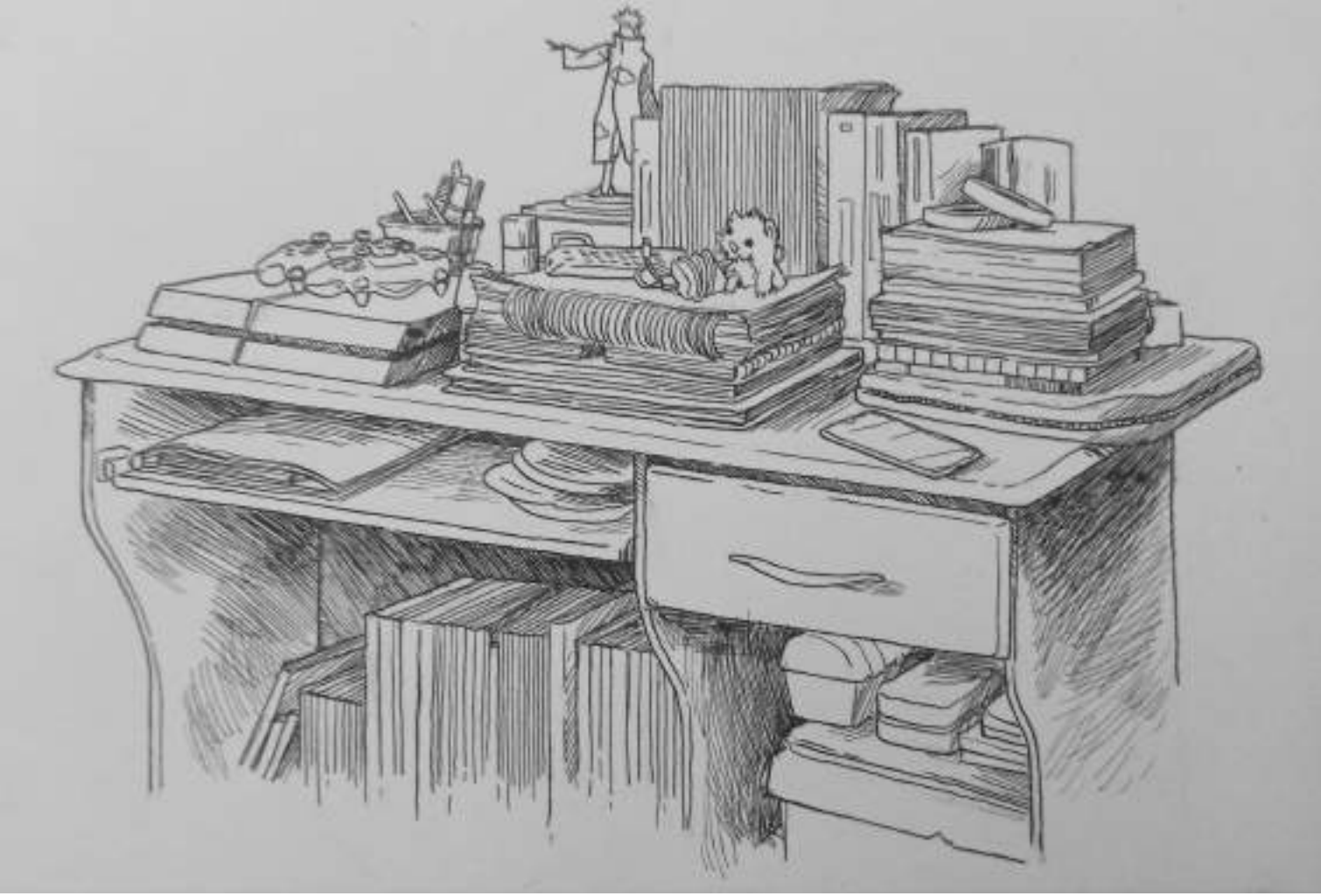
CARLOS

Minha casa/quarto individual

Estamos todos passando por momentos difíceis nessa quarentena, a pandemia causada pelo surto de Covid-19 mudou totalmente nosso dia a dia e nos impôs formas diferentes de enfrentar e visualizar os ambientes nos quais estamos, em especial, nossas próprias casas. Ficamos mais tempo dentro de nossas residências e isso pode nos dar inspiração para pensarmos essa nossa relação com esse ambiente.

Foi pensando nisso que desenvolvi essa minha sequência de estudos e contemplações para esse ambiente casa no qual vivo e passo o dia todo em desfruto.

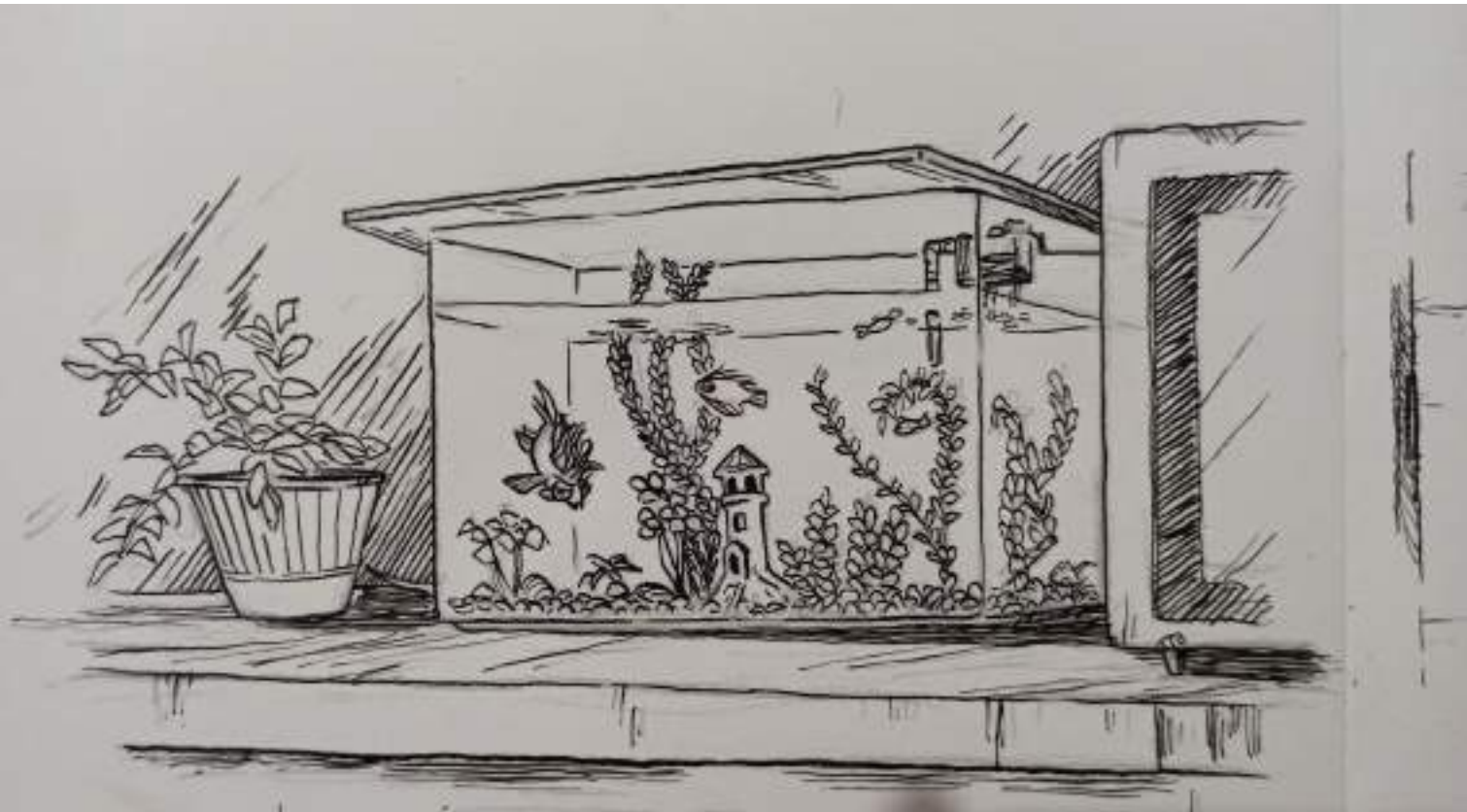
Inicio essa exploração em meu quarto, um espaço para mim, de descanso e concentração, onde posso depositar todas as minhas ideias, e onde flui a energia vital de todos os meus momentos. É neste local, o quarto, onde passo a maioria do meu tempo durante essa pandemia, e onde guardo a maior parte do meu significado, minhas coisas e meus pensamentos. O quarto entra como papel de casa, dentro da própria casa.



Logo de início já começo representando minha estante através de um desenho. Esse objeto, canto e pedestal, que uso para guardar partes de mim, e de minhas vivências. Esse lugar de refúgio, que demonstra tantas coisas sobre mim, meus gostos, prazeres e passatempos. Realmente um canto primordial nessa minha casa quarto, que busco explorar e expor meus livros, materiais artísticos, aparelhos de lazer e objetos variados, coisas que realmente vem compondo esse meu dia a dia.

Não cessando por aqui, continuo essa investigação, procurando e representando momentos, objetos e lembranças.

O quarto, meu refúgio principal, mas não único. Exploro agora a casa como um todo, e observo seus detalhes, cantos e formas. O que antes não era percebido por mim, em simples linhas, agora toma forma. Com essas linhas busco mostrar minha percepção e visão desse momento, não somente o momento pandemia, mas também o momento único de se estar ali sentado e representando algo tão importante e comum em meu "viver individual", em uma folha de papel. Cada traço é importante e completa um todo.



Com o tempo, meus traçados ganham forma e mais segurança, e agora, depois de tanto explorar esses espaços, sinto que é o momento de voltar para os primórdios. O quarto, que inicia essa aventura, agora também finaliza essa caminhada. Com a porta do meu quarto, esta que carrega os traços de meu percorrer, fecho e dou conclusão para essa estadia, e completo esse ciclo de conhecimento, por hora.

CECILIA

Para a casa que eu habito, da casa que habita em mim.

A seguir uma ode, uma cantiga de amigo, um poema, três estrofes serrilhadas de alvenaria, tinta, canetinha e o que mais meu estojo tinha.

Casa, Casa com luzes acesas e Vizinho foram as expirações das inspirações que refletiram o tema proposto durante o semestre. Um olhar com carinho para a estrutura que me compreendeu por anos inteiros da minha vida, e para a metáfora que se transformou e conversou comigo durante o caos do ano de 2020.

Casa

É SOBRE EXISTIR E MORAR NUM ESPAÇO
POR MAIS QUE A ESTRUTURA PAREÇA NÃO MUDAR
NÓS MUDAMOS, E CRESCEMOS TODOS OS DIAS
NESSE LUGAR.
ENTEDO QUE TEMOS A NECESSIDADE
DE DEIXAR PEGADAS POR ONDE PASSAMOS,
E ESSAS FORAM AS MINHAS.

Casa

A QUESTION FOR ME

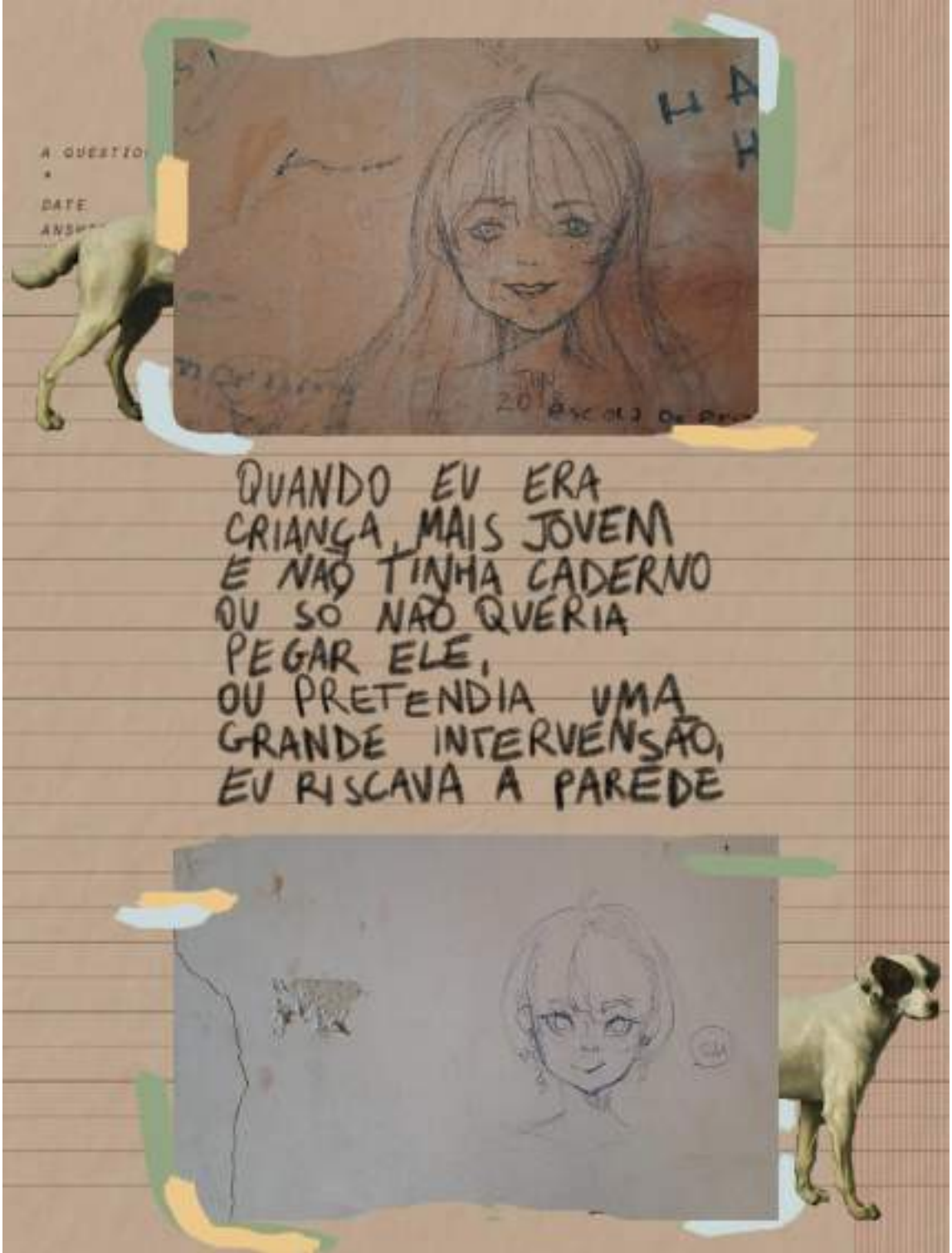
•

DATE

ANSWER ABOUT THAT

CASA:

EDIFÍCIO DE FORMATOS E TAMANHOS VARIADOS, GERALMENTE DE UM OU DOIS ANDARES, QUASE SEMPRE DESTINADO À MORADA


QUANDO EU ERA
CRIANÇA, MAIS JOVEM
E NÃO TINHA CADERNO
OU SÓ NÃO QUERIA
PEGAR ELE,
OU PRETENDIA UMA
GRANDE INTERVENÇÃO,
EU RISCAVA A PAREDE

A QUESTION FOR ME

DATE

ANSWER ABOUT

A casa que eu habito não se move, mas eu me movo, e me mudo todos os dias dentro dela

HABITAR:

OCUPAR COMO RESIDÊNCIA; MORAR

tudo que eu fui
e deixei de ser
Passou por aqui
e marcou aqui

EU VOU E VOLTO
MAS AS MARCAS
DE LAPIS E CANETA
NAO.

QUESTION FOR ME

ATE
NSWER ABOUT THAT

NO MÊS DE NOVEMBRO
VÃO PINTAR A CASA,
ESSE É O ULTIMO REGISTRO
DESSAS MARCAS

UM NOVO EDIFÍCIO
SE ERGUE
UM VELHO LAR
SE DESFAZ

Casa com luzes acesas

É SOBRE AS JANELAS E LUZES QUE COMPÕE UMA CASA
A PAISAGEM POR DETRÁS E A IMAGEM QUE SE FORMA SOZINHA
ATRÁVEZ DESSES ESPAÇOS CONSTROEM A CASA.

Vizinho

É SOBRE SAUDAR O CONTATO HUMANO,
SAUDADES DE AGLOMERAR. O VIZINHO É UMA IMAGEM AMIGA
QUE TRAZ CONFORTO E LEMBRA CARINHOSAMENTE
DE BONS AMIGOS EM BONS TEMPOS.

C/R
2010

CIRJ
2010

CIRI
2010

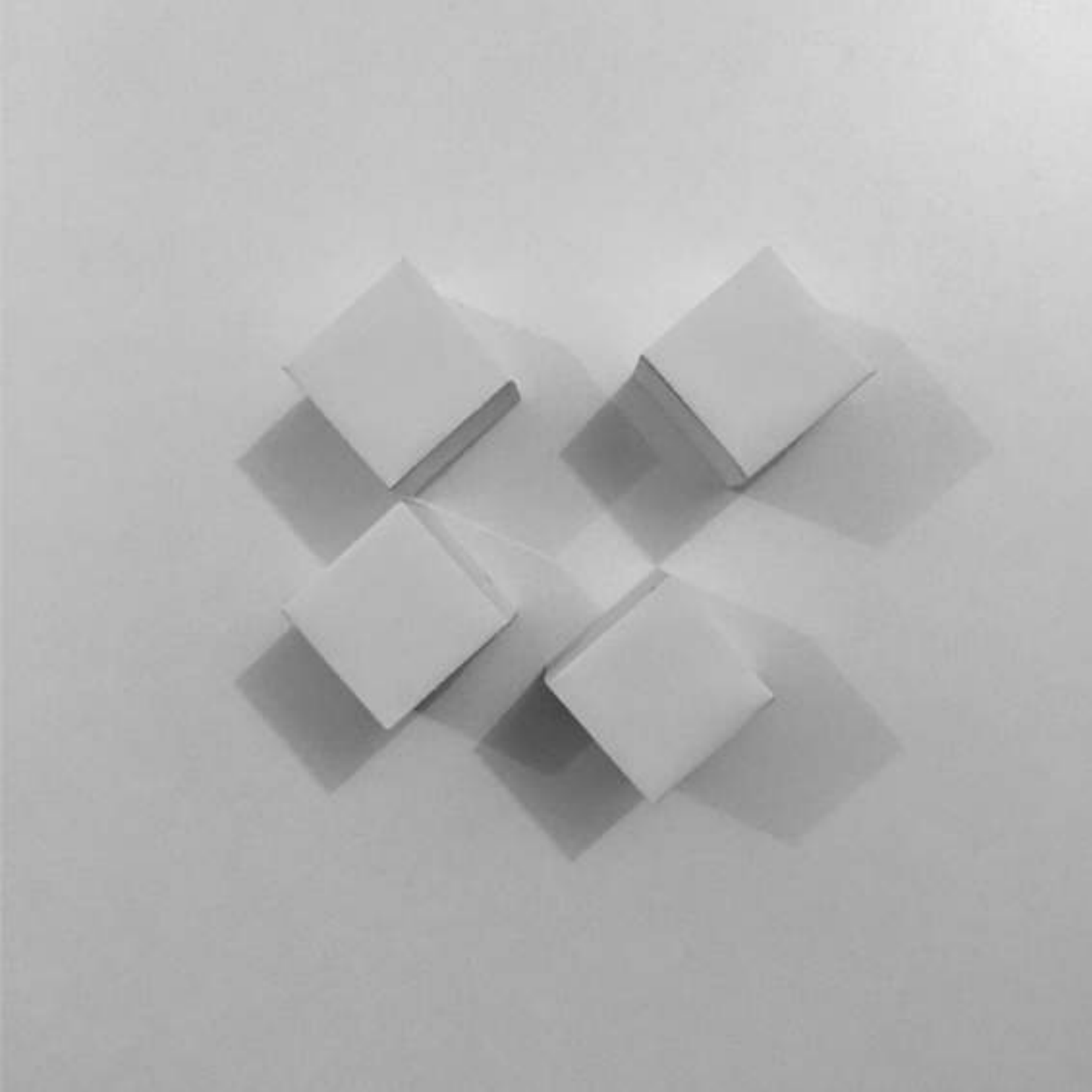
Desenhos de uma mente em cubos

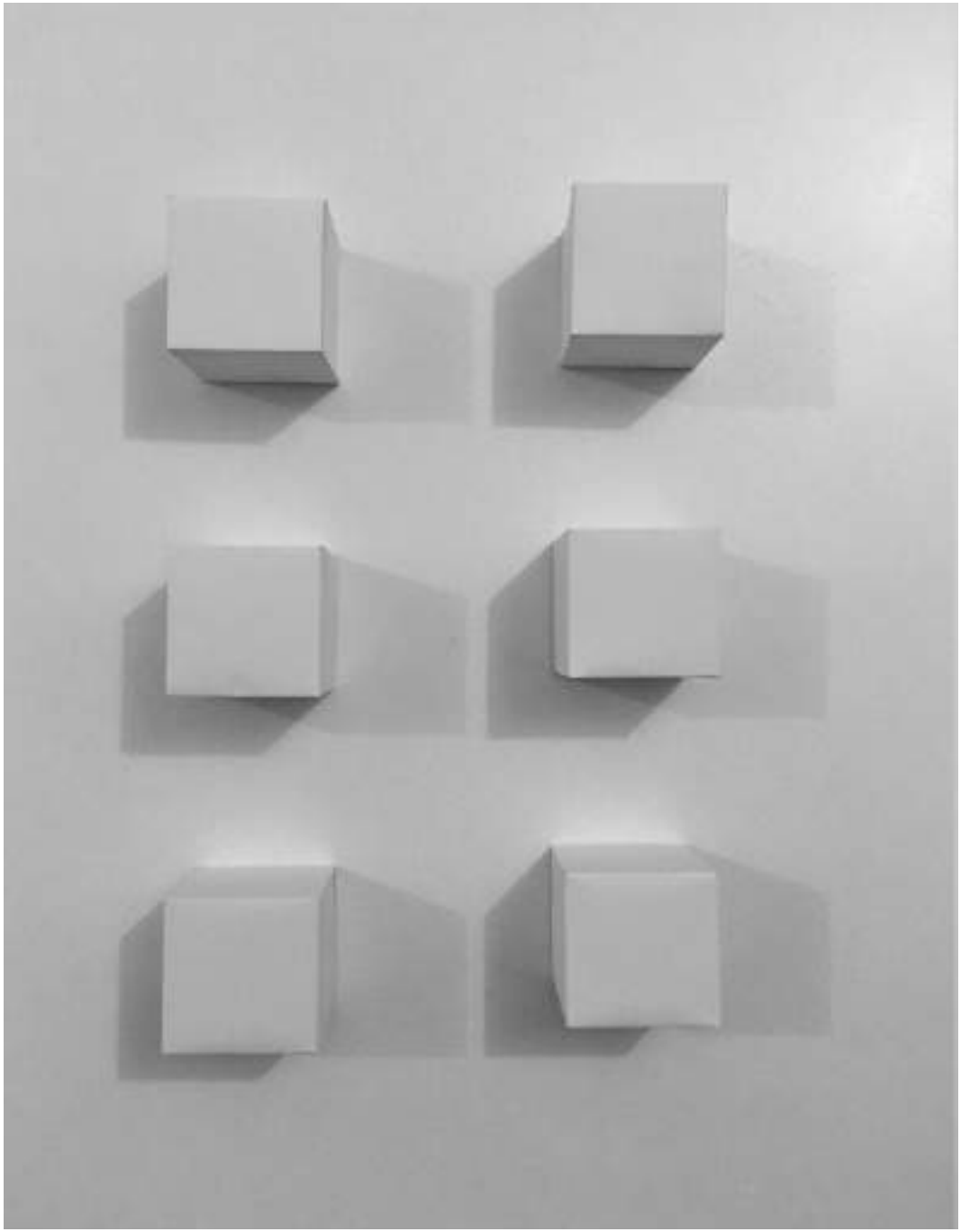
Já faz um tempo que a forma do quadrado me chama a atenção, não pelo formato em si, mas pelo que representa para mim. Uma forma simples, que facilmente poderia se encaixar em qualquer lugar, se empilhar como um bloco em uma construção, mas comigo sempre foi o oposto, se encaixar nunca foi o meu forte. Para mim, um quadrado é uma caixa fechada, uma prisão, que não tem liberdade para ser o que é, mas é o fruto de uma moldagem, e passa a ser aquilo que fazem dela.

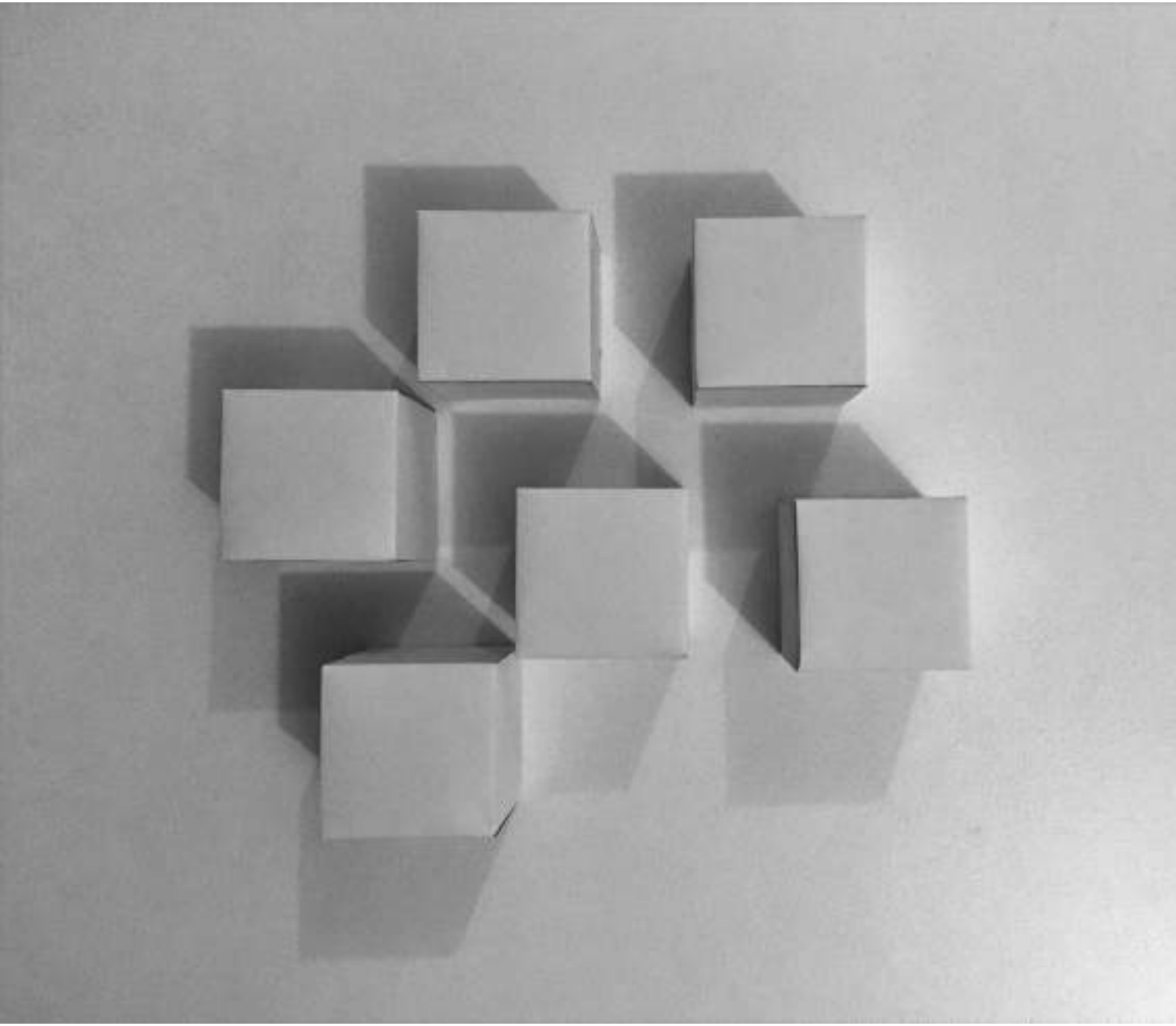
Uma folha de papel, deixa de ser o que é a cada dobra que recebe. Ao se dobrar ou amassar um papel, ele jamais volta a ser o que era antes. Faço uma analogia entre o papel e o ser humano, pois assim como esse material, a cada fato vivido, uma marca é deixada e muda a pessoa de diferentes maneiras.

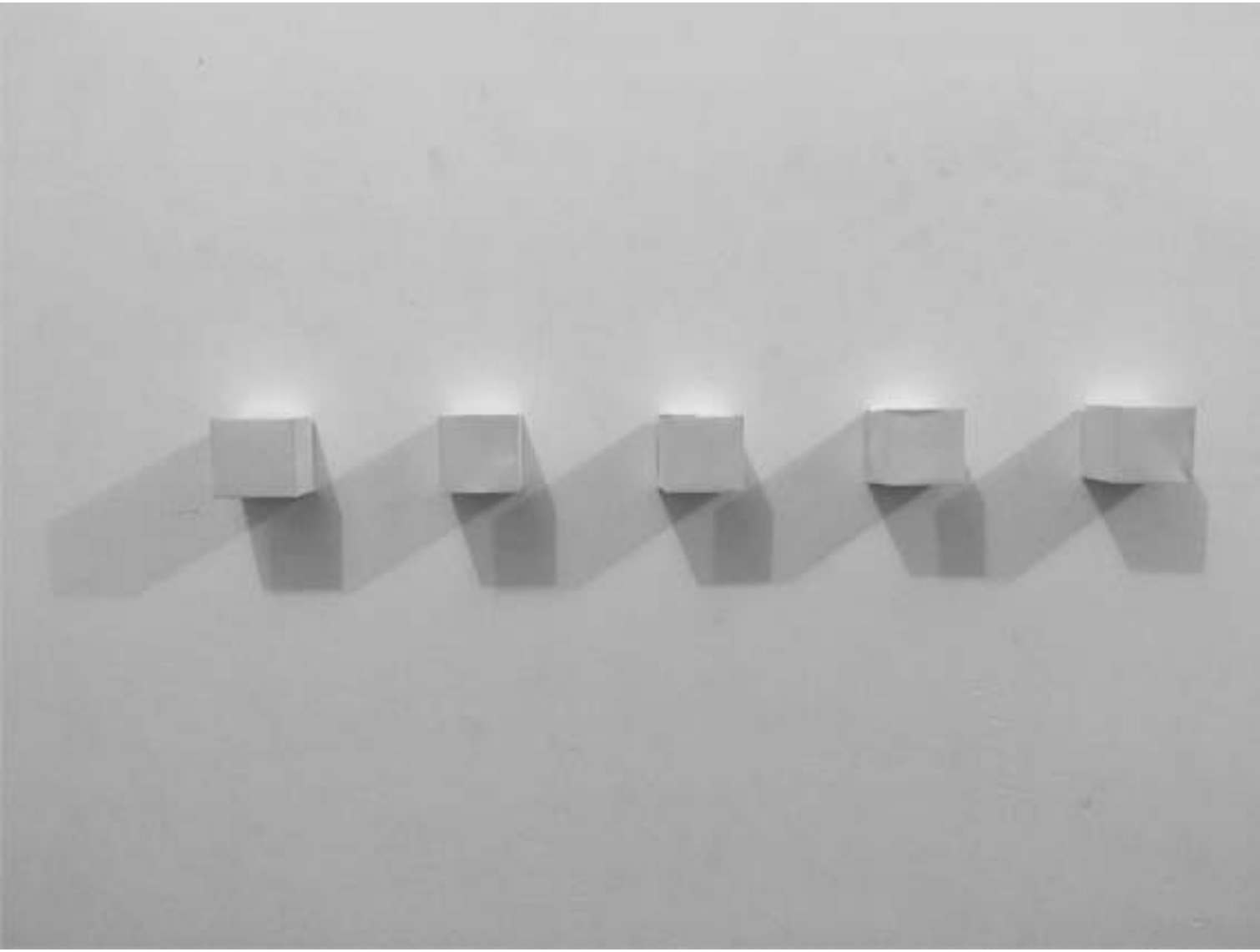
Na ânsia por liberdade faço do quadrado um cubo, faço das sombras os desenhos e através das direções das luzes, os seus tons. Desenhos... os desenhos de um cubo, que apesar de uma forma sólida, produz sombras diferentes, que se alongam e recuam, se cruzam e se agrupam.

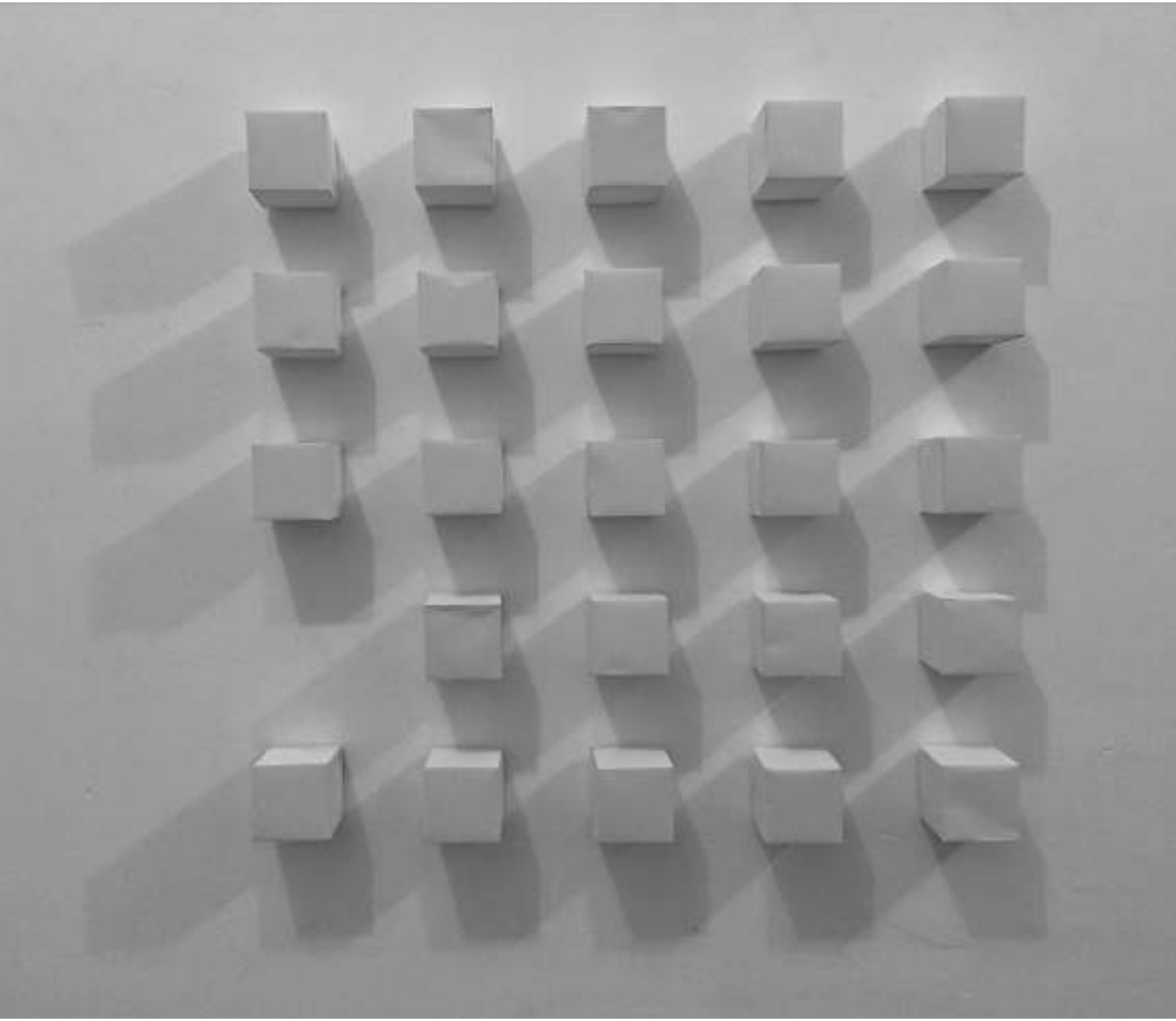
Faço do papel a minha tela e da sombra o meu lápis.

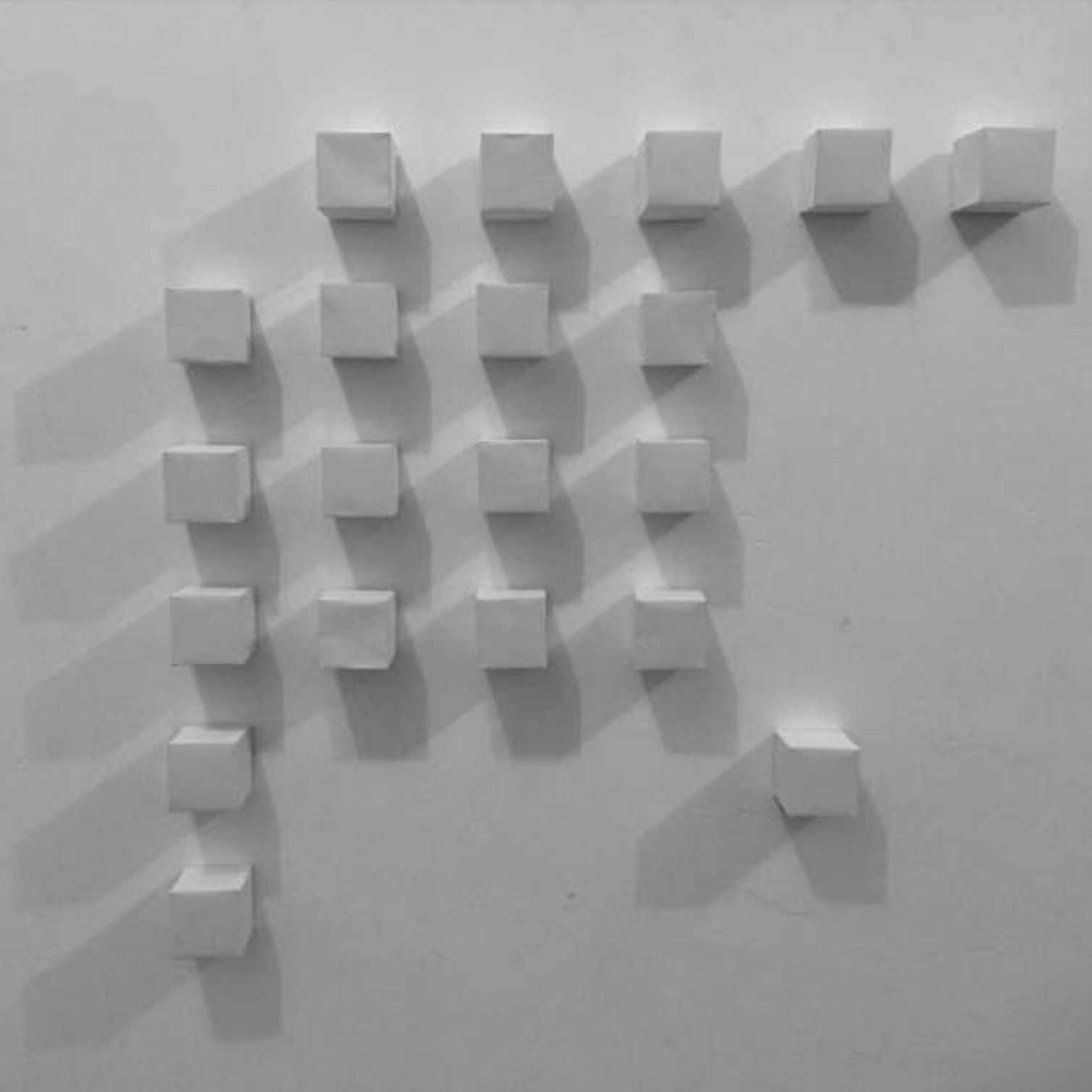












Memórias dos caminhos

24 de agosto

Por uma última vez fui o seu cúmplice, com mãos trêmulas e olhos encharcados cortei o fio vermelho da bomba relógio. No fim da noite estávamos sentados em um gramado molhado admirando as explosões que tínhamos causado.

Estou feliz por estar aqui com você, porém, sei que amanhã acordarei sozinho e serei obrigado a seguir um caminho diferente do seu.

15 de outubro

Estou andando dia após dia, os caminhos são por sua vez misteriosos e quase sempre frios. Quando olho para trás não te vejo mais, acredito que neste momento você também está vagando pelas ruas em busca de algo que te complete. Estou feliz por estar sozinho, mas ao mesmo tempo estou triste por não estar sozinho com você.

Eu sei aonde quero chegar e não poderei mais voltar. Porém, mesmo seguindo caminhos opostos sempre teremos uma ligação.

DAVÉNR

14 de novembro

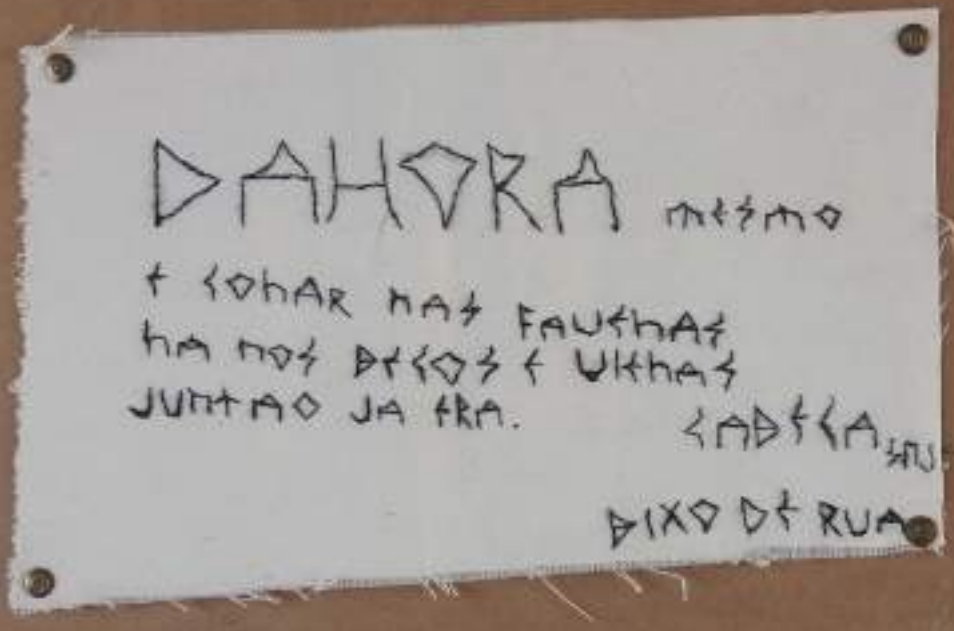
Quanto mais sigo em frente menos eu olho para trás, sei que você está cada vez mais longe. Ultimamente meus olhos têm se concentrado em um outro alguém.

Ele volta e meia cruza o meu caminho e finge um acaso, acredito eu que não seja apenas coincidência, o que deixa toda situação um tanto engraçada. O caminho tem me ferido, hoje quando ele cruzou meu caminho ao invés de seguir outra direção, ele andou comigo por um certo tempo. Estou, sem dúvidas, encantado por ele.

DANINK

Debora L

Os trabalhos a serem apresentados foram todos realizados durante a quarentena imposta pela pandemia causada pelo vírus covid-19. Vendo-os reunidos me fica evidente alguns padrões que se repetem, linguagens (como o pixo, a pichação), que tenho tido bastante interesse em explorar e o uso do dialeto usado nas "quebradas" que tenho convívio. Essas *representações* falam muito desse tempo reclusa dentro de casa, mas também falam muito do mundo lá fora – especialmente da rua – a rua como cultura, linguagem, e formadora de identidade.


DAHORA mesmo
e sohar nas fauthas
ha nos dedos e ulthas
juntao ja fra.
sadeca
dixo de rua

bordado página 65

Trecho de música, cabeça snj. 2020, bordado com linha preta em algodão cru escrito com letra de pichação, dimensões variadas.

Tradução: Dahora mesmo é colar nas favelas, lá nos becos e vielas, juntâo já era.

Cabeça Snj.

RUA 8 - Mensageiros • Cabeça SNJ

colagem página 68

Diálogo, quarentena mood. 2020, colagem manual com escritos em letra de pichação.

Diálogo:
Astronauta – Alô! Alô! Aqui é o astronauta na voz, falando diretamente da lua, tem alguém na escuta ?

Badfish – Salve! Salve! Tu é aquele maluco lá o Peixonauta? Aqui é o Badfish, satisfação.

Badfish – Pô mó tédio aqui, chama nois pra dar um pião. Quarentena tá osso.

Astronauta – Jae tô brotando ai.

AHO! AHO!

AQUI É O ASTRONAUTA NA LUA, PEDINDO

DA LUA.

DIRETAMENTE ESTÁ ANGUSTIA NA ESSUNTA.

ÉPUS! ÉPUS!

TU É AQUELE MENINO NA O PEIXONAUTA? — AQUI É DADRIÉL EXPLICAÇÃO.

— JÁ ÉS DROGADO AI.

MOO...

— PÔ NO ESPIO AQUI SEMPRE NOIT PRA UM PIÃO.

QUARENTENA TA OCEO.

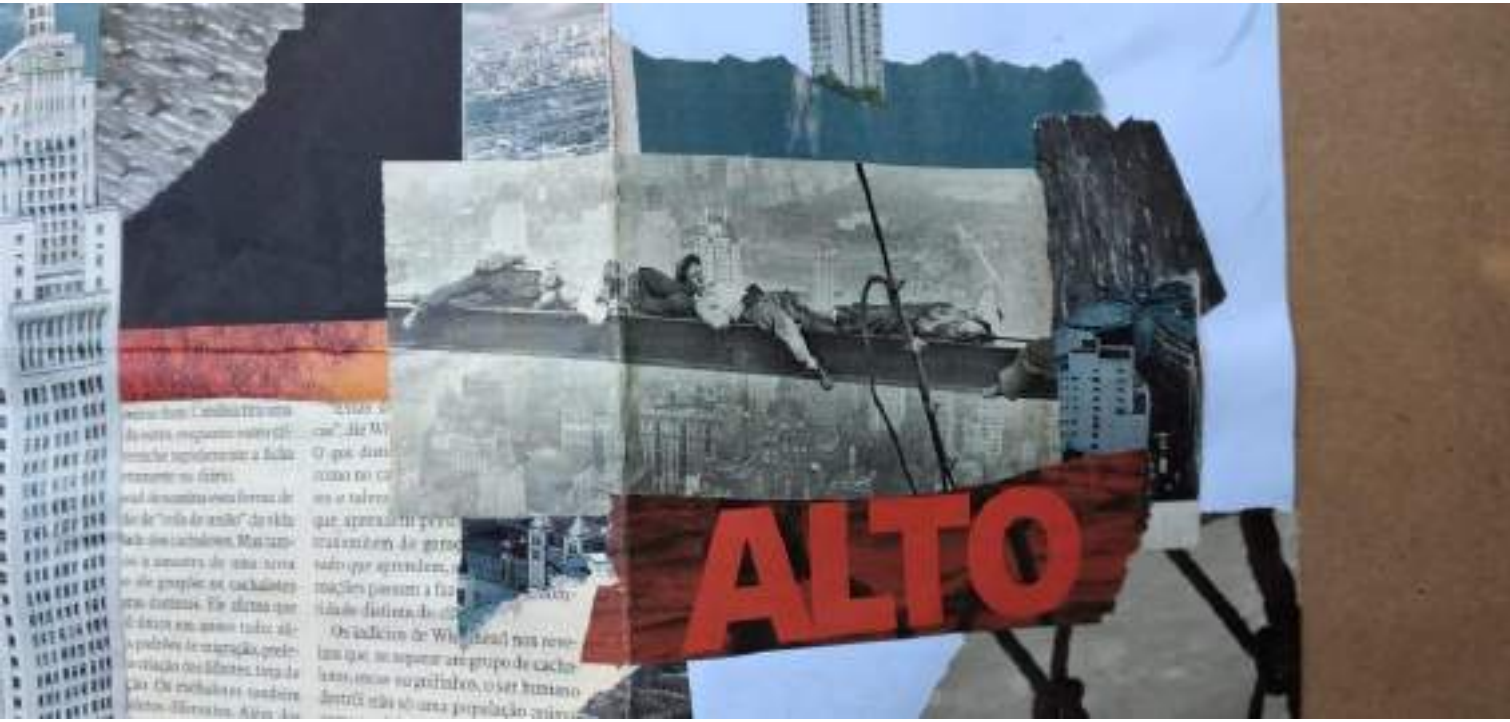
27.jun.20

MUDOSA
MAHOSA
KU 06
33

MANSO
MUNDO

DIXO

14-07-2020
RUA 33


ALTO

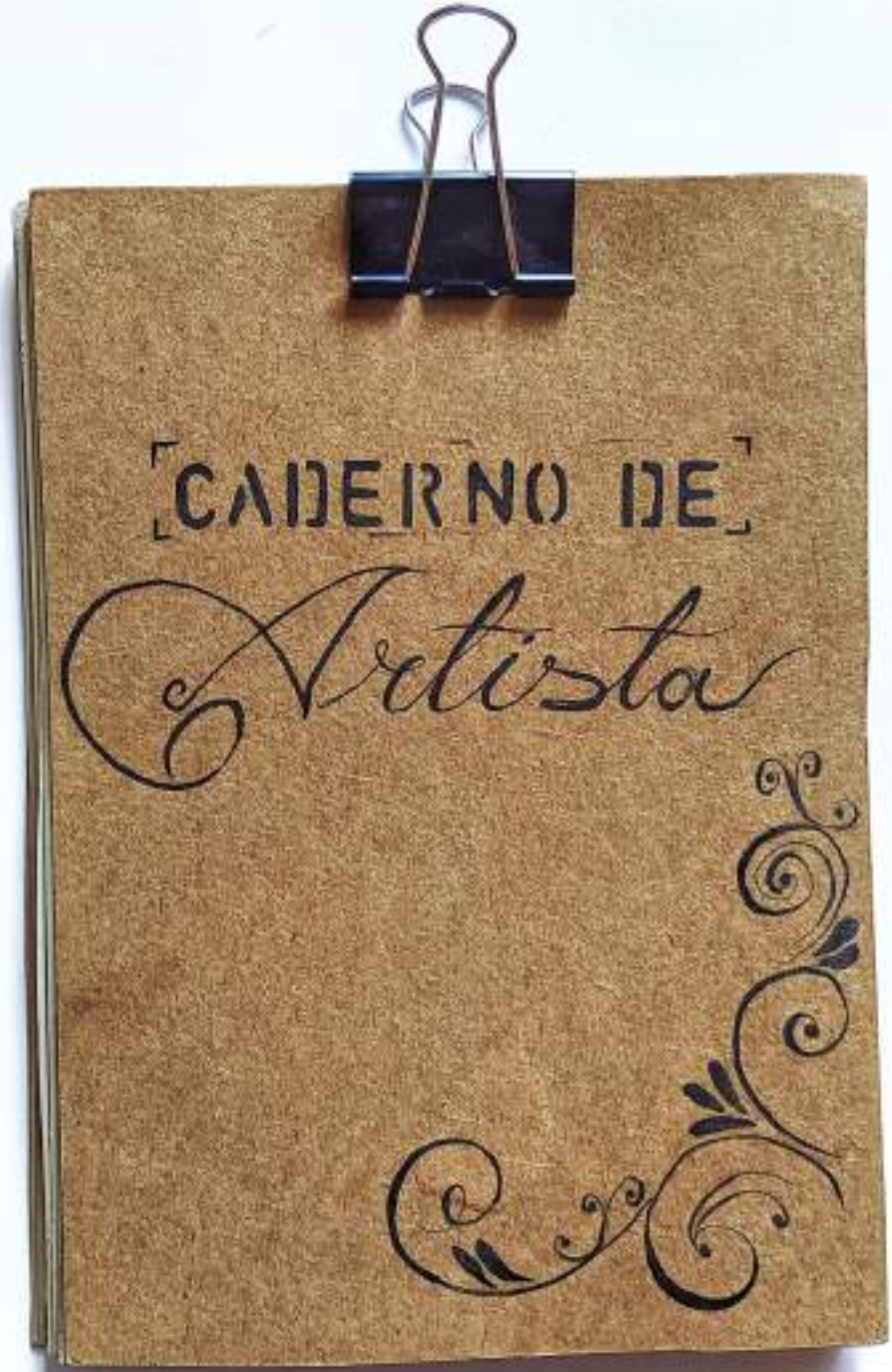
Deborah Ester S. V.

Velha Casa

Como tudo que nos rodeia, a casa está em constante mudança, desde o simples movimento de arrastar um sofá para mudar a disposição dos móveis da sala até grandes reformas. Nossa casa muda conforme mudamos, conforme crescemos.

Minha relação com a casa em que habito atualmente é fortemente ligada à infância. Desde a minha gestação ela vem sendo construída, modificada.A construção da minha casa é muito significativa para mim, pois ela foi feita pelo meu pai, e à medida em que ia crescendo e mudando, a casa também crescia de certo modo, com o acréscimo de alguns cômodos.

Pensando em resgatar memórias antigas algumas partes da casa como janelas e portas, assim como, objetos significativos foram escolhidos para compor o meu trabalho no caderno de artista. Com grande influência dos folhetins e jornais dos anos 50, as páginas do caderno foram envelhecidas manualmente com o uso de café . As páginas foram agrupadas de maneira que podem ser mudadas de ordem.


CADERNO DE
Artista

Tenho uma samambaia, uma samambaia que fica no meu quarto. Eu peguei ela para cuidar, bem que tinha uma dos meus tem se nunca fez isso por alguém, sempre foi diferente, essa samambaia, obrigado por enfrentar as adversidades, ela tem que se adaptar, ela tem que cuidar de muita coisa. Tem coisas bem que se não tivesse um cachorro seria uma tortura. A minha samambaia é uma inteligente, eu sou a samambaia e eu não tinha cuidado de uma coisa e a samambaia e eu vou ter samambaia, não agora não sei. Cuidar da samambaia, pegar a samambaia

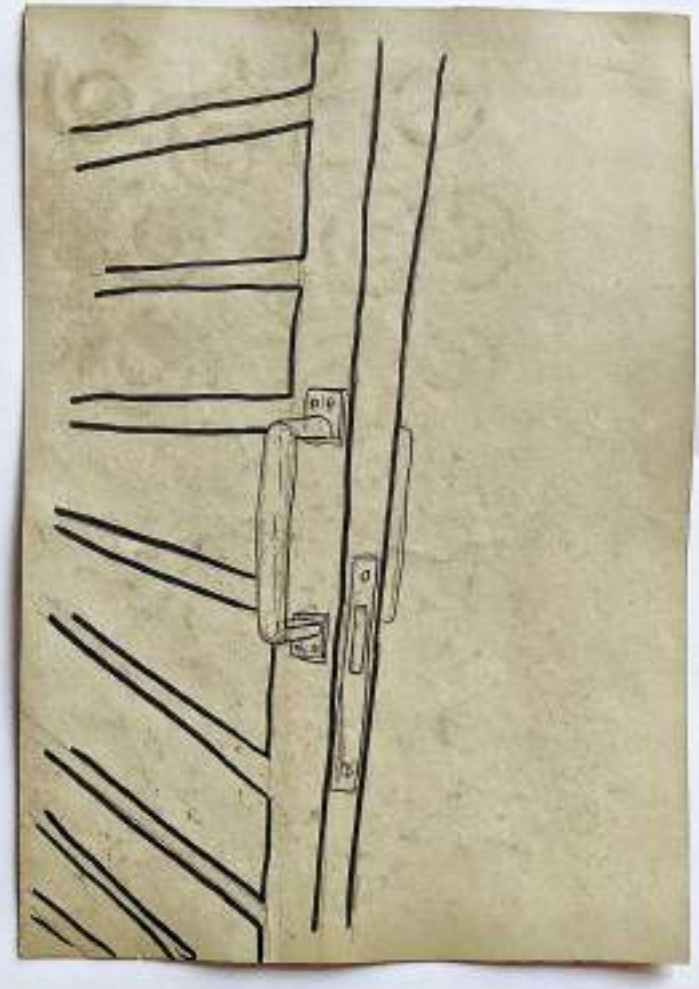
Eu vou a samambaia, no meu quarto. Tenho sabores com o que eu encontrei, não sei mais o que fazer por mim mesmo. Eu tenho algo que me incomoda, minha Valentina. Não minha eu estou, que pra eu ser um homem

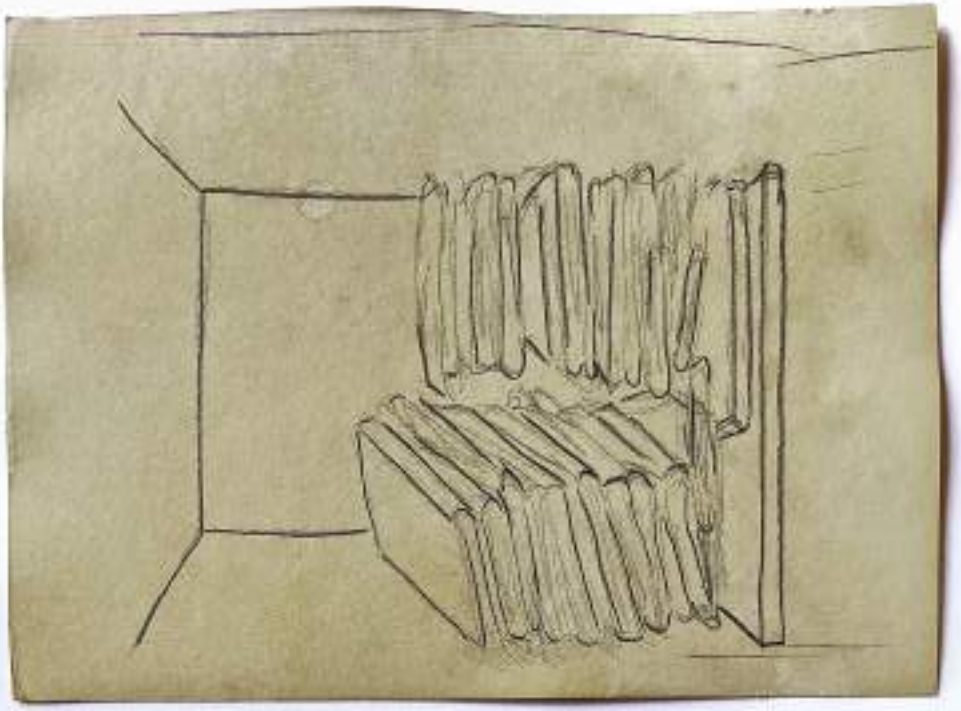
Tenho uma samambaia, uma samambaia [illegible] meu quarto [illegible] com ela e a [illegible] e a [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

A samambaia não morreu graças, apenas ela veio viver em um ambiente pequeno ela tinha que sobreviver, ela é muito forte. A samambaia tenta sobreviver com o que tem ela precisa trabalhar com as adversidades, ela tem que ser forte. Eu nunca vou ter um [illegible], ainda tenho de melhorar, não sei tão [illegible] sobre as vegetais [illegible] pra cuidar, pra melhorar [illegible] pontos em meu coração

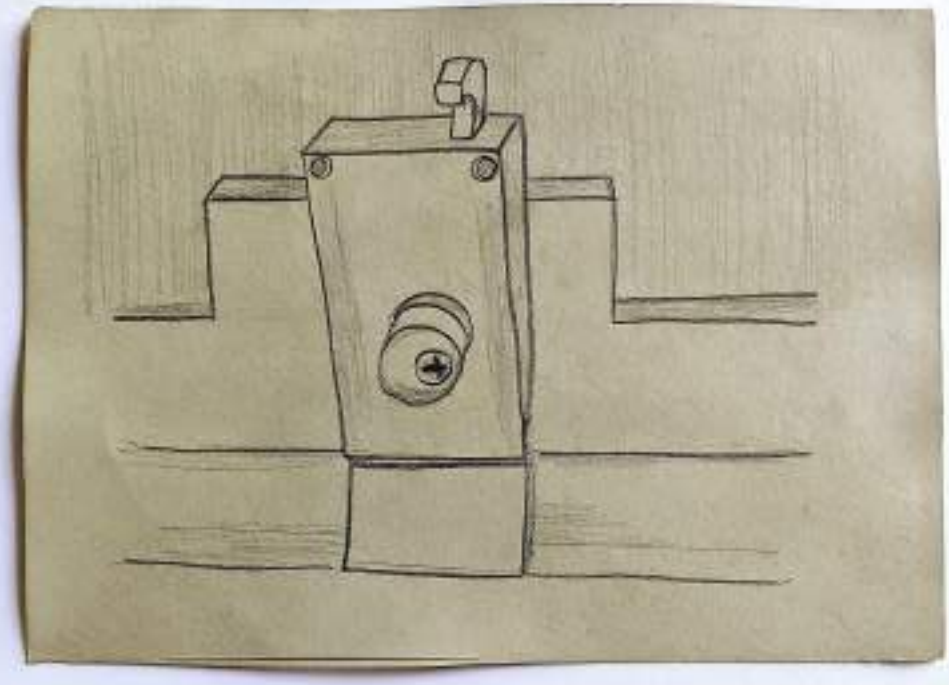
Eu tenho uma samambaia, no meu quarto, perto da janela, tentando viver.

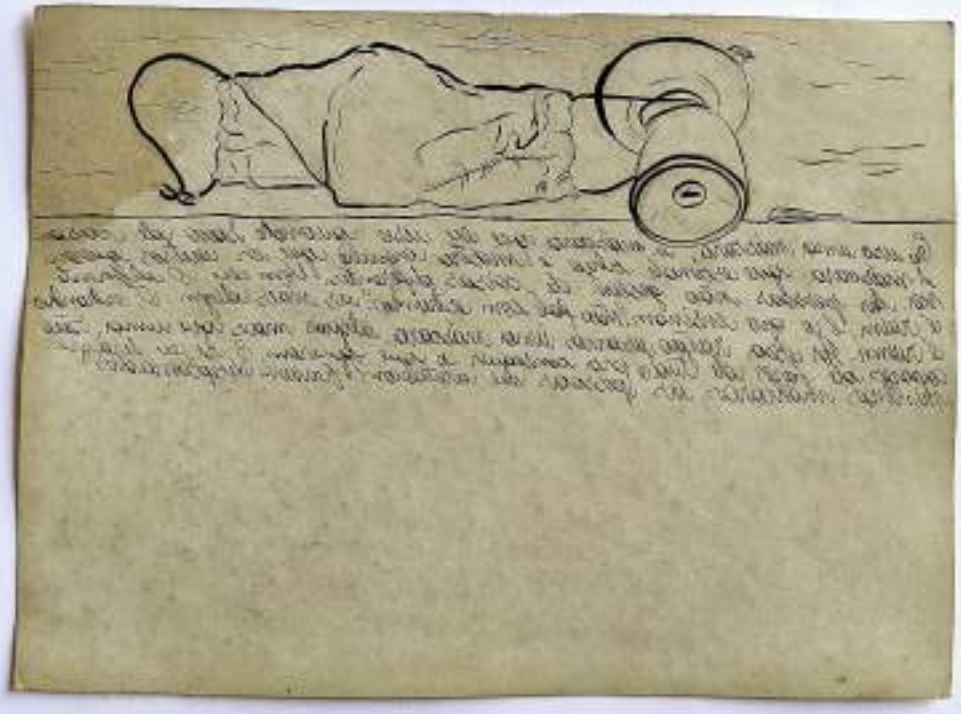
Eu sou a samambaia eu estou tentando viver





O que os vizinhos que
eu tenho digam sobre mim?





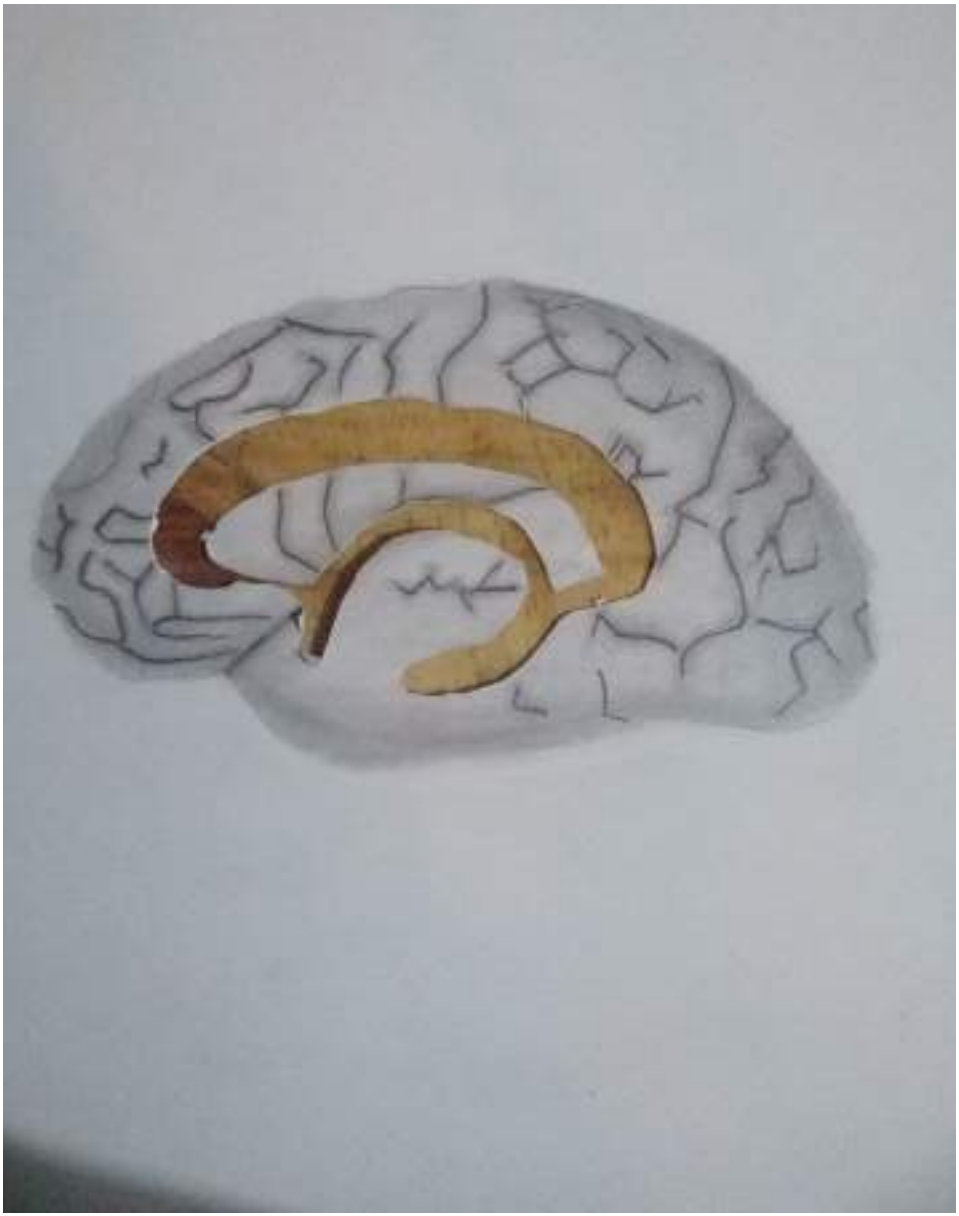
YASHICA
MAT-124 G

FELIPE SANTOS

Memória da ausência. Registro da falta. Alguém que nunca esteve lá.

O que produzi nesses tempos teve em geral a temática da ausência paterna, da ausência da presença e da memória do vazio.
Logo, gostaria de expor dois trabalhos, sendo um deles um mix mídia no qual recorto uma figura masculina de fotos pessoais e antigas, e outro no qual desenho, brinco com as palavras e significados, mostro o vazio de alguns elementos para discutir questões pessoais que podem se ampliar e se enquadrar em quaisquer situações nas quais o espectador se identifique.
Em ambos trabalhos discuto sobre os mesmos assuntos, além de buscar utilizar uma mesma "técnica" para refletir sobre o vazio, ausência e falta.

Presente da falta



Ausência do hipocampo

Tá faltando alguém

Ainda tá faltando alguém

Tá sempre faltando alguém

VOCÊ NÃO É MAIS A MINHA CASA

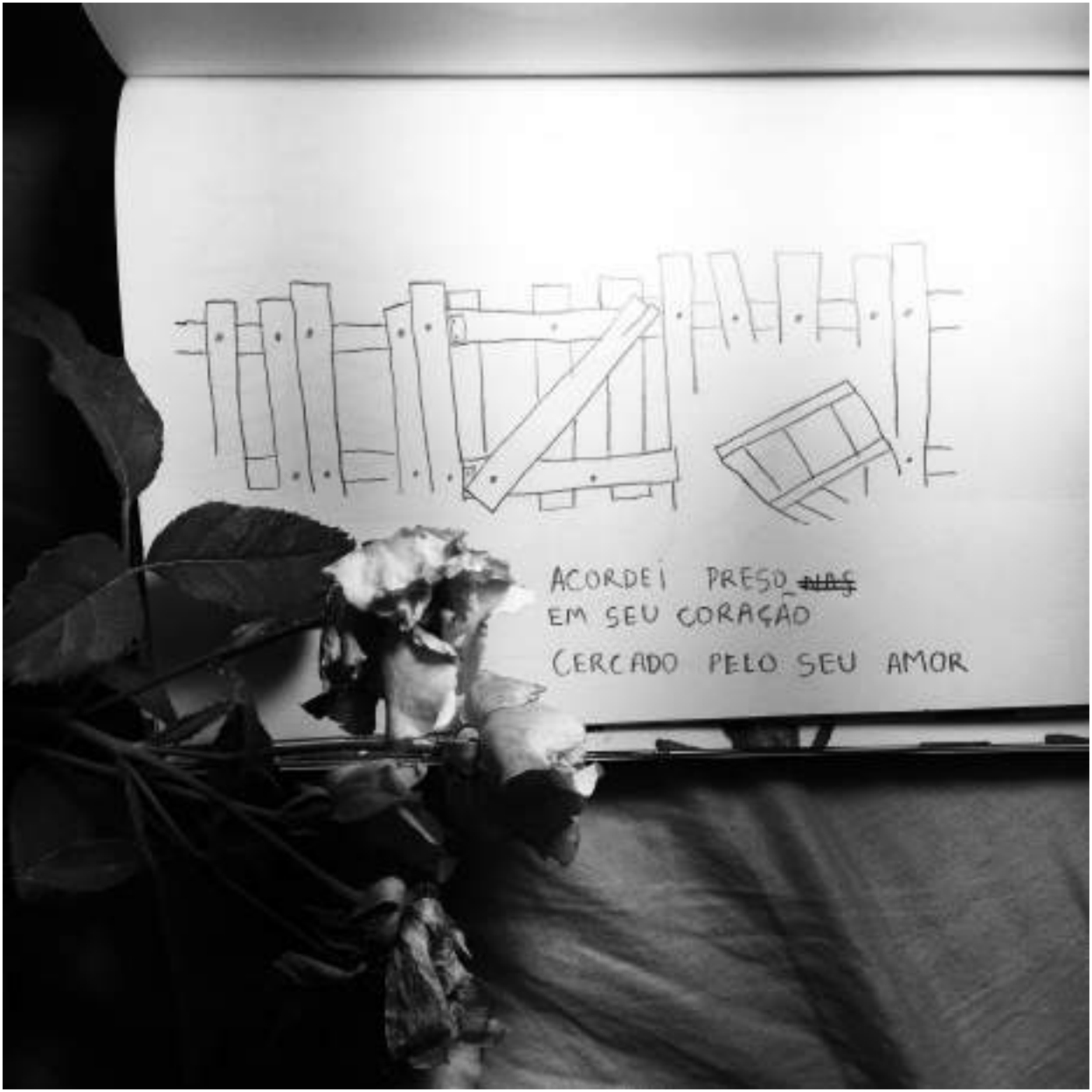
Estive constantemente exaltando o meu desejo de proferir sentenças que chegassem o mais próximo do sentimento que carrego sobre você em meu peito. Quando arrancamos todas aquelas pétalas de rosa do meu jardim, eu contemplei seus olhos e soube que naquele instante você tinha se tornado meu lugar favorito e nenhum outro lar era capaz de me fazer sentir acolhida como os seus braços faziam. Em seu coração eu encontrei caminho para que eu me aninhasse em seu peito febril carregado por um fogo severo de sempre querer uma paixão avassaladora, como o fogo que saia da lareira da nossa sala de estar. Mesmo tendo dificuldades, no final de cada dia, tudo parecia ser fácil estando ao seu lado. Sei que ainda será insuficiente – no entanto, apesar de todas as coisas que tem acontecido em nossa casa, o nosso lar, eu ainda quero dizer que você é minha morada, o meu cercado que me protege de monstros. Por muitas vezes eu vi você voltando de um dia exaustivo e trazendo um sorriso que remetia a um lar, aconchegante, feliz. Porque essa era a energia que você carregava todos os dias. Você era acolhedor.

Enquanto estávamos sentados no sofá, observando da janela, ou sentados na ponta da cama, escrevendo juntos. Eu sabia seu lugar favorito. E você sabia o meu. Pedindo aos pés de rosa para que eu me casasse com você.

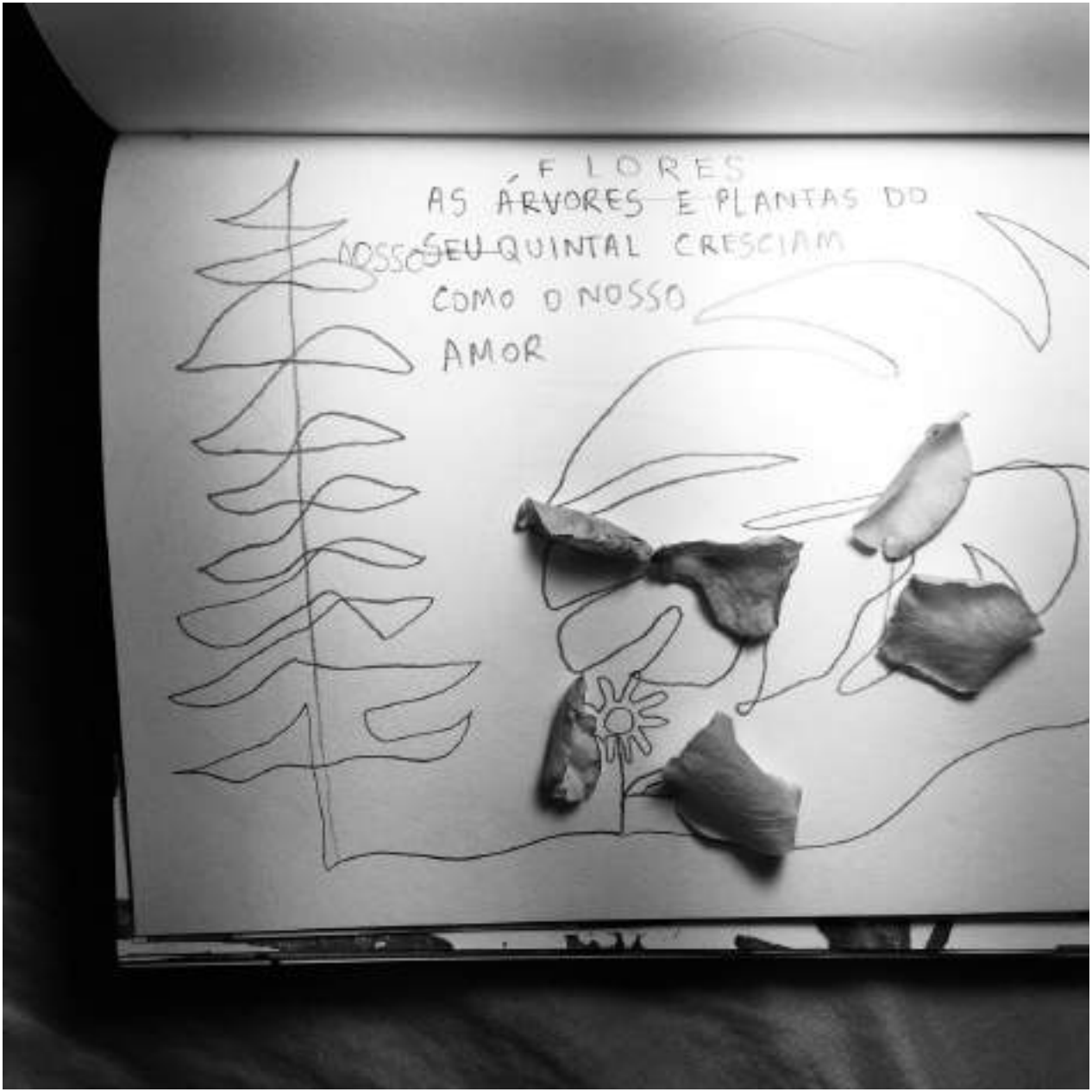
Eu desenhei seu rosto em meu coração, marcando você eternamente em meu peito, mas que logo foi apagado com uma borracha imparável. Um sentimento apagado, sem que eu ao menos quisesse. No começo eu tentava compreender, todavia e seus pesares, eu tinha entendido aquela noite. Você dormiu cansado de mais um dia de trabalho e sem querer, sua pasta caiu no chão. Documentos, canetas, papéis amassados e um papel dobrado, borrado com tinta de caneta azul. Daquele dia em diante, eu deixei as janelas abertas por dias, ainda acreditando em seu retorno, por imaginar que isso não passava de delírios da minha mente magoada. Guardei aquele papel comigo e o encarei diversas vezes, lendo e relendo.

"*Eu pensei muito na vida, minha cara rosa, desejo florescer com você, em seus braços e eu partirei amanhã, levando apenas minha roupa do corpo e um buquê das flores do meu jardim que você gosta. Pertenço a você e não a ela*".

Você havia dado as rosas do nosso jardim para ela. As minhas favoritas. Do jardim da *nossa casa.*

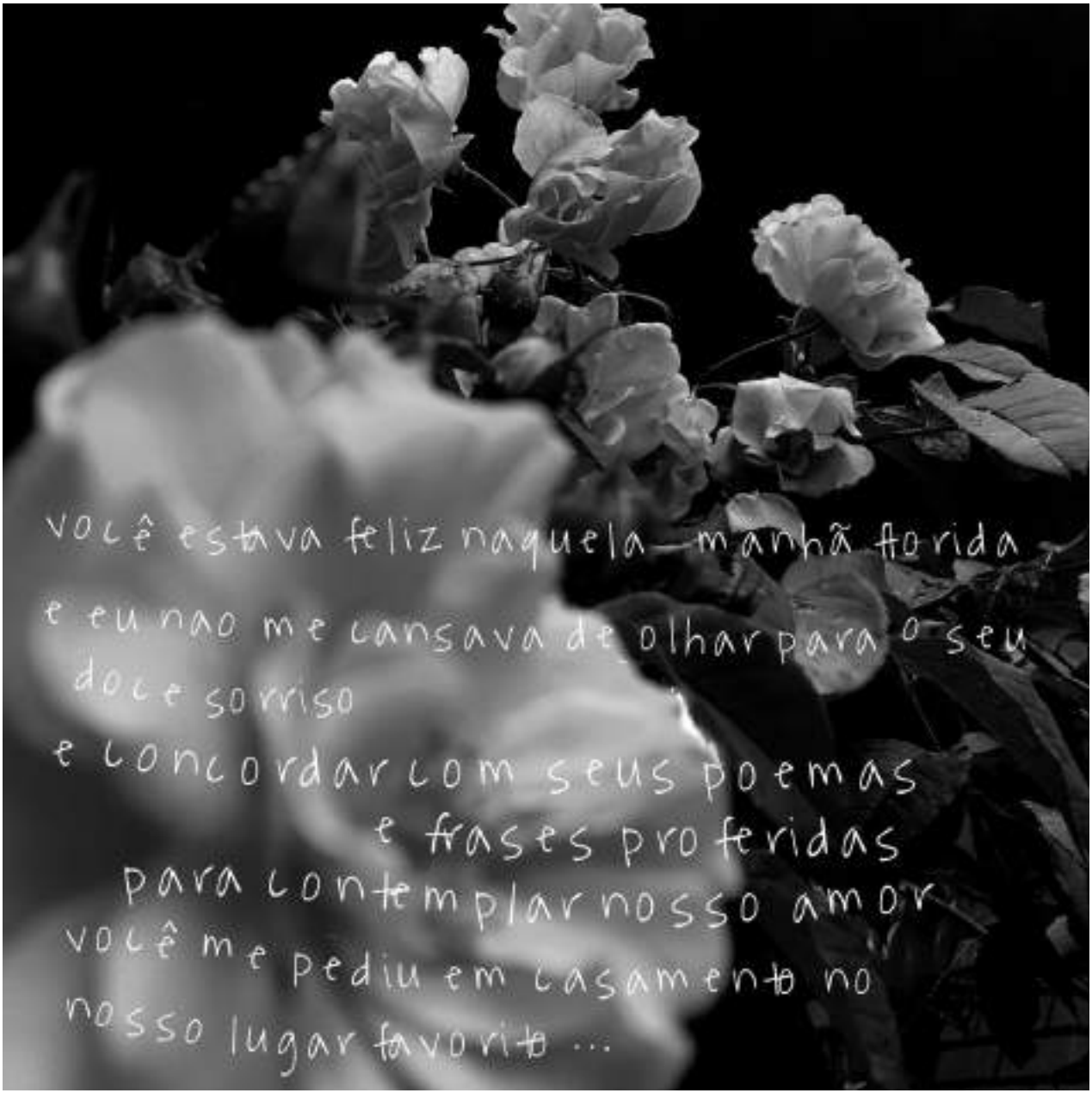


Seguro.

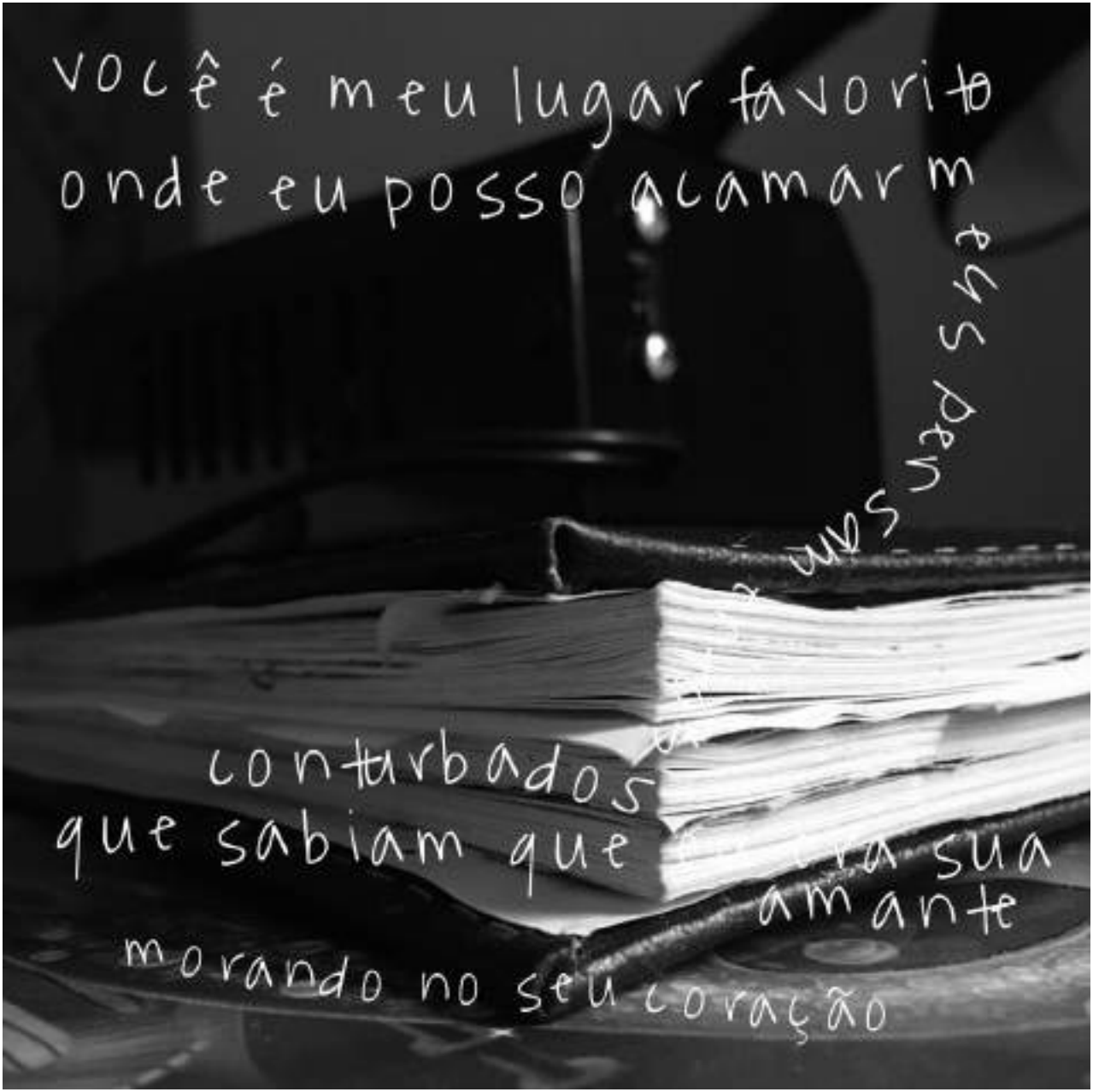

FLORES
AS ÁRVORES E PLANTAS DO
NOSSO SEU QUINTAL CRESCIAM
COMO O NOSSO
AMOR

Crescendo.

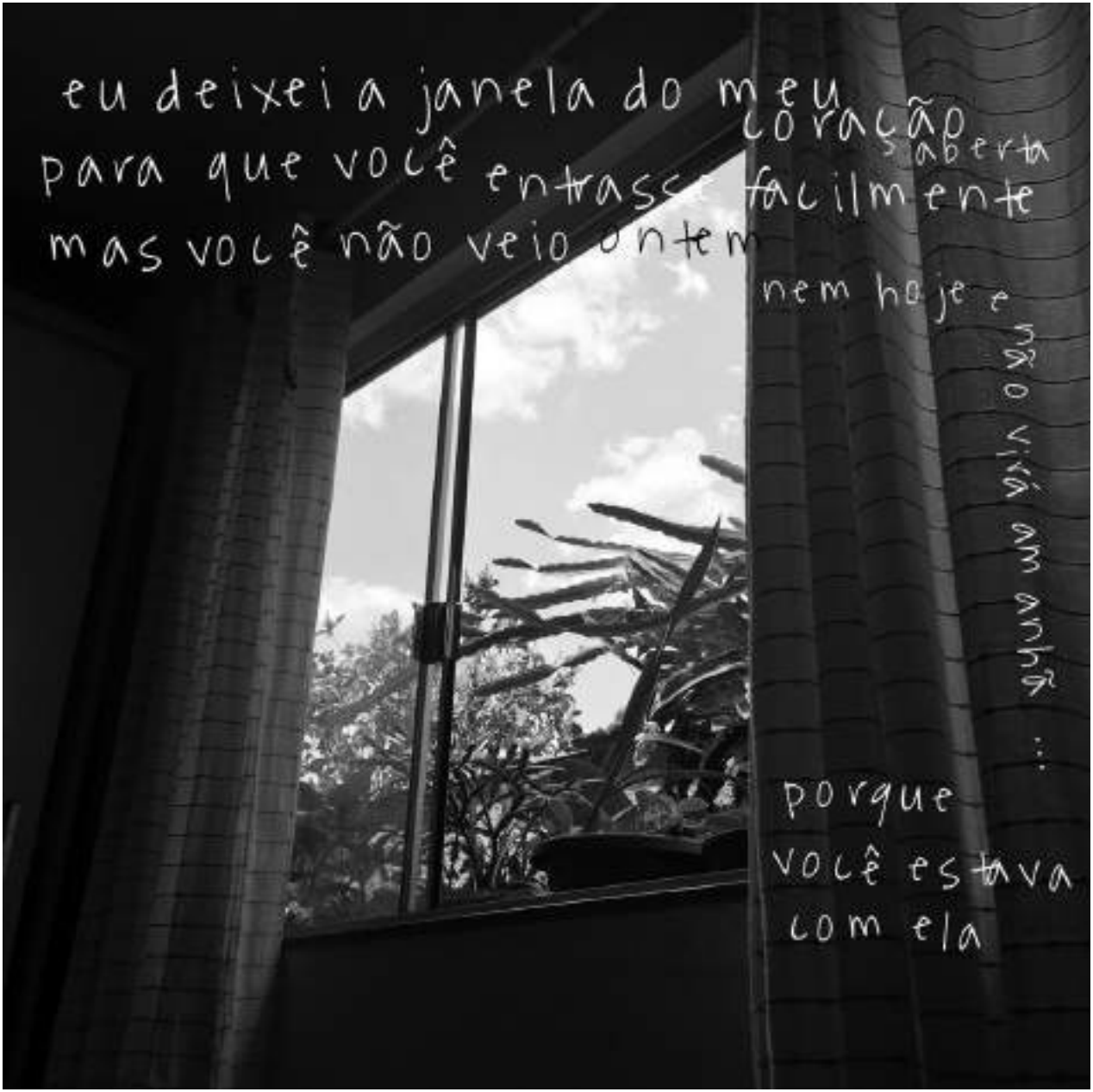
Observando o nosso amor.


você estava feliz naquela manhã florida,
e eu não me cansava de olhar para o seu
doce sorriso
e concordar com seus poemas
e frases proferidas
para contemplar nosso amor
você me pediu em casamento no
nosso lugar favorito ...

Pedido.


você é meu lugar favorito
onde eu posso acamar m
conturbados
que sabiam que
sua
amante
morando no seu coração

Quase amor.


eu deixei a janela do meu coração
aberta
para que você entrasse facilmente
mas você não veio ontem
nem hoje e não virá amanhã ...
porque
você estava
com ela

Um quase fim.

Pensamentos do fim de um lar.

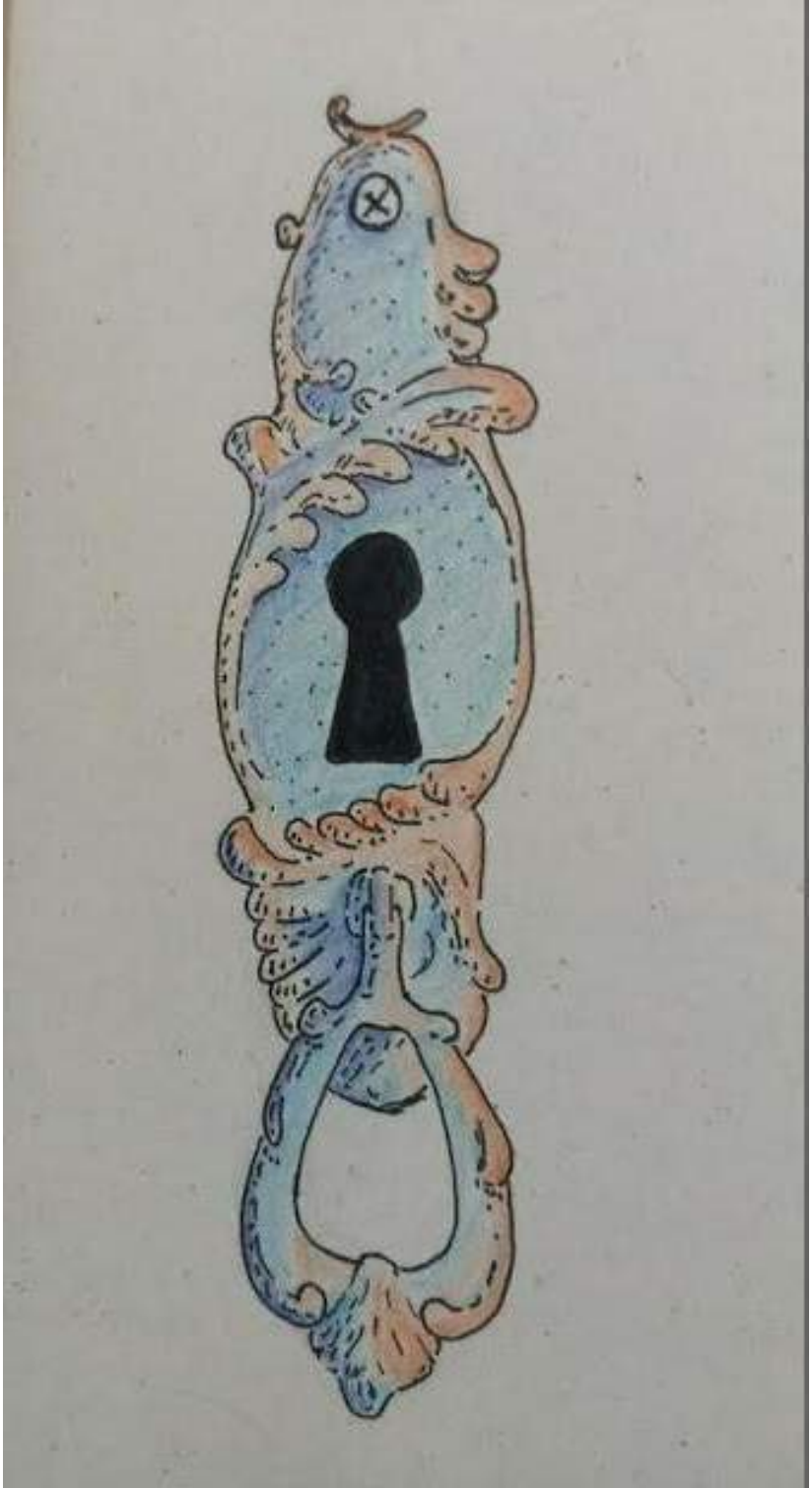
Gustavo G.

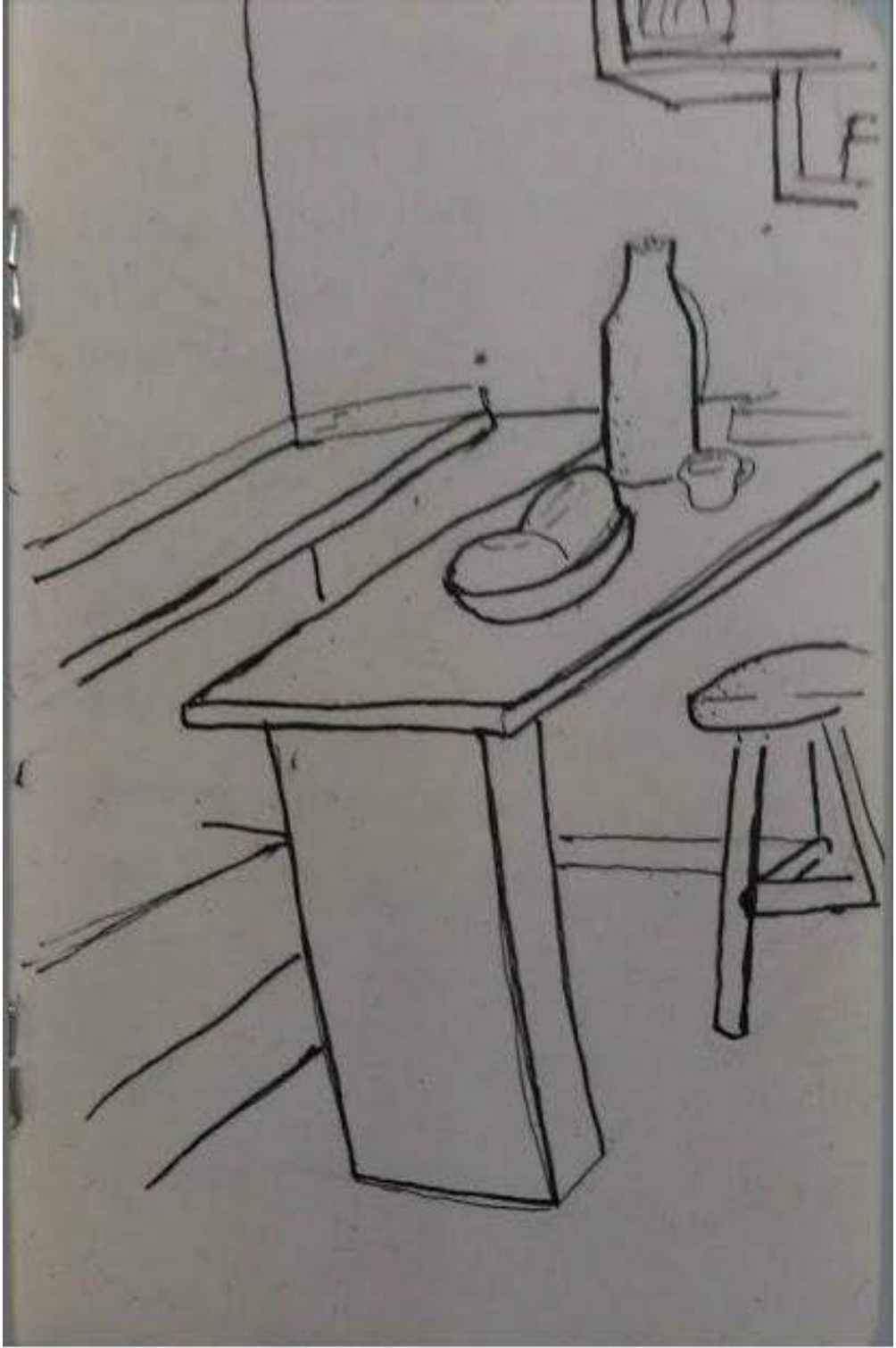
Descobrindo

Me lembro de quando, no início de janeiro eu recebi a notificação de uma notícia, “China tem 1ª morte por misteriosa pneumonia viral”, na época não fazia ideia do quanto era importante essa notícia e o quanto isso afetaria nosso cotidiano.12 meses depois minha realidade é completamente diferente, rapidamente vi o mundo se reduzir ao tamanho de minha casa, passei 5 meses sem sair dela.

Com a disciplina de poéticas do desenho passei a observar com mais atenção aos detalhes da minha casa e percebi que mesmo com os vários anos que passei nela, havia muitas coisas interessantes que me passavam despercebidas, detalhes de uma janela, a fechadura do armário, o vidro quebrado, a mesa que tomo café, e muitos outros detalhes, que eram invisíveis em minha rotina e que agora fazem do meu mundo maior. Mas também não deixei de perceber o quanto era solitário ficar somente em casa, não ter contato com as pessoas.

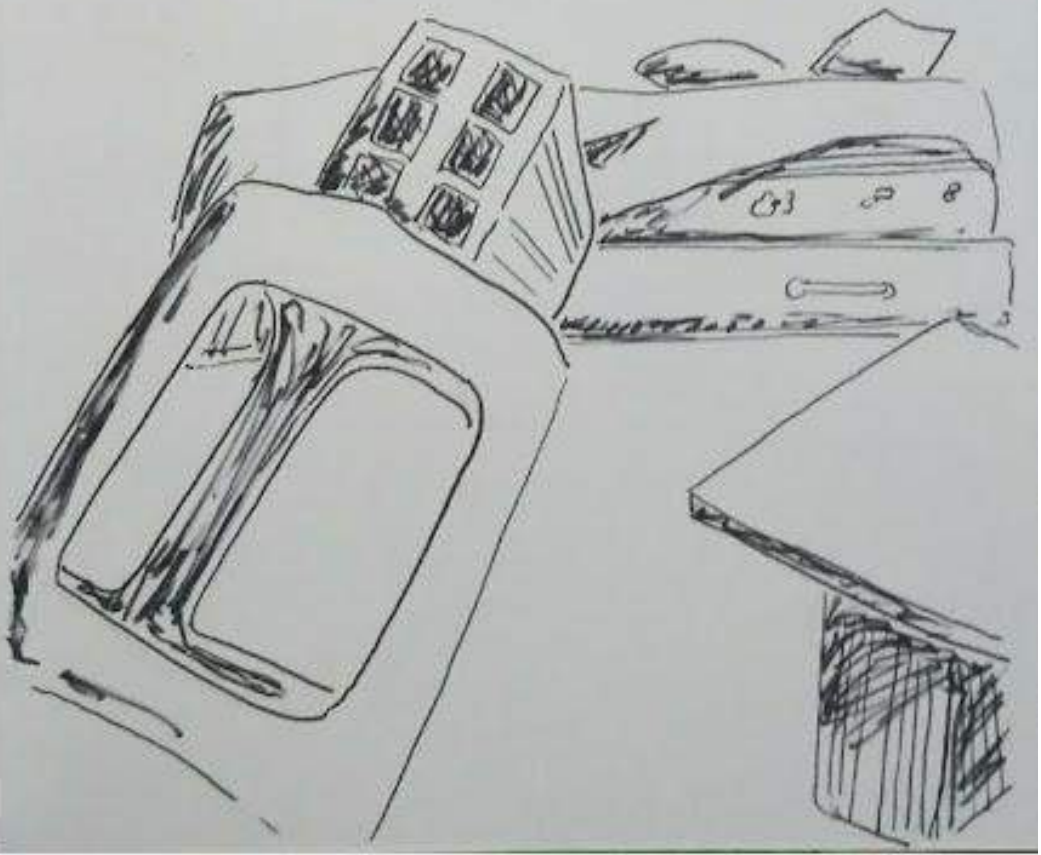
Percebi, também, que, enquanto produzia, passava grande parte do meu tempo em meu quarto, observando o que lá existia, meu quarto era o meu ninho, onde fazia tudo e ao mesmo tempo ficava mais isolado.





LAR

Novel

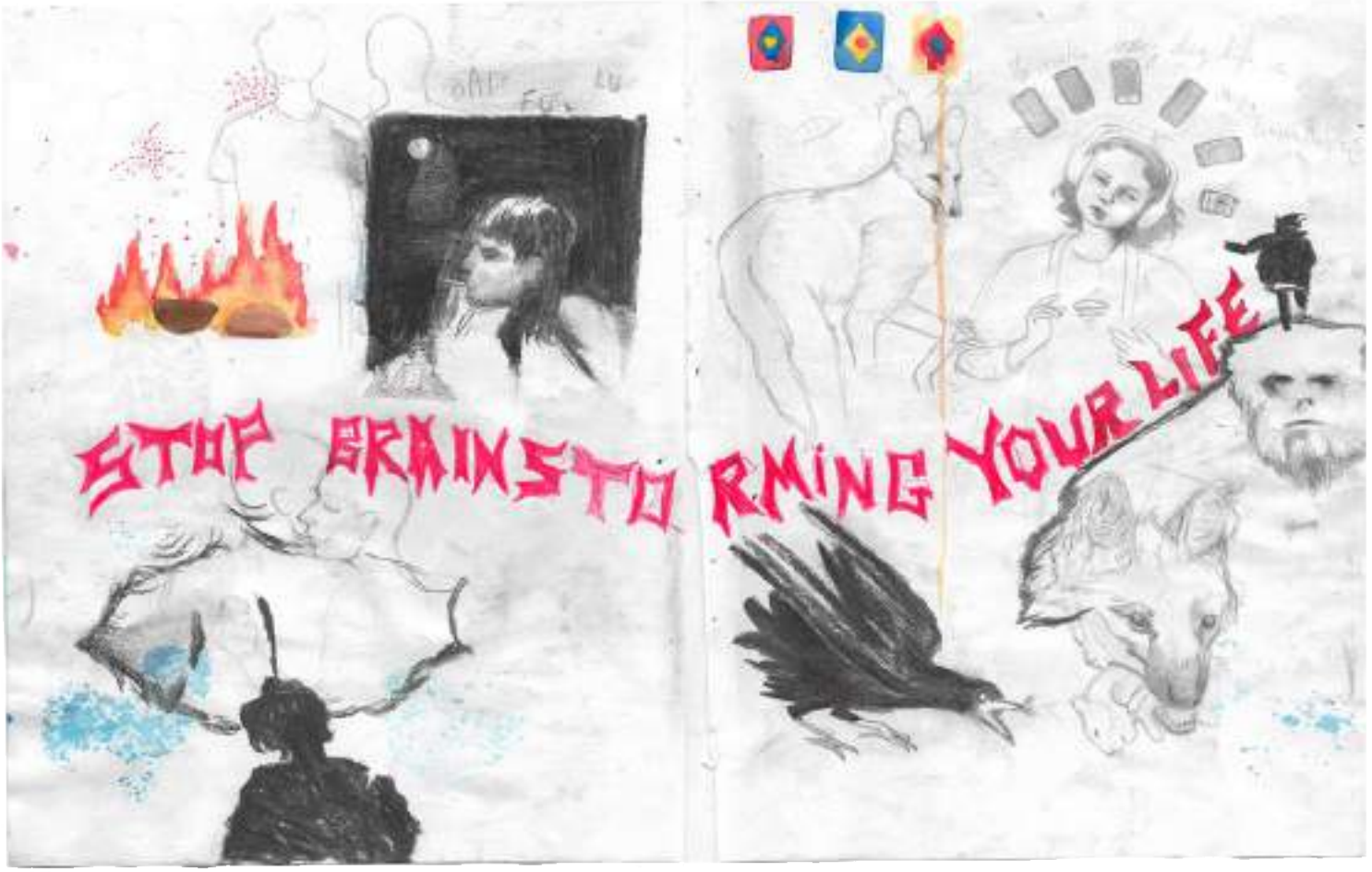


QUEBR

CASA
QUARTO
SOZ
OLHO

se eu fico pequeno o bastante posso explodir e virar uma
estrela, se for sorte, uma constelação.

Algunas
tareas
[illegible]
[illegible]
para
se
dugen
no


STOP BRAINSTORMING YOUR LIFE

ANTES DE HIM PENSO NA PINTURA DIGITAL COMO GOURMIA

RECREATIONAL

C'EST LA VIE

RESEARCH

Amazofuturista
Agrostefuturista
Steamfunk
Cyberagreste

Gótico-Punk
Futurista
Indígenas
Cyberpunk

Eu sinto o respeito nossos ancestrais, mas eles já venceram a vida, agora é nossa vez

Sombra
Prometeu Argos

Poetas BR

Gerônimo Monteiro
Jorge Luiz Calife "2002
Roberto de Souza Causo
↳ Tupiniquim punk

*Questão de Sobrevivência ☆☆☆☆
↳ Carlos Orsi

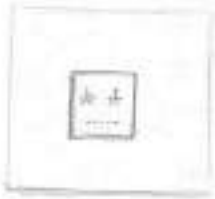
*A Lata do Cangaceiro Jedi

*O caçador cybernético da rua 13
↳ Fabio Kabral

*O Barbante de Shoah
↳ José Roberto Vieira

*Manifesto Irradiativo

A D falou mal de point mas cada dia mais eu tenho achado que essas coisas fazem parte do nosso futuro, como qualquer outro tecnologia de acessibilidade pós banalização e quantificação.



O que é isso? Faz, uma spy de repente de pano vermelho!

É engraçado que eu cheguei colaborando uma coisa, sem saber e sem

PASSARINHOS COM MEUS CABELOS ARVORE GRANDE

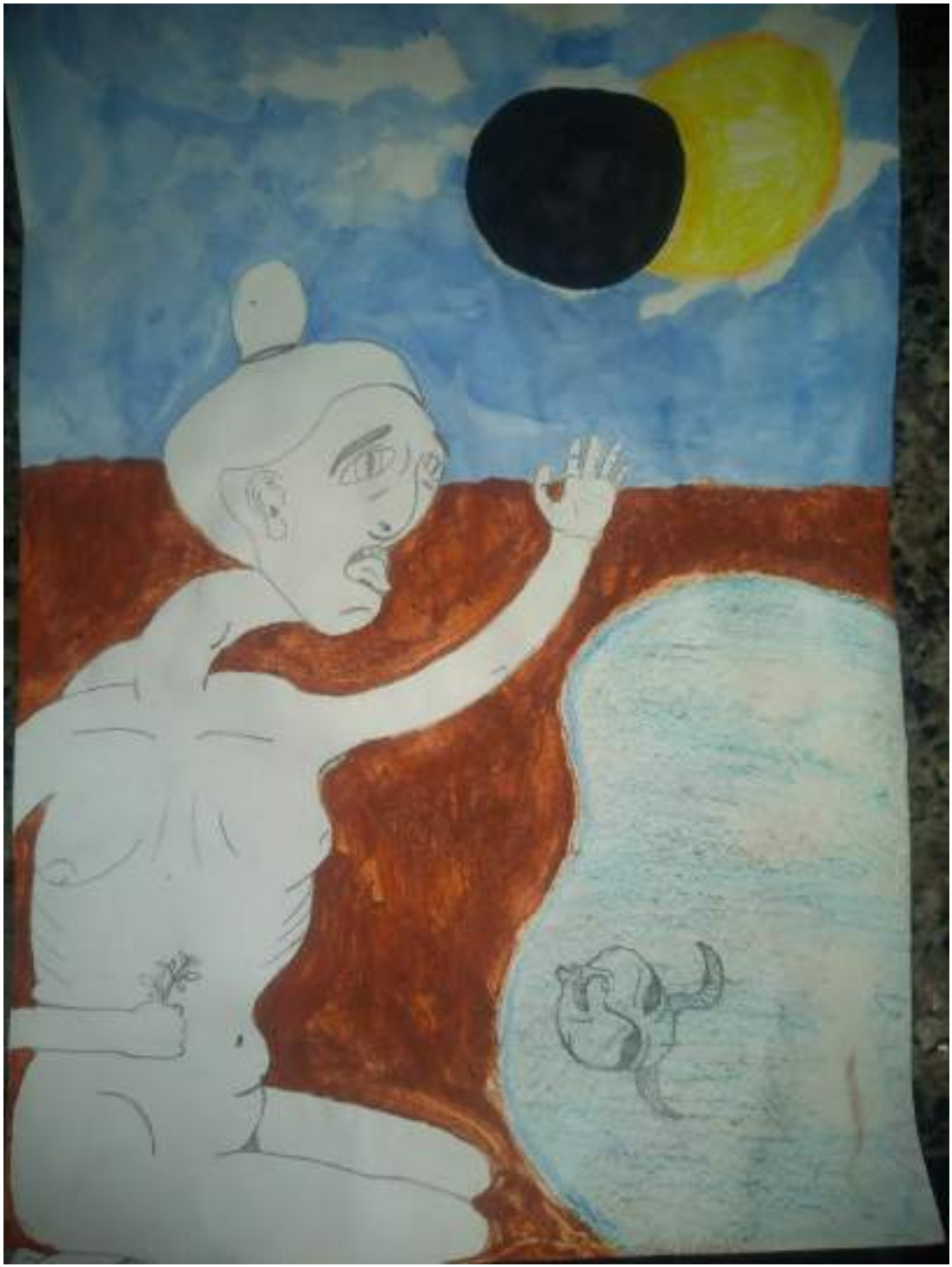
14-10-20

Wer an die Freiheit des menschlichen Willens glaubt
hat nie geliebt, und nie gehasst
Marie von Ebner-Eschenbach

Kei

O distanciamento social e o consequente isolamento, foi uma realidade que me desgastou, e desgastou minhas relações pessoais. Nessa série de desenhos tento expressar tal deterioração da forma que sei, sendo dramática. Os dois primeiros tratam-se de duas relações: uma de amizade e outra amorosa. O final é sobre a relação comigo mesma, como sempre encontro uma forma de esmiuçar minha realidade, para depois por meio de longo processo, montar uma nova vida.

Apresento também um final alternativo, onde cedo às minhas fraquezas e não faço do sofrimento uma forma de viver, mas um constante impasse, que me prende dentro de minha própria loucura. Ademais, trabalho com diversas simbologias que tem significado íntimo para mim, espero que o leitor as encontre, e possa não só ressignificá-las, como identificar-se com as mesmas.



No sol de sua presença

Pego na mão do cão

Esta Noche

Esta Noche (Remix)

“Todo mundo vai embora
Das duas, uma
Ou eu os despacho
Ou eles me deixam
Nenhuma das duas mexe comigo
Mas me move
Pro mesmo lugar antigo
Sempre sozinha aqui
Nunca saio desse canto
Só encontro diferentes distrações
A sombra na parede
A luz que não vem de mim
Queria que isso melhorasse
Que alguém oferecesse a cura
De algo que só se cura no final
Com o fim vem o alívio
Então por que quando eu acabo com tudo
Nesse ciclo sem fim
Eu só acabo comigo?”

Kei Jardini da Silva

Letícia Nascente

Obsolescência: uma apologia à inutilidade.

Não produzir em tempos de pandemia. Um pesadelo declarado àqueles que cresceram imersos na lógica do capital. Assistimos de nossas casas o espetáculo trágico da economia - que não pode parar - ceifando vidas enquanto todo cuidado com a saúde desloca-se cada vez mais para o lugar do inútil. É assim que a inutilidade tem abrigado a sanidade, a arte, a vida, tornando-se, aos poucos, termo guarda-chuva para tudo que é essencial. Somos grandes demais para caber em termos como “uso” e “desuso” e é nesse lugar do inútil que temos encontrado sobrevivência.

Nossos corpos pandêmicos, asfixiados pelas pretensões do capital,

clamam, sufocados, por essa inutilidade que lateja.

Afinal, quem não está se enforcando com um cabo HDMI?

Frames retirados da vídeo performance *Obsolescência: uma apologia à inutilidade*

Lilian Manso

UM OLHAR SOBRE PEQUENOS INSTANTES

Hoje acordei era dia, caminhei era cinza, me sentei era quarta, olhei pela janela e era noite, deitei dormi e de repente despertei. A luz do sol me dizia que era tempo de levantar, tudo parecia igual, dei alguns passos, pude observar sinais de vidas vividas inéditos na minha própria casa, então constatei que se tratava do dia hoje, pensei ainda bem que não é ontem, ontem já se foi, que bom que não é amanhã, ufa.

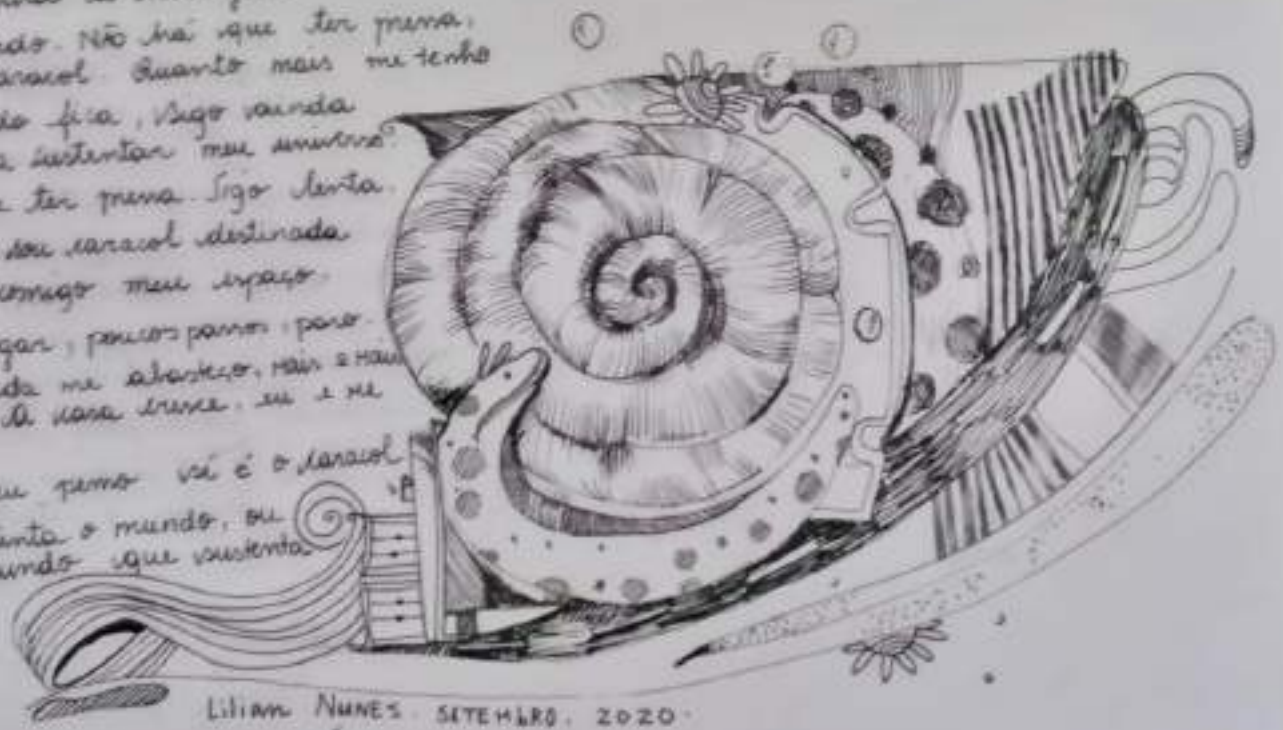
Mentalmente planejei meus passos, reli meus dilemas, observei os movimentos das nuvens, senti o calor dos elementos, chorei com as últimas notícias da tv, sorri com meu cachorro no jardim, o sol se foi, deu lugar uma mistura de cores, me senti confusa, me aquietei, o peito apertou, o corpo sentiu.

Tentei de todos os meios enganar a noite, disse baixinho a mim mesma que estava tudo bem, respirei fundo por três vezes, tentei encontrar o início do novelo em meus pensamentos, até que funcionou, ainda estou de pé, funcionou ainda estou aqui, funcionou ainda acredito no tempo mágico que rege o amanhã.

A MENTE QUE GIRA, O FOCO QUE SE PERDE

Hoje estou caracol, sigo sozinha a carregar meu mundo, não tenho pressa, pois sou caracol. Quanto mais eu tenho mais pesada fico.
Sigo sozinha à sustentar meu universo. Não há que ter pressa.
Sigo lenta, pois ainda sou caracol destinada a levar comigo meu espaço.
Avanço devagar, poucos passos, paro. Cada parada me abasteço mais e mais bagagem. A casa cresce, sinto o peso, paraliso.
Às vezes penso se é o caracol que sustenta o mundo, ou se é o mundo que sustenta o caracol.

Hoje estou caracol.
Sigo sozinha a carregar
meu mundo. Não há que ter pressa,
por sou caracol. Quanto mais me tenho
mais parada fica, Sigo ainda
sozinha a sustentar meu universo.
Não há que ter pressa. Sigo lenta,
por ainda sou caracol destinada
a levar comigo meu espaço.
Sigo devagar, poucos passos, para.
Cada parada me abastece, mais e mais
bagagem. A casa cresce, eu e ela
paralelos.
Às vezes eu penso: só é o caracol
que sustenta o mundo, ou
só é o mundo que sustenta
o caracol.



Lilian Nunes. Setembro. 2020.

Luiz Andrade

Meus processos (luta) com o desenho continuam, nunca me senti realmente acolhido pela linguagem e nunca consegui realmente me expressar, trabalho aleatoriamente com picos de energia ou criatividade, o que resulta numa produção um tanto quanto inconsistente.

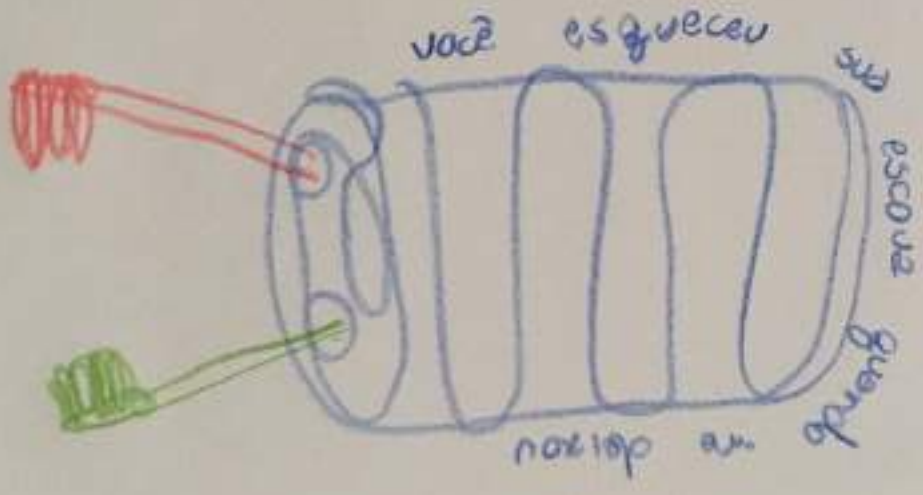
Nessa quarentena, com a criatividade e energia em níveis baixos, me esforcei ao máximo para lidar com as questões que tenho com o desenho, a busca exagerada pelo desenho perfeito e realismo ou a comparação constante com outros artistas que admiro, portanto, busquei explorar o máximo da linearidade em alguns desenhos “one line” e outros “cegos”, onde não observava o resultado no papel, deixei de lado a comparação, definitivamente não estou no mesmo caminho que as outras pessoas, nunca estive.

Além disso, tentei trazer as minhas pequenas nada extraordinárias experiências ou pensamentos pessoais nesse período caótico para o papel, resultando em desenhos totalmente aleatórios, mas, que possuem um significado especial pra mim.

Permita-se
fazer

Dia 243, um pássaro
pousou na minha janela
(eu queria ser ele)

sinto falta de
sua notificação


você esqueceu
sua escova
quando
no trop
eu

cortei meu cabelo
buscando uma mudança
(não foi o suficiente)

nada para
observar

Manoel

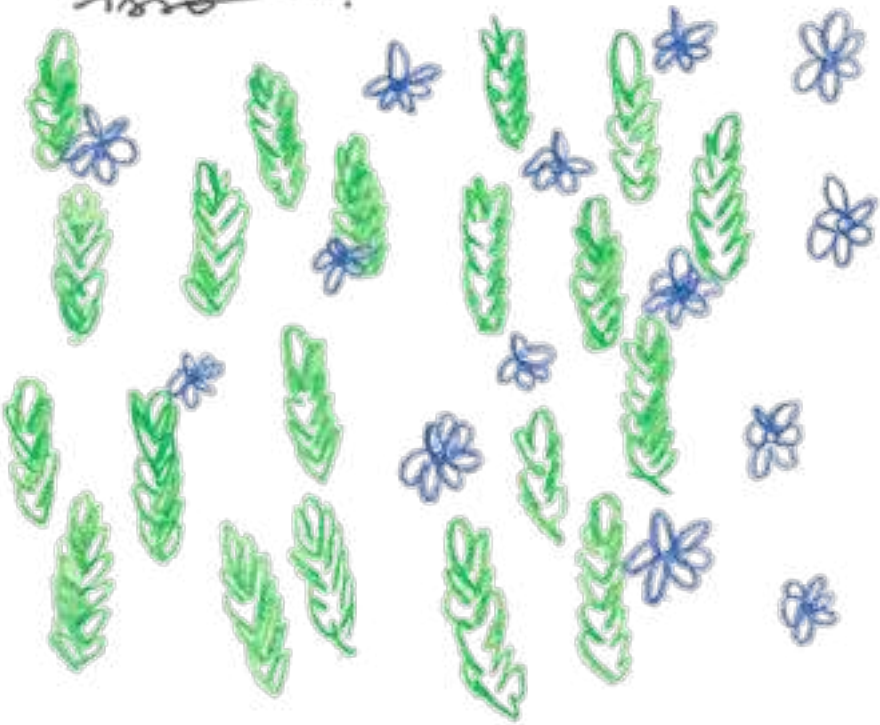
Nesses tempos tão estranhos, dentro de um contexto de pandemia e isolamento, onde nossas casas são o/um dos únicos espaços que a maioria de nós tem habitado, minha produção dentro da disciplina passou a retratar diferentes temáticas, desde acontecimentos do cotidiano à momentos de contemplação e de perda, porém tentando trazer um olhar positivo, ou mais alegre, para esses momentos difíceis desse período.

Através de temas com que já tinha experimentado e também já tinha preferência no âmbito do desenho, busquei trazer um traço mais simples e espontâneo, em contrapartida com o desenho mais cuidadoso e premeditado, dando ênfase aos espaços vazios que viriam então a serem preenchidos ou não pelas cores. Esse processo, que se passa entre trabalho e meditação, me permitiu encarar a produção de uma maneira diferente, em paz, que me trouxe a apreciar mais os momentos que tive para a execução dos mesmos.

Maria Clara Curti

Arrebatada pela quarentena
Atropelada por esse tempo

não tenho o menor
prazer em desenhar
desenhos perfeitos. fico
muito feliz de ter
um desenho infantil,
com muito depois de-
cor. não estou mais
disposta a sofrer com
isso.



Eu mais de lavar

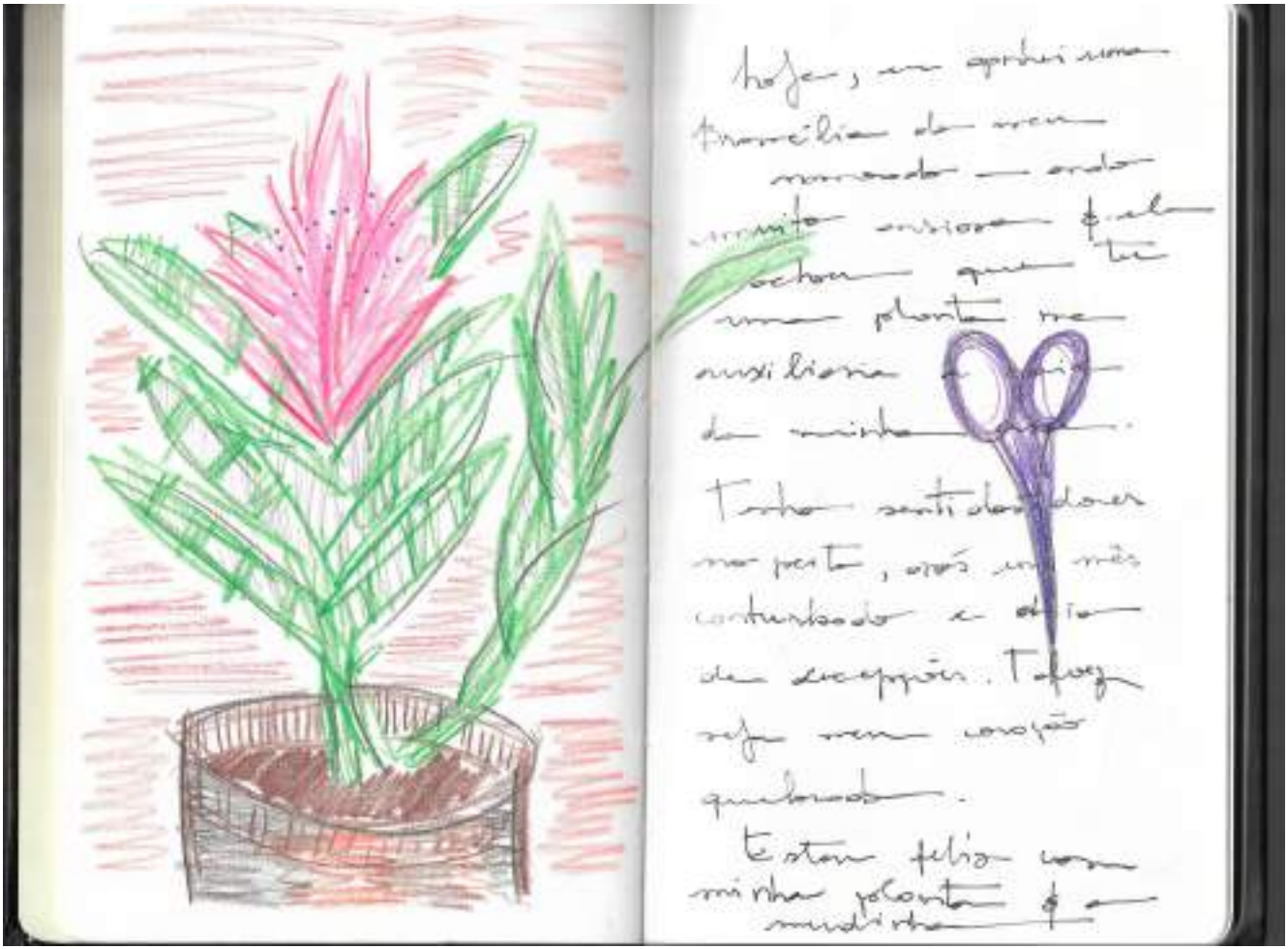
as habitar

nunca foi

tão difícil

25/3/20

Ideal para ansiedade



hoje, eu ganhei uma
bromélia de meu
namorado — ando
muito ansiosa pois
acho que
uma planta me
auxiliaria
da minha
.
Tenho sentido dores
no peito, após um mês
conturbado e
de decepções. Talvez
seja meu coração
quebrado.
Estou feliz com
minha planta e a
minha

FLORAL PARA ANSIEDADE

8 de copas

Maria Raquel

Estamos em novembro e tudo indica que vamos continuar vivendo o isolamento social por mais um tempo. Então, comecei a desenhar as coisas que estão em cima da mesa, como o busto da mulher e o jarro, o copo e eu próxima à mesa. Tentei desenhar a luz incidindo nos objetos e busquei o ângulo que teria êxito. Colori as flores do jarro para dar um contraste.

Para contraste da luz e sombra vistos acima, tento jogar um papel verde com muitas linhas, pois elas são vitais para o desenho. Então cortei as linhas coloridas em pedacinhos, risquei com lápis de cor e de carvão e deixei-as amontoadas, se entrecruzando.

Ainda me sinto atordoada com a segunda onda do coronavírus.
As pessoas que haviam sentido os sintomas andam comentando que eles virão com mais força, deixando-nos mais apreensivos.
Acho que vou caminhar para um tema que nunca havia pensado: "Na morte e no morrer", como bem escreve Elizabeth Kübler-Ross. Ela é psiquiatra e fala dos doentes que estão próximos à morte.

Quero me preparar para este encontro, não sabemos a hora.

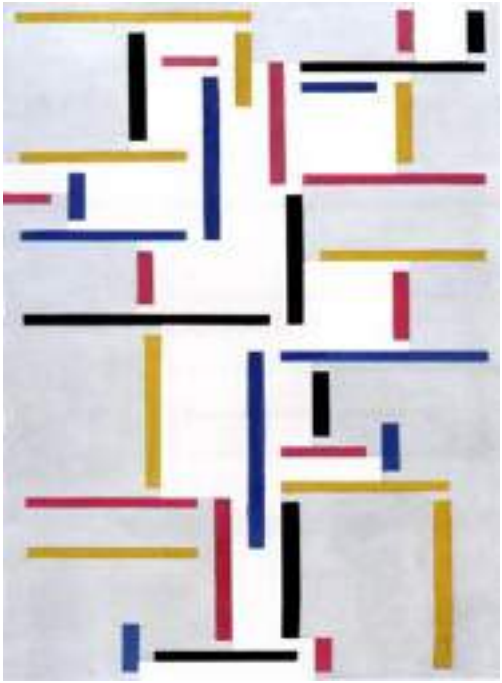
Aí desenhei uma mulher tão medrosa, todavia quando paramos para pensar o medo vai se dissipando.

Espero que meus desenhos não sejam considerados ilustrações. Ainda não sei que diferença é. Por que a ilustração não é desenho? Abaixo o desenho da galinha D'Angola recortado em três ângulos. Usei o carvão para escurecimento total, ou seja, quero visualizar uma galinha noturna que sai em busca de comida. Talvez, seja mais uma vez o medo do mundo. Ah mundo que está ficando triste, parece que de dia observamos mais nitidamente isso. Então o jeito é sair à noite, sem que ninguém perceba e vice-versa.

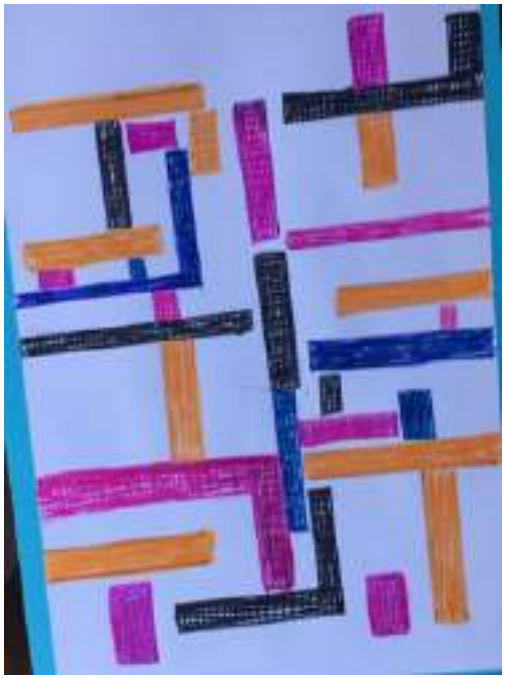
A assemblage abaixo é uma maneira de responder a uma das etapas do blog #CartasParaUmaCasa lançado para a comemoração dos 10 anos do Centro Cultural da UFG, #cartasacasa, que ainda não postei. Esta assemblage é a cozinha com materiais selecionados representando um espaço "eminentemente feminino". Não que não gostamos da cozinha, é porque ainda falta muito homem a assumir este espaço não como atividade cansativa, mas como um processo contínuo, que não tem fim e que portanto, deve sim ser dividido não importa se trabalhou fora ou não (falando assim porque às vezes é o contrário que se dá, quando a mulher trabalha fora)! Difícil discussão.

Continuo com a ideia de organizar as revistas de artes para conhecê-las e poder desenhar as capas, portanto é um processo inacabado. Achei muitas revistas interessantes, por exemplo, as três abaixo têm um trabalho muito interessante: Proa: antropologia e arte é uma revista da Unicamp, Woman's Art Journal é uma publicação da Jstor e está destinada às mulheres que queiram escrever; e Imaginário! é uma revista eletrônica semestral vinculada ao Núcleo de Arte, Mídia e Informação – Namid, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas – PPGC da Universidade Federal da Paraíba.

A capa da revista holandesa De Stijl me chamou a atenção porque ela é o nome do grupo fundador de uma associação de artistas e Piet Mondrian fazia parte dela. Assim, a capa fora pintada por Theo van Doesburg, Ritmo de uma dança russa, 1918, isto é, fez os passos de uma dança russa.



Dança Russa de De Stijl - Capa da revista De Stijl nome também do grupo no qual fazia parte Piet Mondrian, em Leida na Holanda, 1917



Na Bastos

SEMAR MEDO NOVO LAR DESCOBERTAS CHORO AUTOCONHECIMENTO COLAGO VAZIO CHORO ANSIEDADE SAUDADE PONTO FINAL SEM CHORO ALÍVIO REFLEXÃO INSÔNIA CHORO MEDO CHORO COMEÇO DESESPERO NOJO MEDO DESCOBERTAS RECOMEÇO AMAR

O CHÃO FIELMENTE E MEU CORPO
SIMBOLIZA MEU INTERIOR.
REPOUSA NO MACIO DA CAMA.
O MURO RECEM PINTADO
LEMBRANÇAS DE
OLHOS PROJETAM
CAMA EU
OBSERVO
PELA
TETO MEUS
O MUNDO. NO
UM DIA LIVRE E BELO.
DA JANELA O VAZIO
MEUS PÉS DESCALÇOS SENTEM
É MINHA UNICA PAISAGEM. AI!

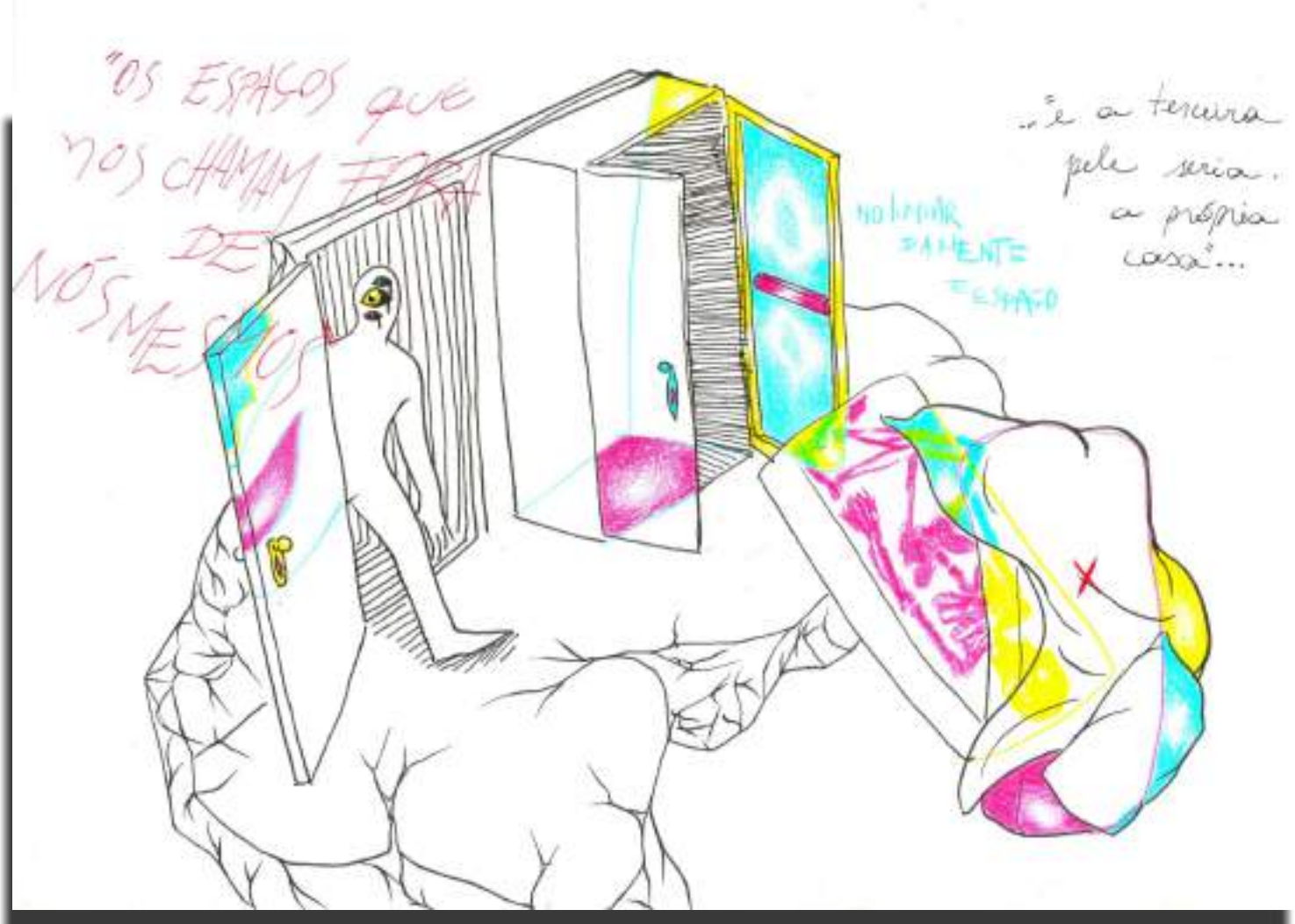
Como humanos, somos filhos da mudança. Uma roda infinita de sentimentos e carne pra sempre rodando e rodando. Somos feitos para sobreviver, eterna memória fumegada na necessidade de preencher.

Usamos meias palavras pra tentar nos entender, mas tememos a intimidade e a conexão. O cansaço me domina e a paciência não fala comigo mais, sou puro sentimento, sou pra sempre sensação. Não há derrota para aqueles que realmente se importam. Apenas por poder ou por amor me entrego.

A morte nunca foi e nunca será o fim. Pode espernear e berrar o quanto quiser, a força que me ergue vai além do sol que se dorme em minhas costas.

Não temo mais a sombra que dorme em meu armário, sou um com meus lençóis. Não tenho medo do escuro, sou filho da noite e não quero dormir.

Me tiraram a luz dos olhos, e agora danço nas lâminas de seu farol. A morte nunca foi sua inimiga. O efêmero e o eterno são amantes, seus corpos peças que se encaixam; figurativo e linear, puxo esse terço de emoções humanas e faço valer as palavras não ditas.

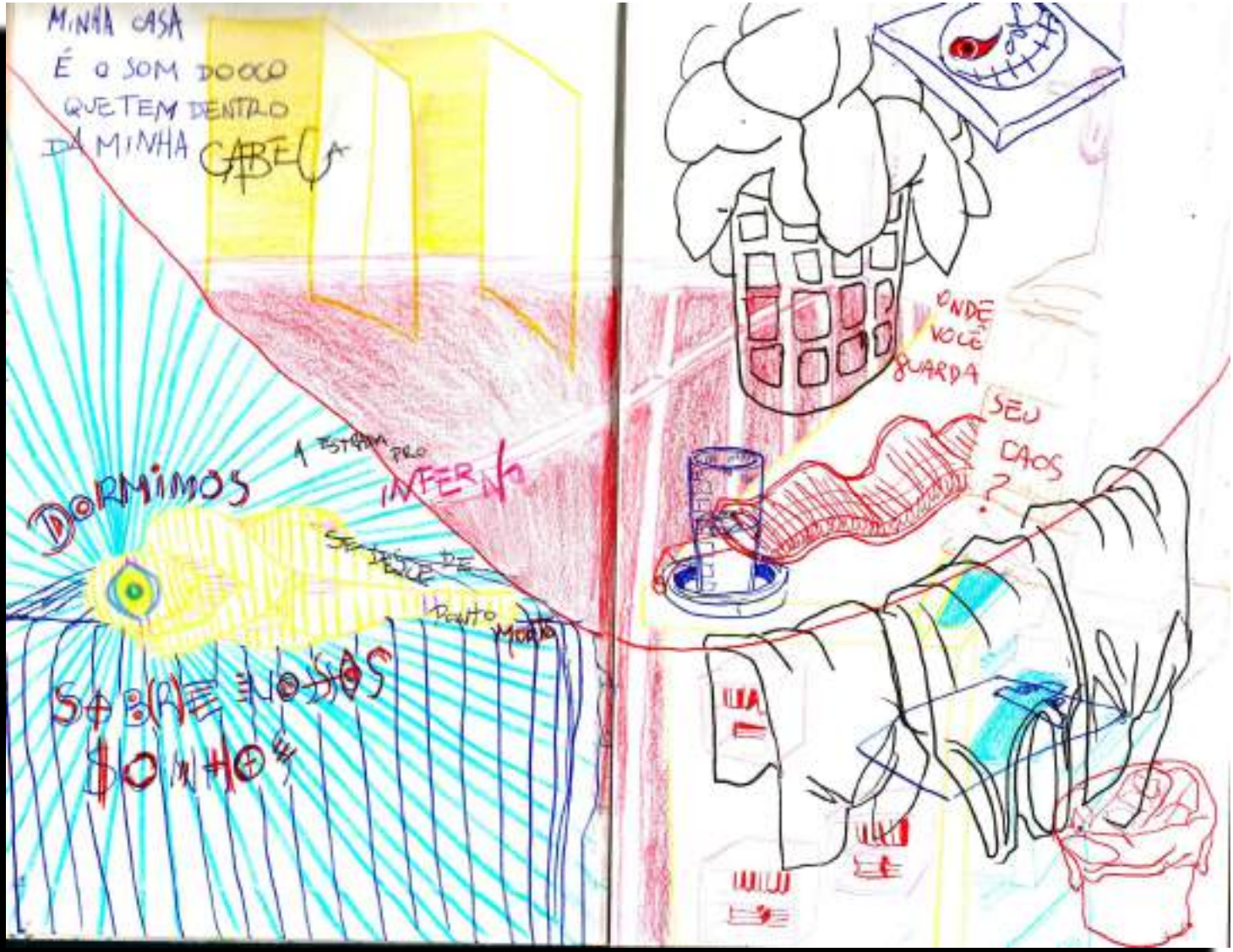

"OS ESPAÇOS QUE NOS CHAMAM FORA DE NÓS MESMOS"
NO LUGAR PARA ENTRE ESPAÇO
"e a terceira pele seria a própria casa"...

QUEIMEM AS FALHAS
NO MEU BOLSO

VOCÊ JÁ NÃO SABE MAIS ONDE ESTÁ ?
ESTAVERA DO HÁ MUITO TEMPO
O QUE VOCÊ TEM MEDO ?

NO MEU BOLSO
QUE LIVRO
QUE FOLHAS
LEVE DE ALGUÉM
que objetos
me chamam
atenção na
casa?
MANCHA CAMA
JANELAS = A ALMA
Coleção
cotidiano
naturalizado
da casa
BANHO
estranhéia

DO
QUE
VOCÊ
TEM
MEDO
?
VOCÊ JÁ NÃO SABE MAIS ONDE ESTÁ
NÃO HÁ
?
MAS DOR
ESTÁ PERDIDO HÁ MUITO TEMPO
CHORE APENAS NA CAMA


MINHA CASA
É O SOM DO OO
QUE TEM DENTRO
DA MINHA CABEÇA
DORMIMOS
A ESTRADA PRO
INFERNO
SEM DEIXAR DE
PONTO MORTO
SOBREVIVENDO
SONHOS
ONDE
VOCÊ
GUARDA
SEU
CAOS
?

CAIXÃO DE CONCRETO
THERE USED TO BE LIFE HERE

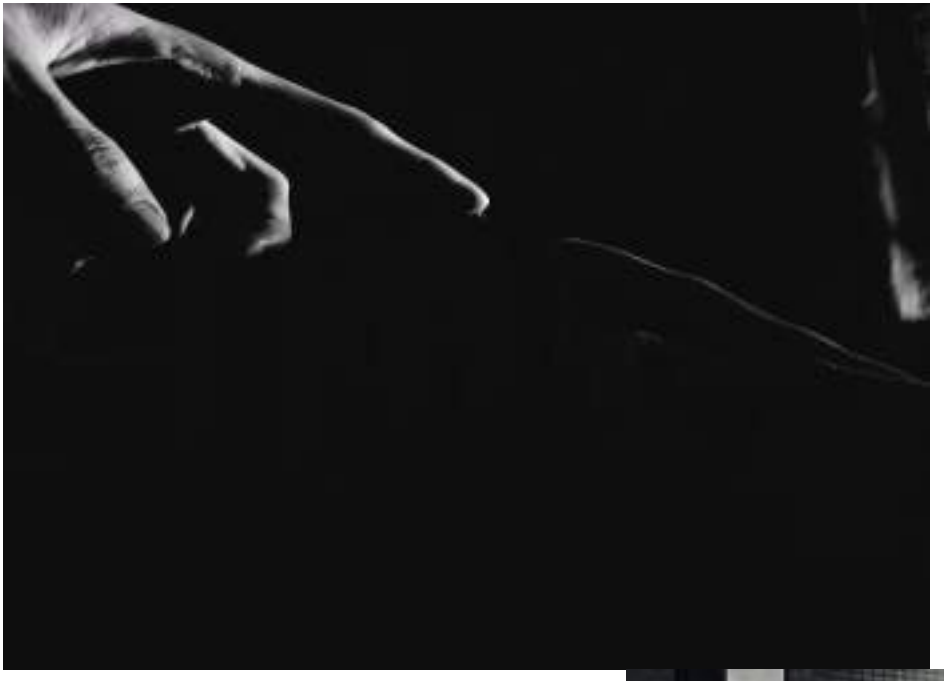
ARQUIVO DOS ESQUECIDOS

O ABRIGO DOS ESQUECIDOS

CAIXÃO DE CONCRETO
THERE USED TO BE LIFE HERE

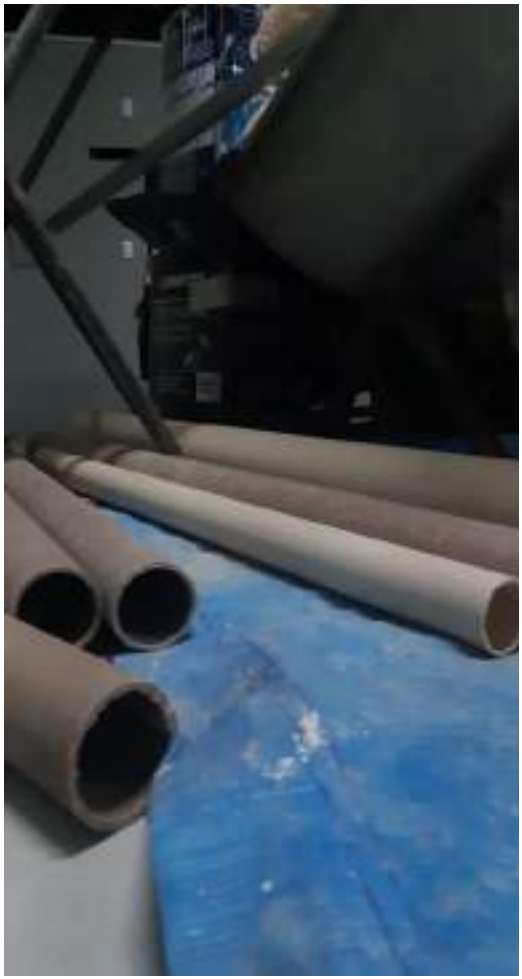
Nesse processo de experimentação parti à princípio de uma perspectiva fotográfica, pois nesse período me aproximei muito dessa linguagem, realizando várias fotografias da minha casa, pequenos detalhes que nunca tinha percebido antes. Então, tentei realizar desenhos como que se estivesse realizando um retrato, porém não consegui prosseguir com essa proposta, em parte por ter explorado e extraído muito nas fotografias, mas creio que o fator principal tenha sido a tentativa de estabelecer uma relação muito mais positiva com a casa do que a realidade atual.

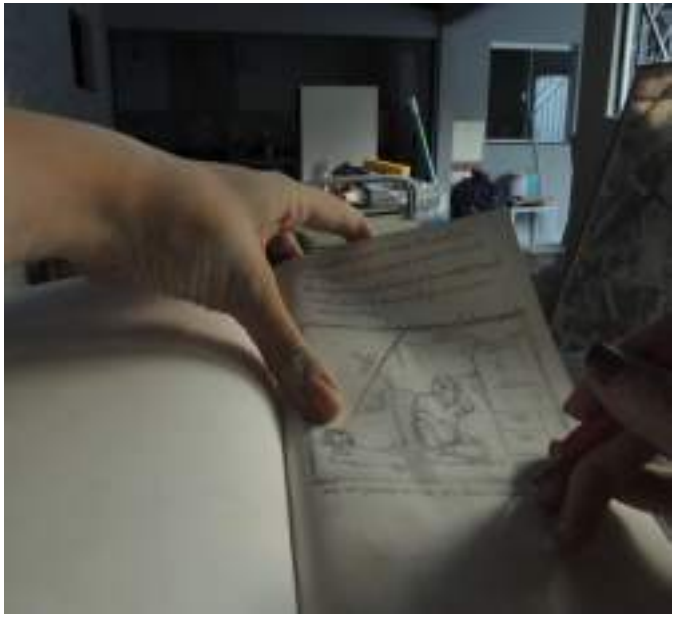
Isso me fez não gostar dos resultados, pois nesse tempo minha moradia, meu universo particular se redefiniu, no começo realmente teve uma expansão uma redescoberta positiva o que explorei bastante. Mas com o passar do tempo houve outra mudança, e esse ambiente recém-redescoberto começou lentamente a se tornar uma prisão, suas janelas, portas e portão se tornaram as grades de um encarceramento auto infligido. Então, surge uma dificuldade em relação a expressar esse ambiente, em vê-lo de novo como um ateliê, um ambiente de criatividade.



SAM COLODETO

A casa que se desmonta, remonta e monta





Por consequência, todos os abrigos, todos os refugios, todos os aposentos têm valores de onirismo consoante. Não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente "vivida", não é só na hora presente que se reconhecem seus benefícios.

Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova.

(Bachelard, 1978, p.200)

DA CASA

Pra mim, a casa começa na família.

Ou melhor, nas mãos.

Na mão que te enche o saco.

Na mão que conforta

Que falha, mas tenta.

E entende.

A mão que cuida.

Que acolhe.
Que aperta.
Que abraça.

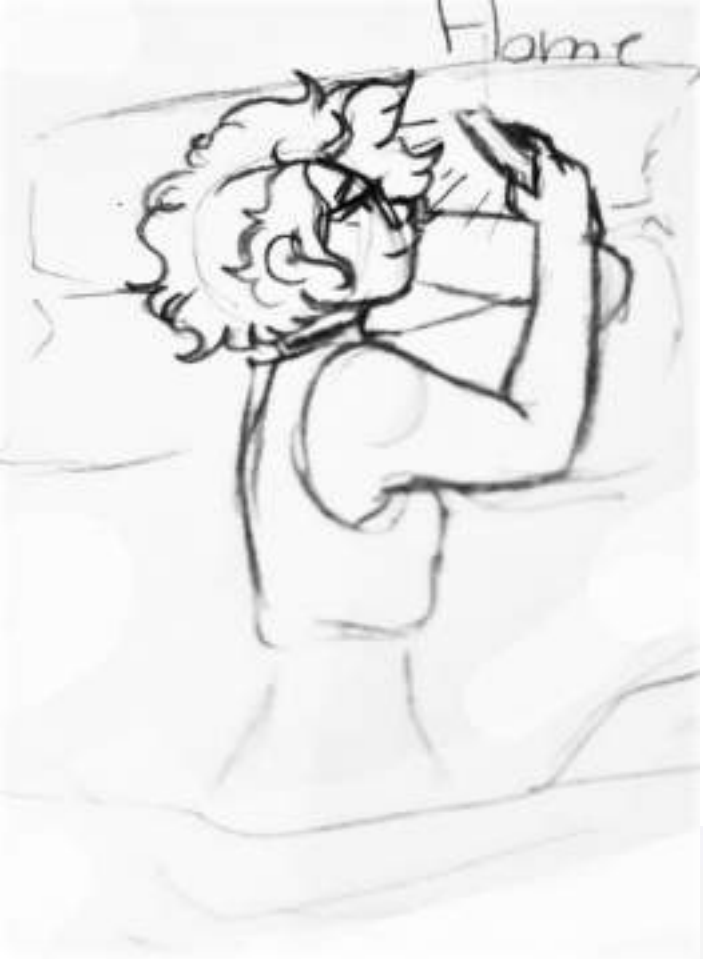
É CASA.

E CASA também é amor.

Amor, que vem de todos os jeitos.

Amor,
que é família.

Amor,
que é amigo.



Amor,
que é simples assim.

Amor.

De perto ou de longe.

Amor.

Sua casa. **Minha** casa.

CASA

É o lugar mais importante.

CASA

Vem de dentro.

LA
DO
FUN
DO

CASA é aqui.

CASA é VOCÊ.

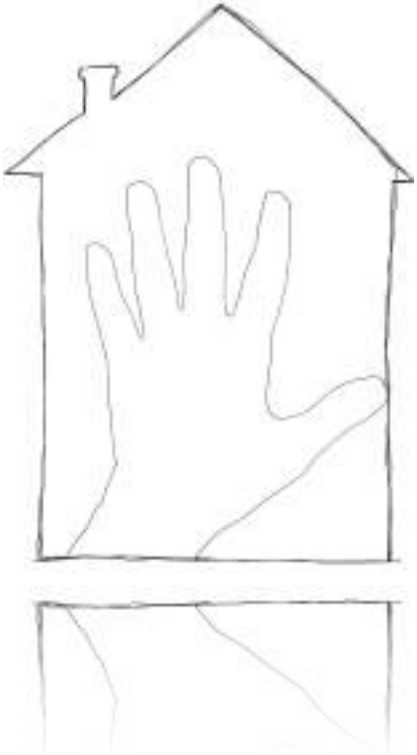
Desenhei palavras. Desenhei pensamentos. Desenhei memórias. Desenhei desabafos. Desenhei devaneios. Desenhei. Porque enxerguei que o desenho era maior que eu imaginava. Relembrei que quando não tive voz, tive o desenho.

02/09/20

* CORPO
* REFLEXÃO
* INTROSPECÇÃO

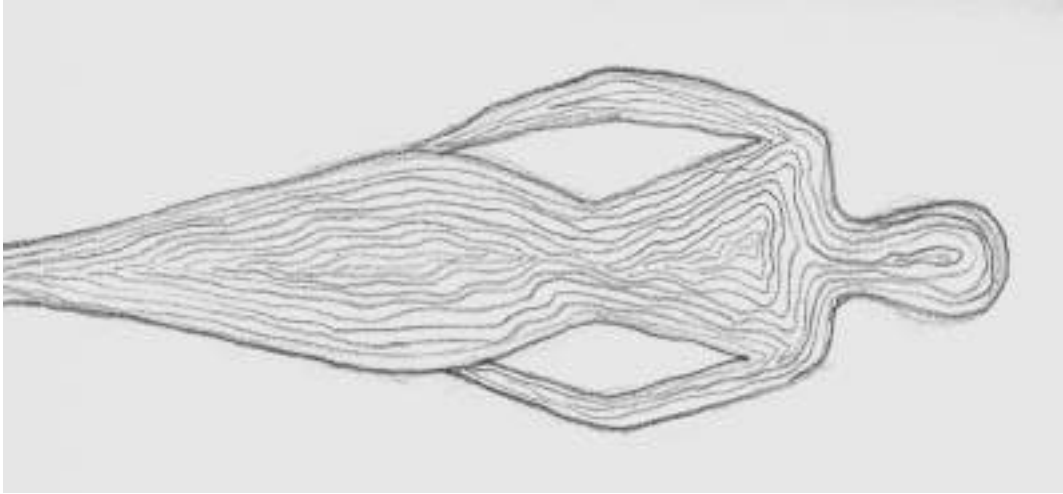
NÃO É POR ACASO...

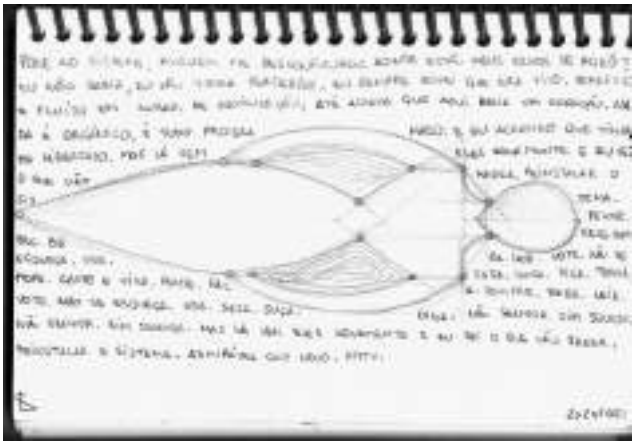
- QUE EU TENHA SIDO FORÇADA A FICAR FECHADA EM CASA JUSTAMENTE QUANDO ESCOLHI A PESQUISA DENTRO DE UM NÚCLEO DE PRÁTICAS AUTOBIOGRÁFICAS.
- QUE O CORPO ESTEJA AGORA TÃO EM FOCO; LOGO AGORA, QUE A PESQUISA PARTE DE INDAGAÇÕES SOBRE O CORPO PORQUE ESSA É A LINHA DO ORIENTADOR.
- QUE EU TENHA SIDO CONVIDADA A OUVIR UMA ARTISTA MARAVILHOSA DIZER QUE 'NADA É POR ACASO'.
- QUE ESSA MESMA ARTISTA TENHA FALADO SOBRE FAZER AS PAZES COM A PRÓPRIA HISTÓRIA; SOBRE 'FAZER, FAZER, FAZER' NESSE MOMENTO EM QUE, SIMPLESMENTE, NÃO DÁ MAIS PRA FICAR PARADO.
- QUE A PROPOSTA DE COLOCAR ESSAS REFLEXÕES NO PAPEL TENHA SURGIDO NO MOMENTO QUE ELAS MAIS BORBULHAVAM AQUI DENTRO.
- OUVIR DE DIFERENTES CANAIS, HÁ TANTOS ANOS, QUE TUDO É ENERGIA, É VIBRAÇÃO, E NADA É POR ACASO.



A CASA ABRIGA O DEVANEIO.
MAS EU SOU O DEVANEIO.
A CASA ABRIGA A MIM.
O DEVANEIO PARTE DE MIM.
NÃO CONSIGO ME PROJETAR
NUM OBJETO ESPECÍFICO, CONCRETO.
OS DEVANEIOS ESTÃO NOS PENSAMENTOS,
NAS COISAS QUE ESCREVO,
NAS QUE EXECUTO,
NAS PRODUÇÕES EXPOSTAS.
MAS A PRODUÇÃO É MINHA.
A PRODUÇÃO SOU EU.
E A PRODUÇÃO É DEVANEIO.
EU SOU O DEVANEIO.
A CASA ABRIGA A MIM.
A CASA ABRIGA O DEVANEIO.
A CASA É MORADIA.
É REFÚGIO.
É REFLEXÃO.
É INQUIETAÇÃO.
É PRODUÇÃO.
É MAS NÃO TAMBÉM CONFINO.
A CASA É ONDE HABITO.
MAS JÁ HABITEI UM VENTRE.
AGORA HABITO MENTE.
HABITO CORPO.
HABITO ESPÍRITO.
QUEM SERÁ A PERA
QUE HABITO?

A CASA ABRIGA O DEVANEIO...





Querida casa,
Olho para você e não sei dizer o que vejo.
O que é isso que você reflete?
O que é isso que você prende em mim?
O que é isso que você liberta de mim?
O que é isso que você diz?
E, tão sabiamente, também me oculta?
De tanto divagar, me perdi em infinitos
questionamentos.
Pensamentos.
Ponderamentos.
Atormentamentos.
Argumentamentos.
Travamentos.
Abafamentos.
Particionamentos.
Redirecionamentos.
Reaparecimentos.
Lentos
Contentos.
Descobri, então, que não sei quem você é porque
não sei quem sou.
Mas de uma única coisa sei, agora: você sou eu.
Ou, melhor, eu sou você.
Eu sou o meu próprio lar.
Assim veio sendo desde sempre.
E só agora algumas coisas parecem fazer sentido.
Mas o que é sentido num mundo tão pouco intuitivo?
Olho para mim e não sei dizer o que vejo.
O que é isso que eu reflito?
O que é isso que eu prendo em mim?
O que é isso que eu liberto de mim?
O que é isso que eu digo?
E, tão sabiamente(?), também me oculto?
De tanto divagar, me perdi no meu infinito particular.
E, por ora, não desejo sair.
Afinal, aqui é mesmo meu lar.

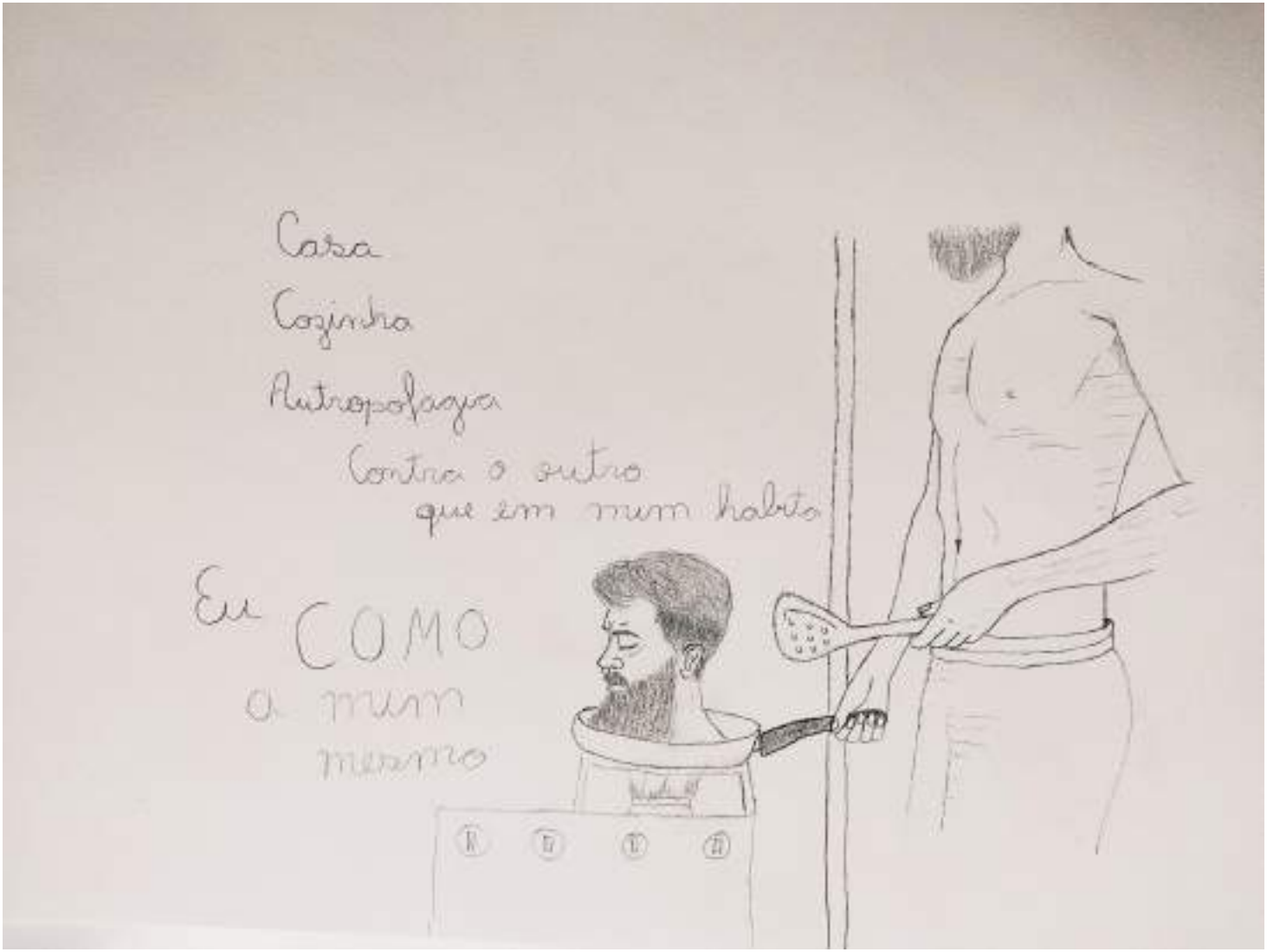
Ambição pelo híbrido, para que não seja mais híbrido.
Afinal, que final tem o material?
Eu quero a contradição.
Contradição é contraste, é preto no branco,
duro no macio, policromia no completo dessaturado.
É a fotografia que não é foto,
é a colagem que não se cola, é a linha que não se risca.

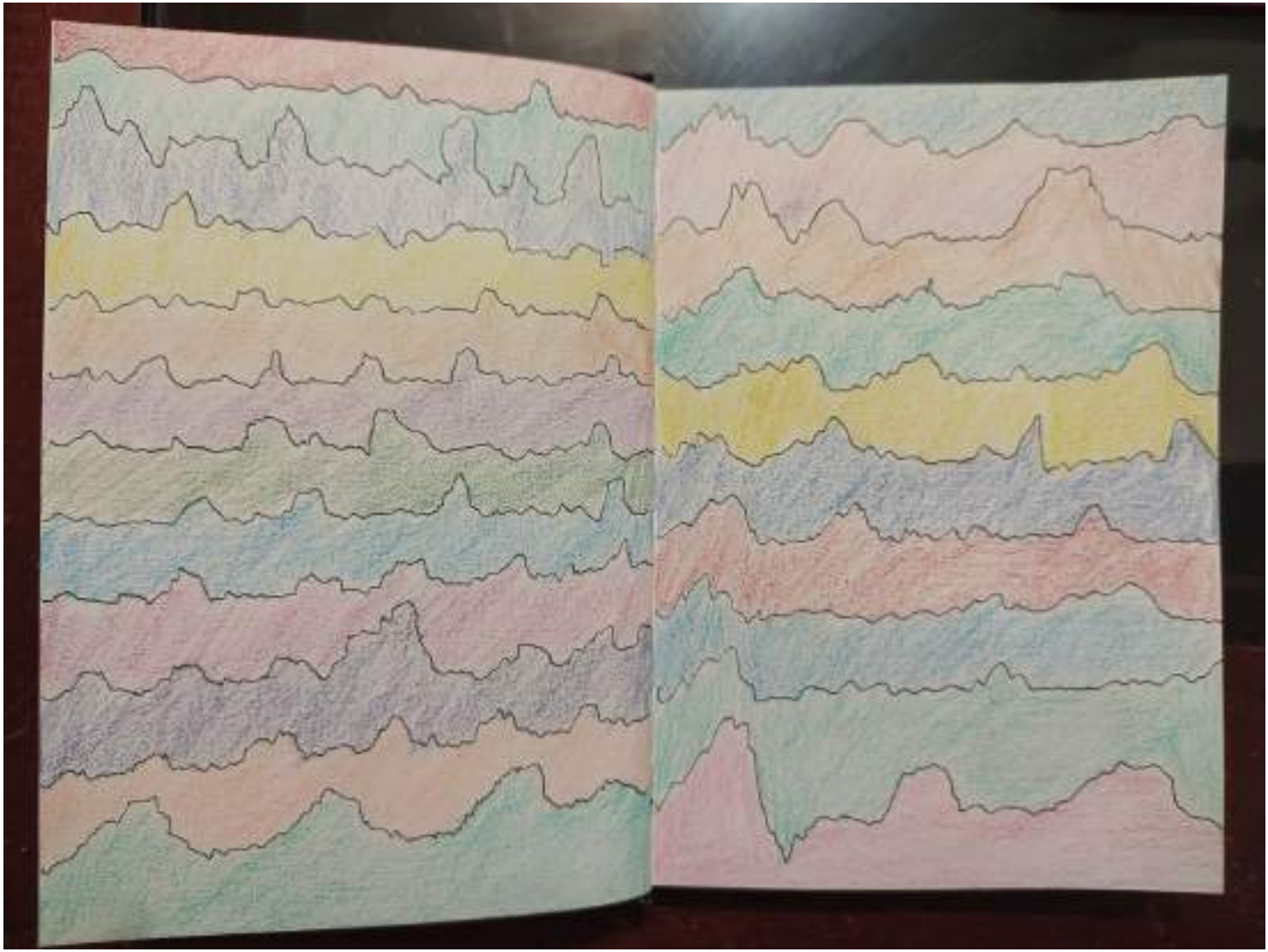
Em minha poética,
dissolvo minha autonomia de imagem.
Em minha técnica,
dissolvo minha não-autonomia manual.
A abstração completa o buraco figurativo.
A figuração revoga o hermético.

Permanece a sátira ao autorretrato,
enquanto o trabalho renova-se, recicla-se
reinicia-se e reconfigura-se.

Por fim, erradico e nego todos os signos e estetizações
a mim atribuídos,
atribuo os meus próprios.

A vida não tem sentido,
então há vida onde não há sentido.


Casa
Cozinha
Antropofagia
Contra o outro
que em mim habita
Eu COMO
a mim
mesmo

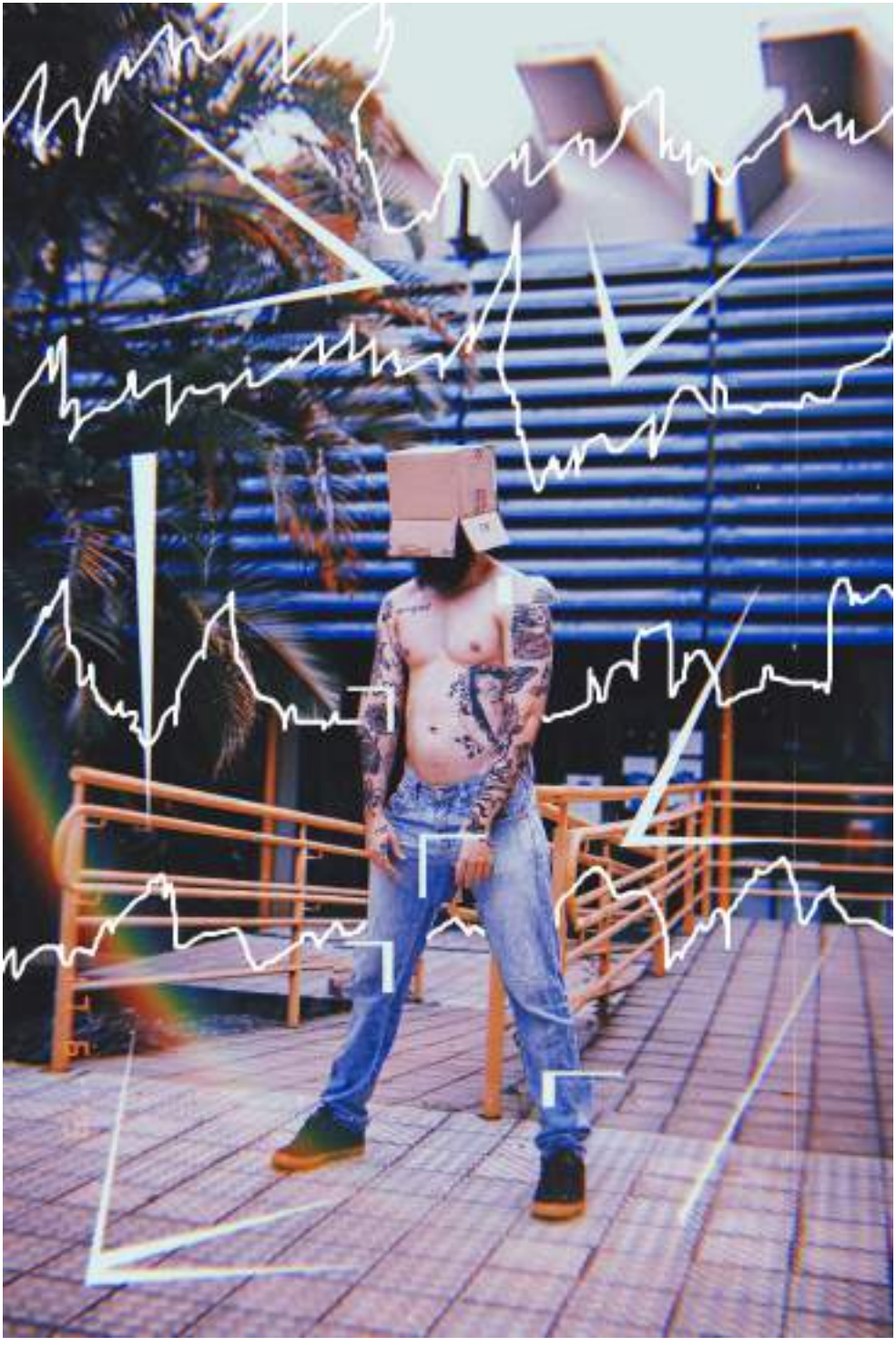


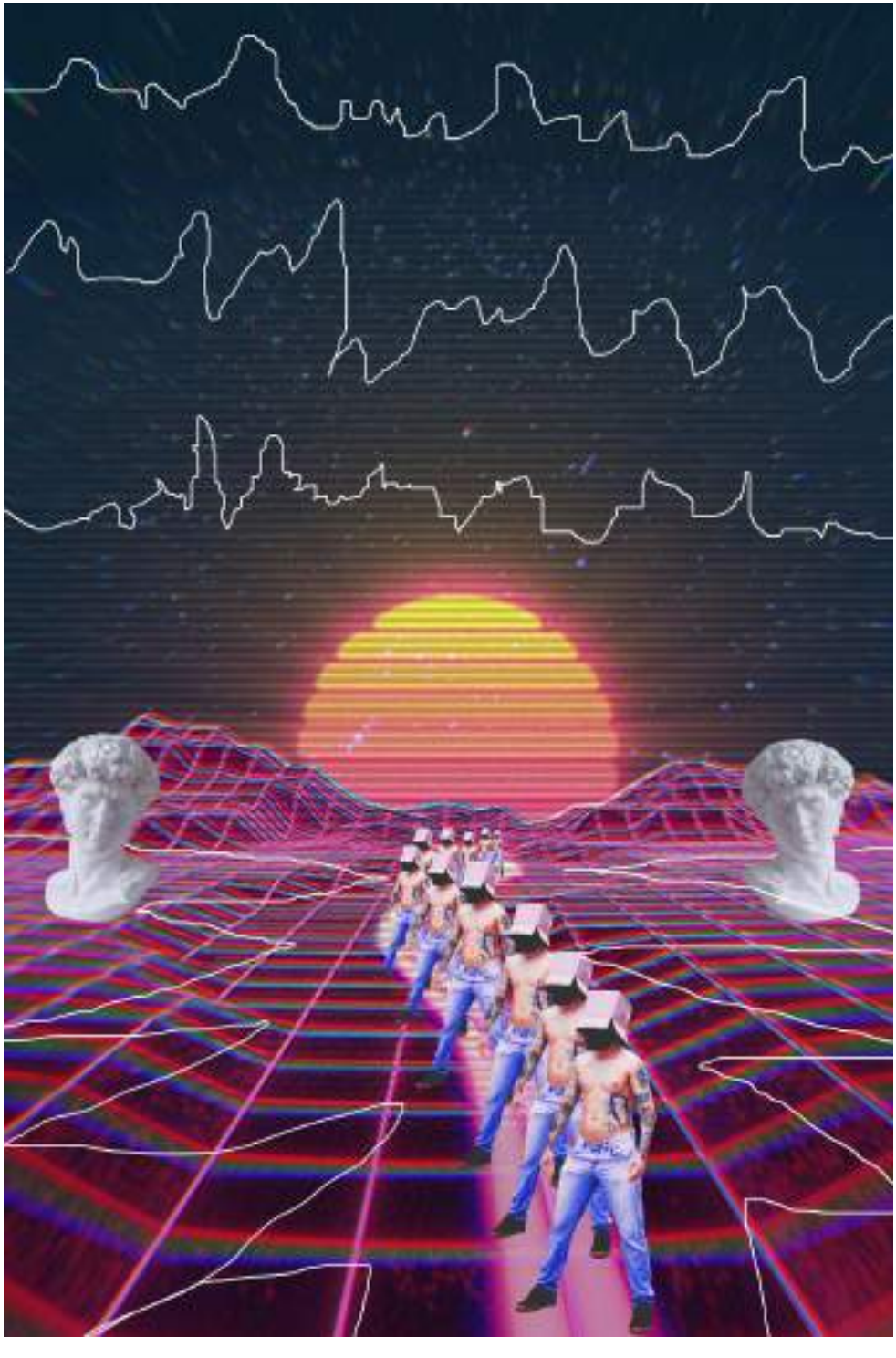
Célula

onda

Outro

Celulombra





Wes

Entre linhas e rabiscos, retratei algumas das pessoas com quem tenho um sentimento enorme. Pessoas que me apoiam e com quem eu sempre poderei contar.

Pessoas que me trazem algum tipo de conforto nas situações mais caóticas, principalmente nesse ano conturbado.

Essa é uma singela homenagem àquelas pessoas que eu amo. Entre linhas e rabiscos, meu amor por vocês é registrado.

Relatos, desabafos poéticos e e outros pensamentos

GLAYSON ARCANJO DE SAMPAIO

Ao longo do semestre, as proposições artísticas feitas nos encontros remotos aos estudantes, se entrecruzaram à leituras de textos como **"Habitar casas e ruínas: implicações do cotidiano e da pandemia no processo artístico"** de minha autoria, **"A casa como laboratório do aprender",** do artista Gustavo Torrezan, e **Revertendo o novo monasticismo global, de Emanuele Coccia,** textos estes que nos guiaram pelas primeiras investidas e experimentações pela casa.

Além disso, abri as portas da sala virtual para recebermos duas artistas convidadas, **Juliana Russo e Valéria Scornaienchi**, que gentilmente aceitaram tecer conversas com a turma. Nos encontros com as artistas pudemos aprender muito sobre a importância do **desenho e dos processos de criação**, mas também sobre aspectos da vida, os relatos das rotinas dos dias e sobre ser e atuar como artista nos dias atuais.

Os escritos que se seguem, foram feitos pelos estudantes no fórum criado na turma, e que carinhosamente foi nomeado pelos estudantes de "**desabafos poéticos**". No fórum em questão, propus a partilha de escritos, pensamentos, impressões, devaneios, imagens e outras referências sobre os processos que cada estudante estava desenvolvendo, partindo de alguns pontos disparadores, que listo a seguir :
- Como você tem habitado sua casa (e/ou) como a casa tem te habitado neste laboratório?;
- Como o desenho tem surgido e está sendo elaborado em suas investigações iniciais?;
- O que você tem descoberto e o que tem te instigado até aqui e que gostaria de compartilhar com o grupo?

Sigamos aos devaneios poéticos.
Boa leitura!

Desabafos Poéticos

ARTHUR LEAL MONTEIRO MACHADO

Boa tarde, turma!

Nesses últimos meses desde o início do isolamento tive a chance de habitar três casas diferentes: a primeira o apartamento em que moro em Goiânia, a segunda a casa da família da minha namorada em Pirenópolis, onde ficamos isolados por cerca de dois meses, e a terceira a casa dos meus pais em Porto Velho. Foram experiências que me levaram a refletir bastante sobre o ambiente da casa, sobre os seus formatos, sobre seus limites invisíveis, seus territórios, o espaço que é pessoal e o que é compartilhado, sobre as propostas de como a casa é organizada.

Recentemente, passo por um processo de tomar consciência da maneira como configuro meu espaço, e de experimentar organizá-lo de formas diferentes a modo de que facilite o meu convívio e os comportamentos que considero importante. Por exemplo, organizar o meu quarto de forma que as minhas leituras sejam mais fáceis e tenham mais qualidade, de forma que o meu sono tenha mais qualidade - esse tipo de coisa que deveria ser óbvia mas antes da quarentena eu nunca tinha parado pra pensar.

O desenho tem acompanhado todos esses processos. No habitar dessas casas eu constantemente desenhei seus espaços como mapas (infelizmente não tenho eles aqui comigo pra compartilhar), e pra matéria de pintura 1 eu tenho voltado a minha atenção pro espaço da cama e do sono (segue alguns deles nesse link https://drive.google.com/drive/u/2/folders/1R1bB7JA98Q-XldcX6UhBmGFEw18XURD3).

Acho que o desenho sempre foi uma ação que acompanhou o meu pensar e o meu experienciar a vida e foi algo que com o tempo eu fui perdendo, especialmente dentro do curso de artes visuais. Recentemente, tenho redescoberto esse lugar do desenho intuitivo, espontâneo, despretensioso e as falas da Juliana Russo e da Efe Godoy me ajudaram muito mesmo a delimitar esse espaço e orientar o meu desenho. Penso que dentro do curso se intensificou em mim a noção de que o meu desenho precisa ter justificativa, precisa ter um significado, precisa ser coerente e coisas assim, e aí que acaba você colocando muita pressão sobre algo que precisa relaxar, fluir.

Desabafos Poéticos

THAYSA ALARCÃO

Eu vinha habitando minha casa como ninho, mais do que nunca. Como lugar de segurança, de fuga, de descanso, de recomeço. Mas a casa tem habitado em mim como lugar de reflexão, de provocação, como espelho do meu interior, me mostrando que eu sempre fui meu lar, apenas não via isso com clareza antes.

Nesse trecho, compartilho *Triste, Louca ou Má*, da banda Francisco, el Hombre; uma indicação carinhosa de uma amiga também artista que tem me ajudado a enxergar algumas (várias) das minhas reflexões antes que eu mesma consiga formatá-las em palavras com alguma lógica.

https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE

O desenho tem aparecido para mim como caminho mais rápido entre a ideia e o projeto, uma concepção que ecoa aqui desde a Arquitetura; mas não falo só do desenho manual, falo daquele desenho livre em que a mão usa o lápis numa comunicação tão rápida que dispensa racionalidades. Falo de esboços; às vezes memórias, às vezes devaneios.

Durante boa parte do início da pandemia, onde tudo estava tão confuso, fui incapaz de "finalizar" um desenho, mas surgiram esboços como nunca antes; uma variedade de desejos de desenhos que nunca apareceu nas minhas melhores fases de vida. Percebi, então, que só precisava dar espaço não-racional para essa comunicação fluir. Desenhei palavras. Desenhei pensamentos. Desenhei memórias. Desenhei desabafos. Desenhei devaneios. Desenhei. Porque enxerguei que o desenho era maior que eu imaginava. Relembrei que quando não tive voz, tive o desenho.

Refletindo atualmente sobre o pouco que tenho de processo criativo, vi que muitas vezes minhas inspirações estão envoltas em palavras (palavras lidas, palavras ouvidas, palavras faladas, palavras-chave).

Mesmo nos desenhos mais livres, mas não-racionais, as palavras muitas vezes aparecem. Muito do que não consigo falar, escrevo. Muito do que não consigo falar, desenho. Me pergunto então, não são as palavras desenhos também?

Desabafos Poéticos

CRIZÚ

Ficar em casa nessa quarentena não tem sido um sacrifício muito grande para mim, desde criança nunca pude sair e sempre fui sozinha, mesmo convivendo com 4 pessoas em uma casa, acho que nunca senti o gosto da liberdade, então me acostumei a ficar fechada e não ter amigos.

Só tenho sentido falta das caminhadas que fazia a tarde pela praça, mas ainda me sinto bem, pelo menos agora estou livre na minha própria casa. Apesar de que não sinto tanto essa liberdade, pois estou longe, mas ainda sinto as feridas e o peso de um fardo que eu talvez já não devesse carregar.

Sinto que a criação que recebi me pesa demais, me sinto quadrada, fechada, torcida, amarrada e isso influencia demais na maneira como faço e penso meus trabalhos, sempre pensados demais, analisados demais, medidos demais. Queria muito conseguir fazer uma arte mais livre e leve, mas sinto que nunca fui assim e então não sei como fazer.

Sempre que faço um trabalho e vejo o resultado, me fere muito ver o quão quadrado sai e sem fluidez e liberdade, pensado, medido, amarrado... meu reflexo.

As últimas aulas e encontros com as artistas convidadas, foram como uma faca. Porque falaram o oposto de tudo que faço. Muito foi dito sobre não pensar, não buscar tanto explicações, poéticas, e em deixar fluir, mas não consigo fazer isso.

Estou tentando então, começar a fazer desenhos mais livres e sem refletir muito, tentando não "amarrar" minhas produções a ideias, mas acho que foi isso que fizeram comigo a vida toda e acabo fazendo o mesmo na minha arte.

Tem sido muito doloroso e sofrido esse processo, mas vou insistir mais um pouco. Tento fazer algum desenho sem pensar muito, refletir ou fazer indagações mas quanto menos penso menos arte consigo fazer. Sem pensar não me sinto motivada a fazer nada.

Acho que ter ouvido um "E daí?" para tudo que eu fizesse, sempre me fazia buscar o porquê das coisas. Mas vou tentar mais um pouco. Isso tem me incomodado desde o começo do curso, e às vezes penso se estou no lugar certo. Eu já não sei se consigo fazer arte.

Desabafos Poéticos

MARIA CLARA CURTI VIEIRA ALVES

Olá :)

Desenhar sempre foi um desafio pra mim... nunca foi muito minha atividade favorita, não conseguia me desenvolver, empacava no meio do processo e sempre achava que eu nunca faria um 'bom' desenho (seja lá o que isso seja).

Acontece que de um tempo para cá, um pouco antes da pandemia ser uma realidade, comecei a pegar gosto pela coisa. Comprei lápis de cor, canetinha - já tinha giz pastel oleoso - e um skecthbook e logo depois ganhei mais um caderno do meu namorado. Estava indo tudo bem. Em um desses cadernos comecei a fazer uma espécie de diário com rabiscos, alguns fragmentos de observação do mundo e etc., mas nada complexo. Nenhum desenho 'perfeito'. *Spoiler*, eram perfeitos para mim.

Mas então, o Coronavírus chegou e tudo meio que virou de cabeça para baixo, né? Para todo mundo, com certeza. Minhas entradas diárias no meu caderno/diário, se tornaram semanais, mensais até que chegaram a ser trimestrais. E parei para pensar por quê eu estava negligenciando um exercício que me fazia bem - e a resposta que eu encontrei foi que eu não estava bem. Comecei novamente a me cobrar, a duvidar das minhas produções e lidar com uma ansiedade sem precedentes, algo que, ao final de agosto, já havia me paralisado.

Por qual motivo eu estou falando isso tudo? Primeiro eu adoro um 'desabafo artístico' rs. A segunda, porque comecei a me re-conhecer. Nunca estive tão próxima da minha casa/lar/morada. A casa em que eu vivo literalmente, com paredes, portas, piso, banheiro, cozinha e quartos e a minha **casa-corpo**.

Muitas questões surgiram quando eu vi que eu não podia mais fugir de mim mesma, me atarefando na faculdade, com *freelas*, com atividades extracurriculares e situações do dia a dia. Só tinha a mim mesma e as paredes de madeira que me cercam.

O processo em que nos encontramos nesta disciplina de Poéticas do Desenho já é uma antiga conhecida minha, porque já fugi dela outras vezes; ela exige de mim a atenção que eu por muito tempo não dei aos meus **processos artísticos e pessoais**, e embora seja um processo árduo, é muito gratificante saber que eu não posso mais evitar o confronto entre eu, minha casa e o desenho.

Após ler os textos disponibilizados e a conversa com a artista Juliana Russo, consegui entender e me identificar nessa bagunça toda que está sendo esse ano. Eu optei por manter todo o meu processo no **caderno de artista**, pois é um formato com que eu tenho proximidade e que as coisas fluem mais naturalmente, para mim. Aceitei meus desenhos 'feios' e 'infantis', com muito lápis de cor com traços corridos, pois eles são meu maior meio de expressão no momento.

Estou ansiosa para saber o resultado disso tudo!

Desabafos Poéticos

EMMANUEL FELIPE DE ARAUJO AMARAL
(BADU)

Olá gente! Tudo bem?

Bom, a conversa com a artista foi incrível e me possibilitou algumas reflexões que saltam as possibilidades traçadas pela camada primordial do bate papo. Enquanto ela falava sobre alguns processos dela, comecei a navegar um pouco pelo Google Maps como se procurasse algo que não estava achando anteriormente.

Nessas buscas, retornei para o bairro que minha família paterna reside em João Pessoa minha cidade natal. Redescobri alguns espaços que pudessem me dar um fôlego dentro do aspecto da casa, uma vez que minha própria residência atual incita questões que são mais densas de processamento no momento. Por conta disso, e pensando na arquitetura de uma casa, procurei me conectar com os meus quintais (seja lá onde fossem eles)

"Meus quintais" é um disco da Bethânia que ela explora o minúsculo, o menor e uma cosmologia interior para contar um pouco sobre o todo que lhe compõe. É lindíssima a forma que você acaba entendendo que os quintais são de dimensões diversas. Quintais de memórias, de estadias, de casa e tantos outros. Bato na mesma tecla, mesmo que minha casa não tenha um quintal, pretendo explorar esse termo, pois é o que se conecta diretamente com o que me angustia e alivia neste instante.

A partir disso, irei desenvolver posteriormente dois aspectos que me saltaram mais nessas buscas durante e posterior a conversa com a artista Juliana Russo. Primeiramente, o que intitulei como '' Casa de bairro'', são reflexões sobre algumas questões relacionadas a diversas casas das redondezas que morei que porém, nunca entrei e só contemplei pelo lado exterior; Lugares que me transportavam todas as vezes que eu passava em frente e que me imaginei como era viver naquele local, o que suas janelas viam e principalmente o mistério cotidianos que muitas dessas casas desenvolveram na construção do meu emocional.

São locais que estavam em partes de rotas que tracejei para ir a escola, na padaria ou no supermercado, estabeleci relações de frequência, e visualizava como expectador, as mudanças do tempo ou dos moradores nessa casa. Esse ainda está só no mundo das ideias, mas pretendo em breve trazê-lo para a realidade em forma de um Diário de bordo de rotas do passado.

A segunda ainda se encontra inconclusa, pois se relaciona diretamente com o desenvolvimento da primeira. A ideia seria uma reflexão sobre o ‘’ Ponto de inflexão’’, que na química narra um processo pertencente nas reações químicas e que pretendo me apropriar (com toda humildade de quem tem seus traumas com química orgânica) para narrar duas casas em que residi. A primeira casa é a da minha Vó em João Pessoa, na qual o período de 2010 a 2012 trouxe mudanças significativas em mim. A segunda é a que eu moro desde de 2017 até o presente momento.

Esses lugares guardam em suas paredes um objeto-memória das minhas transformações, onde pretendo evocar esses dois períodos por considerar o impacto deles na minha pessoa para o futuro.

Bom, creio que o meu desenvolvimento e pretensões são esses no atual momento. Não sei se conseguirei trabalhar as perspectivas como gostaria, mas a intenção é caminhar nesse rumo das abordagens.

Desabafos Poéticos

SARAH CARVALHO COLODETO

Falar de casa, ateliê.. do agora. Vai ser complicado. Ainda não sei no que isso aqui vai dar, então perdão. Esses meses dentro de casa tem me consumido por completo. Psicologicamente, fisicamente... Estar em casa me trouxe 1/5 coisas boas.. e o resto digamos que não tão bom assim. As atividades propostas têm sido de grande ansiedade pra mim- COMO falar sobre, quanto mais DESENHAR, sobre algo que me faz tão mal? Demorei muito, e ainda nem tenho certeza se esse é meu pensamento final, mas tive que me desprender muito da casa como uma construção de tijolos e cimento com tinta por cima.

Pensar sobre a situação mundial me paralisa - pensar em como estamos quase literalmente presos dentro de casa me dá pânico - tocar num lápis com o intuito de me expressar sobre isso quase me mata. Tentei desenhar espaços da minha casa: Os quartos que mais fico, os cantos que mais me escondo, a visão que tenho desses esconderijos - cogitei subir no telhado pra ver se algo me chamava atenção, mas não quis arriscar quebrar as telhas novas.

Amanhã vou apresentar uma folha de desenho. A única coisa que consegui desenhar com o tema em mente - a casa como ela é pra mim - NÃO um espaço físico, mas um estado. Casa é estar com quem eu amo, com quem me faz bem, criando memórias, rindo, chorando.. sentindo. Tudo que eu tenho tido a imensa dificuldade de ter nessa incrível quarentena.

Criar é muito difícil daqui. Minha casa não é um lugar pra que eu possa criar, o lar em que moro não me inspira na maneira que preciso pra produzir algo genuíno, meu medo me impede de experimentar sem uma rede de segurança a dois metros de mim - minha casa me dá ideias e inspirações, me dá felicidade e amor, me dá motivos pra existir. Tentei expressar isso na mísera folha que apresentarei. Está incompleto, um pouco forçado, mas é oque eu posso fazer na minha atual exaustão.

Me senti quebrar na semana passada, me despedacei no fim de semana, e acredito que no momento estou sendo triturada. Mal posso esperar pela parte em que eu começo a me remontar.

Será se isso conta como devaneio?

Desabafos Poéticos

MARIA RAQUEL GOMES DA SILVA

A Juliana Russo deixou-me um legado: "Descobri a minha linguagem a partir dos erros de linhas e traços".

Então estou procurando neste curto espaço de tempo a minha linguagem. Está muito prazerosa esta procura e me deixo levar sem controle (também faz parte da fala de Juliana Russo), porque o desenho está chegando para mim não aos 20 anos, porém aos 60, mais tarde ainda!!!!

Desabafos Poéticos

WALLISON SANTOS DINIZ

Boa tarde!

Gostei muito da conversa com a Juliana! Eu que já sou quase egresso do curso, nunca me dei bem com as disciplinas de desenho e pintura, tanto por minha linha de conforto estar na fotografia e manipulação digital, quanto por discursos contraditórios. Se eu buscava melhorar minha mimesis, estava comum demais e desinteressante, se eu buscava abstração livre estava solto demais e deveria ser mais "técnico". Se eu combinava ambos, a poética estava pobre... Então me senti ainda pior do que já me sentia ao desenhar, incapaz, inútil.

O permitir-se errar que a Juliana destacou é fundamental pra mim. Fundamental principalmente para que eu não pare pelo olhar do outro. Sobre a questão da casa como ateliê, ironicamente eu praticamente não tive grandes modificações em meus processos e em meu cotidiano. Já passava no mínimo 70% do meu tempo em casa no período pré-pandemia, agora subiu para uns 90%.

Como artista dependente do meu computador para finalizar meus trabalhos plásticos, sempre dizia que meu ateliê começava na rua e terminava em casa. Inclusive, na última atividade subi uns 2 trabalhos de 2018 que resgata exatamente uma proposta minha para minha casa. Nesses trabalhos eu me impus a produzir fotografias de mim em minha casa, satirizando minhas condições narcísicas e refletindo sobre o quanto eu passava bastante tempo comigo mesmo naqueles tempos de graduação, como isso insurgia sobre minha personalidade?

Agora, apesar da similaridade com esse cotidiano de antes, há um fator principal que difere. A pandemia praticamente me casou com minha noiva, passo todos os dias com ela e sou profundamente sortudo de tê-la ao meu lado. Aí vem a oscilação de casas também, pois passamos um pouco de tempo na casa de meus sogros, um pouco em minha casa e um pouco na casa de meus pais. Não sei se o fato dessa companhia radicalizar-se insurgirá sobre meus trabalhos, mas creio que descobrirei em breve.

Desabafos Poéticos

LETÍCIA NASCENTE GOMES

Juliana Russo me atravessou muito quando disse "o que é espaço e o que sou eu é uma coisa só".

Essa frase ecoou inclusive nos esboços que tenho feito para a disciplina de Pintura 1. Isso se deve provavelmente ao fato de que daqui uma semana eu completarei 5 meses morando com minhas avós no Tocantins e sinto que sou outra pessoa. Certamente a mudança de espaço tem ressoado em mim e na minha produção, seja ela em desenho, fotografia, vídeo performance ou música. A casa que habito é outra e eu também sou.

O desenho nesse período tem sido uma surpresa boa - tenho gostado de desenhar, o que pra mim é completamente novo - e como agora estou mais afastada das produções dos colegas de classe me sinto mais livre para errar, o que tem sido bom, por mais que também seja engrandecedor o contato com obras de outras pessoas, como tem sido o caso das experiências boas que tenho vivido ao conhecer as produções de outros artistas no Núcleo de Pesquisa em Práticas Artísticas Autobiográficas.

As vezes bate uma saudade terrível da minha casa anterior e da vida que eu levava meses atrás. Algumas músicas tem me ajudado a ter força pra lidar com essa situação toda, vou deixar o link aqui para *Ímpeto* da banda *Troá!* que tem me lembrado da minha outra casa em Goiânia e de que um dia será possível que eu volte para ela.

https://www.youtube.com/watch?v=dc1FeLhlAdA

Desabafos Poéticos

MANOEL OLIVEIRA DE FIGUEIREDO

A conversa com a artista Juliana foi uma experiência maravilhosa, me senti representado nas palavras dela, principalmente na questão de começar a desenhar depois de mais velho, as inseguranças que surgem com isso (sensação de atraso, etc.), então foi uma conversa em que eu pude refletir bastante sobre como vejo minha produção e me ajudou a encarar meus erros de um jeito diferente, respeitando meu próprio processo.

Essas foram questões constantes durante esse tempo de isolamento, pois foi o momento em que eu tirei pra produzir e me focar mais nos aspectos importantes pra mim dentro da arte, anatomia e composição; onde eu pude estudar sobre processos de ilustração e animação; em suma, onde eu pude ter esse tempo só para mim, e onde eu pude lidar melhor com essas inquietações.

Ademais, gostaria de continuar a explorar esses pontos dentro da nossa disciplina, mas sei que algumas das vezes não será condizente ou possível, tendo em mente os temas que estaremos lidando, mas vou manter a mente aberta caso surja a oportunidade.

Desabafos Poéticos

GIULIANNA VITORIA AUGUSTA RAMOS

Oi, todo mundo. Há semanas que tenho habitado uma espécie de casa mental que eu tenho passado meus dias, desenhando, ouvindo melodias e observando daqui do meu quarto ou sentada no degrau da área. São os dois lugares de casa que mais tenho ficado.

Mas, eu também tenho morado em muitos lugares, estado em muitas cenas que eu sinto confortável no meu pensar. Tenho a reflexão que em muitos dias a minha mente é o meu lar. Um lar que armazeno sentimentos, caixas compartimentalizadas de vários acontecimentos reais e hipotéticos. E enquanto eu penso, muitas vezes eu desenho ou escrevo poemas. Talvez seja uma espécie de laboratório mental que me guia.

Gosto de silêncio para que eu possa entrar nesse transe e escrever. Gosto de melodias para transcender emoções através das faces que desenho. Eu sento e me torno imersa ora no meu quarto/área, ora na minha casa mental. E é bom, porque sou somente eu e minhas coisas.

Tenho habitado uma galeria, onde as pessoas veem meus desenhos, esses mesmos desenhos que procuro expressar as emoções que a pessoa do desenho transmite. E escrevo o que penso, o que as outras pessoas sentem. Tudo isso sentada na minha cama, com a janela aberta e procurando algum lar mental para que eu possa me instalar e conhecer coisas novas.

Estive em campos, casas, escadas, cozinhas, portas de casas, estive em um barco, em uma sala vazia e apenas uma poltrona com uma vista para um jardim. Habitei muitos lugares e tenho feito deles como minha casa e meu laboratório.

Desabafos Poéticos

NÍCOLAS ALVES MONTEFUSCO

Desde pequeno tenho uma conexão com o desenho, sendo uma das primeiras formas de conseguir me expressar de verdade pare meus pais e professores sem ter que me preocupar em como entregar a mensagem que queria passar. Acho que é por isso que me sinto desconfortável com palavras, a fala e a escrita sempre me pareceram limitadas, rasas demais.

Não tive um momento na vida em que não estivesse acompanhado de um lápis e um papel, eram e ainda são mais importantes do que uma roupa bonita pra mim.

Com o início da pandemia e a reclusão social tive a oportunidade de aprofundar mais no que eu entendo por desenho, ou pelos menos tentar aprofundar mais nessa questão e ainda não tenho certeza se consegui chegar a algum lugar.

O grande problema de ficar parado em um único lugar é não só a estagnação e o cansaço, mas como a mente vai caducando, perdendo fios de sanidade a cada dia que passa. Pessoalmente não tenho problema com isso, claro que é um processo um tanto que desgastante, mas aprecio muito esse efeito nas minhas produções. Sanidade é superestimada.

As paredes brancas do meu quarto logo se tornaram os limites da minha jaula, perambulando de um lado pro outro e decorando cada cerâmica no chão embaixo dos meus pés. Até onde essa conexão com o espaço que estamos não muda nossa forma de ver o mundo ? Cada ida ao mercado uma viagem, uma aventura de redescoberta de espaços já saturados. Uma constante repetição de eventos, dias iguais e cômodos gêmeos, a rotina febril da quarentena nos abriu os olhos para pequenos detalhes ignorados no dia a dia.

Esse ciclo infinito, quase demente, realmente me cansou, mas a ponto de me conectar mais com o hábito do desenho. Um dia após o outro, um desenho após o outro, a repetição é uma velha amiga. Um tanto megera, mas sempre bem vinda.

Sou relutante a entender a ideia dos processos do desenho, uma dificuldade de onde a inspiração vem e como eu começo a produzir. Apenas sinto vontade de desenhar e o faço, sem pôr muito pensamento no gesto.

Creio que pelo meu costume e agora pela falta de conexão com o tempo que a quarentena me proporcionou sinto que desenhar se tornou uma parte inseparável de mim. Mesmo que eu entenda o porquê de estar fazendo o que estou fazendo, uma explicação satisfatória sempre vai fugir de mim.

Desabafos Poéticos

FELIPE SANTOS DE SOUZA

Nesses últimos tempos pouca coisa no macro tem acontecido na minha vida, contudo quando observado o micro, muita coisa tem se passado. Acho que pensando em relação ao espaço que meu espírito habita (meu corpo e casa) tudo tem sido calmaria de fora, mas tempestade de dentro. Ultimamente, devido ao Covid-19, tenho tido muito tempo para pensar, e essa atitude fez com que eu me movesse de várias formas e começasse a planejar várias coisas.

Dentro desse ambiente me vi com a necessidade de "aprender a desenhar". Sendo assim me prometi que ano que vem irei iniciar um curso de desenho no Basileu. Confesso que eu estava pensando em buscar esse curso com o objetivo de fazer um desenho mais técnico e que eu pudesse desenvolver um estilo "mais dentro do padrão" naturalista, etc. Porém, a aula e os desenhos com a professora Juliana Russo mexeram muito comigo no sentido de que eu não preciso necessariamente fazer um desenho com um traço aprendido em outro lugar, mas posso desenvolver o meu. Eu entendo que ela não falou objetivamente sobre isso, mas foi algo que eu visualizei e compreendi. Essa situação e a forma com que ela produz me impactou nesse sentido. Eu ainda planejo estudar no basileu, mas lá buscarei me desenvolveu e não buscar outro estilo. Talvez a beleza do meu desenho esteja no meu traço torto e tremido, que no momento não me agrada mas que no futuro com certeza me deixará feliz.

Quanto a fala da Valéria, me motivou no sentido de eu ir produzindo e ver depois de um tempo o que isso me provocou. Levando em consideração minha experiência, eu nunca agi assim até hoje. Contudo vou me deixar aberto a esse caminho quando me sentir confortável.

Quanto a casa para a disciplina da professora Maria Tereza pensando na proposta dela eu consegui chegar a uma forma que pode ser utilizada aqui também. No desenho que criei que misturo um pouco do tempo, espaço, casa, o próprio logo do projeto "casa como ateliê" e eu. Em outro momento eu explico melhor sobre tal desenho e posto ele nos espaços disponíveis para essa matéria.

Quanto ao meus projetos relacionados ao medo e casa eu nao tenho pensado e produzido muito, mas voltarei a refletir como transmitir tais ideias em um papel.

Desabafos Poéticos

DEBORAH ESTER DOS SANTOS VASCONCELOS

A casa é o lugar onde você deve se sentir acolhido, livre, onde é possível experimentar, sem fingimento, sem máscaras, onde você é apenas voçê, não uma versão criada para ser aceita na sociedade.

A casa é o seu lar, seu refúgio, onde é possível se abrigar, sem amarras, sem julgamentos. Pelo menos, deveria.

Sempre gostei de ficar em casa, nunca fui de sair muito, dessa maneira não está sendo um desafio muito grande permanecer neste espaço durante a quarentena.

No início encarei como uma oportunidade de melhorar no desenho, desenhava todos os dias e estava gostando muito. Porém, hoje em dia está sendo muito difícil produzir algo por falta de inspiração/motivação. Ver as mesmas coisas, a mesma cena todos os dias contribui para isso. Como a artista Juliana Russo falou em nosso encontro, "o exercício de desenhar é o exercício de ver", e essa falta de ver "novos ares" tem me atrapalhado um pouco.

Quanto à proposta de desenhos sobre a casa, eu tentei buscar elementos mais antigos e que representavam algo para mim, porém, a minha impressão é que eu já esgotei as possibilidades, pelo menos não me vem nada mais à mente.

Desabafos Poéticos

KEI JARDINI DA SILVA

Andei focando mais meu tempo nos processos da Atividade 5, me pareceu muito promissora uma ideia que tive. A ideia é o seguinte: eu conto sobre a minha história em desenhos.

Claro, como eu sou muito dramática eu mudei tudo na história, porém, continua sendo a minha vida. A história se passou e ainda se passa durante a quarentena, conto nos meus desenhos sobre uma amizade muito forte que me acompanhou desde o início de mim, infelizmente essa amizade acabou, isso me deixou extremamente abalada. Foi o equivalente à morte de alguém que tenho muita estima e talvez realmente seja isso que aconteceu, pelo menos pra mim.

A história é contada em desenhos por meio de um tríptico, indicando o início, meio e fim dessa narrativa. O início e o meio já ocorreram, o fim ainda não sei qual é, ainda está pra acontecer. Tudo se trata de relacionamentos, comigo mesma e com outros.

Na parte 1 conto sobre a presença de um forte sol que é eclipsado, o sol representa esse grande amigo que se foi. Ainda que me flagelasse, pode parecer estranho, mas sua presença era o que me era necessário, apenas eu não sabia. Na frente da personagem que me representa tem um lago e nesse lago é possível ver um reflexo, o reflexo é ninguém mais ninguém menos que o próprio Cão em figura de gente, um prelúdio do macabro desenrolar da trama da protagonista.

O tempo do desenho é o tempo equivalente ao início da quarentena, não vivia em minha casa, mas sobre a ardente presença de um sol que me alegrava através do mundo cibernético, foi uma amizade online que morava muito longe. Entretanto, utilizo no desenho alguns elementos de minha casa, o chão é pintado com a terra vermelha do quintal de minha casa, afinal essa narrativa se passou no mesmo solo que pinta o desenho e que sustenta essa edificação.

Na parte 2 o eclipse já ocorreu, o que havia de ser, foi.

Dentro de minha casa, ou pelo menos assim penso, me encontro com uma figura estranha, ela é Mamãe Satanás. Com ela eu faço um acordo, ela me promete felicidade e amor, desolada eu caio nesse conto do vigário. Enquanto tudo isso acontece, acostumada com o calor não reparo sua presença quente, as chamas podem começar facilmente um incêndio no teto que cobre minha cabeça, um teto de palha.

A palha é outro elemento encontrando em minha casa, meu pai e minha mãe são autônomos, vendedores de milho, o chão é coberto de palha aqui em casa, foi um elemento muito interessante na composição e adoraria trabalhar novamente com palha, porém de jeitos mais criativos.

O tempo dessa parte da história acontece no agora, eu ainda estou sobre um acordo em que dou minha alma e coração. Meu útero, parte inexistente em minha anatomia, foi obtido por meio de um pacto com o capeta, é o lar de algo desconhecido mas que há de ser parido.

A parte 3 há de vir, o desfecho eu já imagino qual será, porém cabe a vida me contar exatamente os detalhes, tim tim por tim tim. Haverá sangue eu imagino, uma tristeza sem fim, entretanto pode ser o início de algo novo, estou ansiosa.

Até o próximo fórum, desejo uma saudável e satisfatória vida à todos.

REFERÊNCIAS:

Textos utilizados nos encontros remotos:

COCCIA, Emanuele, Revertendo o novo monasticismo global. São Paulo: n-1, 2020. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org/textos/2. Acesso em: 13 out. 2020.

TORREZAN, Gustavo. A casa como laboratório do aprender. São Paulo: Glac Edições. Disponível em: https://www.glacedicoes.com/post/a-casa-como-laborat%C3%B3rio-do-aprender-gustavo-torrezan. Acesso em: 10 out. 2020.

SAMPAIO, Glayson Arcanjo. **Habitar Casas e Ruínas: implicações do cotidiano e da pandemia no processo artístico.** Revista Alegrar n.26. Dez 2020. ISBN: 1808.5148. Disponivel em: https://alegrar.com.br/dossie-26-24/

Textos elaborados para o Fórum:

Relatos, desabafos poéticos e outros pensamentos. Material elaborado a partir de textos disponibilizados no Fórum ensino-aprendizagem remoto para a Disciplina Poéticas do Desenho. Criado na Plataforma SIGAA, 10 Out 2020.

FAV
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

ISBN: 978-65-00-15582-2 . Glayson Arcanjo de Sampaio (Org.)